

VISCONDE DE TAUNAY

PAIZAGENS BRASILEIRAS



EDITORIA COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
(WEISZPLOG IRMÃOS INCORPORADA)
SÃO PAULO - CAYEIRAS - RIO - RECIFE

PREFACIO

Há neste volume partes já publicadas em primeira edição e uma parte inédita.

As *Curiosidades Naturaes do Paraná* inseriu-as o Autor no tomo 52 da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, o opulentíssimo repositório de cousas nacionaes que tantos e tão notaveis tesouros encerra na sua quasi centena de volumes.

Para o público, porém, e a não ser para alguns especialistas esta obra do Visconde de Taunay vem a ser inédita, manuseada a *Revista*, como é, apenas pelos eruditos.

A terceira parte a que dei o nome *Aspectos da Costa Sul e Santa Catharina* é inédita e está visivelmente incompleta. Não me consta haja sido publicada, muito embora esteja eu muito longe de ter conseguido o levantamento total dos artigos que seu autor espalhou pela imprensa brasileira, sobretudo pela do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Paraná e Santa Catharina.

No interessante e espirituoso prefacio do seu *El Militarismo mejicano*, e a explicar que durante quinze annos de jornalismo produziu um artigo diario se não douz, gaba-se Blasco Ibáñez de não pertencer à classe dos escriptores que julgam «merecer ver prolongada em livros a existência circunstancial e ephemera do trabalho periodístico». E a tal propósito conta que nem se deu ao trabalho de ajuntar os seus artigos e engracadamente commenta: «Imagine-se el lector que me distingue com su benevolencia de que peligro se ha librado por mí falta de fervor colleccionista... Si yo fuese de los autores que creen defraudar á la posteridad cuando olvidan juntar en un volumen hasta las cartas enviadas á los amigos, á estas horas existirian treinta ó cuarenta libros de articulos de Blasco Ibáñez, pues llevo producidos miles y miles, completamente olvidados que no sabria encontrar ahora, aunque me lo proponiere».

Dava-se com o Visconde de Taunay o mesmo que com o célebre romancista hespanhol. Em trinta annos de colaboração no

jornalismo escreveu quiçá uma dezena de milhares de artigos, politicos, litterarios, historicos, de critica, de acto, biography sobre questões economicas e sociaes, etc. Muitos me são inteiramente desconhecidos. Ainda ha pouco o amigo Desembargador José Arthur Boiteux assinalava-me a existencia de uma serie destes escriptos, tratando de viagens e excursões em Santa Catharina, que me prometeu mandar copiar.

O que neste volume se publica provém de numerosas laudas com apontamentos desenvolvidos e truncados que colligi e onde se notam algumas soluções de continuidade.

Creio que o autor pretendia ampliar largamente estas notas, destinando-as a algum jornal fluminense ou paulista, em series de artigos em que reunia as impressões de viagem à parte anecdótica de sua vida, como tanto era de sua feição.

Foram traçadas numa época em que activamente colaborava no *Commercio de S. Paulo*, no *Imparcial*, jornaes de S. Paulo, e na *Gazeta de Notícias*, *Notícia* e *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro.

A descrição do panorama desfructado do alto do Morro do Antão não tinha ainda dado a forma definitiva, quer me parecer. Julguei contudo interessante publical-a tal qual está, pois não é desvaliosa. Um pequeno trecho desta parte é commun a um capítulo das *Reminiscencias políticas* publicadas na *Notícia* e na *Gazeta da Tarde* entre 1896 e 1898. Deve ter sido transcrição, pois tudo me faz crer que estas *Impressões* sejam posteriores ás *Reminiscencias*.

Como houvesse encontrado no *Diário Intimo* do autor umas linhas que se referem ao assumpto destes escriptos, transcrevi-as como annexo.

As *Curiosidades naturaes do Paraná* dei uma ordem mais adequada á factura moderna dos livros que evita a intercalação de grandes notas ao texto. Renovei-lhe ligeiramente também a orthographia que estava antiquada; o mesmo quanto á pequena noticia relativa ás Caldas da Imperatriz.

S. Paulo, março de 1926.

AFFONSO DE E. TAUNAY

CURIOSIDADES NATURAES
DO PARANÁ

Se jamais houve admirador incansavel e entusiastico em seus incessantes arroubos das bellezas e cousas da terra natal, foi, sem duvida alguma, o meu querido e malogrado amigo de adolescencia Manoel Eufrasio Correia (¹), cuja morte prematura, a 4 de Fevereiro de 1888, a provincia inteira do Paraná lamentou com demonstrações de pezar nunca vistas, intensas, espontaneas, sem excepção de localidade e — direi quasi — sem distincção de côr politica, embora, de ha muito, o tivessem os seus adversarios identificado com todas as desafeições e malquerenças da luta partidaria e de campanario.

Pois bem, quando, em meiodos de Abril de 1886, voltei da viagem que acabara de fazer aos Campos-Geraes, ao sertão e á cidade de Guarapuava como presidente da provincia do Paraná e a varios amigos contei embellezado as fundas impressões, que dessa longa digressão trouxéra e talvez um dia descrevesse, uma das primeiras perguntas que me dirigiu Manoel Eufrasio foi: «Você vio os *Buracos*?» Respondi negativamente. «Pois deixou de apreciar cousa bem interessante. E a *Lagoa*? A *Villa-Velha*?

(1) Vide a nota A. no fim do volume.

«Tambem não». Então, no seu estylo fluente, colorido e imaginoso, que facilmente se guindava nas azas da eloquencia, bosquejou-me elle aquelles lugares e curiosidades e tal prestigio imprimiu á sua narrativa, tão enlevado delles me fallou, que me incutiu o desejo de partir de Curitiba com aquelle simples objectivo. De todo, porém, me faltou o tempo, quer pela accumulação de serviço nas vesperas de deixar a administração da provincia, quer pela urgencia em vir ocupar o meu lugar de deputado na camara dos senhores deputados, e não pude realisar a projectada visita.

Tenho, comtudo, hoje meios e ensejo de fallar, por modo algum tanto exacto e minucioso, das localidades, a que se referira com tamanho deslumbramento o meu velho amigo, guiado como sou pela relação que dellas deu, em dias de Março deste anno de 1889, e na *Gazeta Paranaense*, o intelligente e laborioso professor Sr. Nivaldo Braga, homem bastante entendido em varias especialidades litterarias e scientificas, espirito pesquisador e amante sincero da natureza e da patria.

I

Os Buracos, a Lagôa, a Villa-Velha, a Gruta Santa, nos Campos Geraes

Com a denominação generica e vaga de *Buracos* são conhecidas tres profundas perfurações naturaes do solo, que demoram na parte oriental da fazenda do Capão Grande e distantes uns vinte ou trinta kilometros da cidade de Ponta Grossa, em cujo municipio se acham comprehendidas.

Duas são fronteiras uma á outra, na direcção de NE. para SO., separadas por uma lingua de terra de mais ou menos cem metros de largura; a terceira, ao Sul d'aquellas, fica a um kilometro de distancia, podendo ser considerada vertice de um grande triangulo, cujas linhas são outros tantos canaes subterraneos, que communicam entre si e levam á agua, que se divisa no fundo de todas tres, a uma lagôa sita uns kilometros mais ao Sul.

Diz o Sr. Nivaldo Braga que «á primeira vista parecem restos das crateras de extintos volcões»; mas para tanto fôra necessario, que elle nos tivesse tornado saliente a disposição tronco-conica ou das excavações ou do terreno em torno, podendo, neste ultimo caso, ser aquellas perfurações os canaliculos de dejecção das materias volcanicas; mas é o mesmo observador que, pouco depois, acrescenta: «forão effeito do abatimento das camadas sedimentares do sub-sólo.»

Aliás, esta idéa de volcões extintos não é no seu todo inaceitavel. Logo á entrada dos Campos Geraes, apenas se galga a Serrinha, que constitue o degrão de separação com os Campos de Curitiba, vê o viajante bellissima prova da antiga acção plutonica e, depois, do prolongado acamamento neptunino no profundo reconcavo que fica á direita de quem sobe e na disposição pitoresca e caprichosa de muitos renques de pedras e rochas, ou agrupadas, ou soltas.

O primeiro dos *Buracos*, isto é, o mais occidental, mede, segundo os calculos do Sr. Nivaldo Braga, naturalmente approximados (¹), de profundidade 170 metros e de boca 80, de E. a O. e 70, de N. a S., sendo as paredes formadas de camadas estra-

(1) Na apreciação da superficie e do perimetro ha visivel engano.

tificadas de barro vermelho, cheias de anfractuosidades e reentrâncias, em que se aninharam não poucas aves, como *corvos*, *curucácas* (¹) e outras. Vê-se no fundo, como que estagnada, grande porção de agua coberta de um limo esverdeado-escuro e ensombrada por arvoredo um tanto alto, agua que o nosso informante, com sensivel exageração, declara simplesmente de profundidade immensuravel, quando talvez o contrario se dê, isto é, seja rasa e escassa em tempos normaes.

O segundo *Buraco*, é, mais ou menos, de identicas proporções senão um pouco menores, observando-se tambem embaixo o mesmo deposito liquido, com aspecto igual ao do outro. O peão ou camarada, que acompanhava a excursão, affirmou que uma junta de bois nelle cahira em certa occasião e desaparecera com rapidez vertiginosa, indo, muito tempo depois, aparecer na *Lagôa* a ossada levada pelas aguas de juncção interna.

Quando o sol bate de chapa e perpendicularmente á direcção desse grandioso poço, admira-se, quasi a meio delle, lindissimo e persistente arco-iris produzido pelos raios solares através do nevoeiro, que o despenhar de um filete d'agua, a cahir do lado direito, alli fórmula e constantemente mantém.

O terceiro é muito menor. O Sr. Nivaldo Braga nos diz, que mostra ter 100 metros de profundidade, o que de certo já é respeitável, e 30 a 40 de boca. Recebe da borda austral un lagrymal.

Além destas tres perfurações naturaes, cuja cons-

(1) *Curnácus* ou *curucácas*, diz o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan, no seu *Dicionário de Vocabulários Brasileiros*, são aves ribeirinhas do genero *Ibis* (*Ibis albicollis*). *Etym.* É voz onomatopaeica. No Paraná as ha muitas, e a sua presença nesses *Buracos* indica grande quantidade de peixes, ou ali, ou perto. Com effeito, na *Lagôa* encontramo extraordinaria abundancia, como adjante veremos.

tituição seria de interesse estudar com cuidado, outras existem nos Campos Geraes, como as da Capella do Tamanduá e do Campo do Buraco Grande, em que crescem palmeiras e alterosos pinheiros, cuja fronde de longe simula rasteiro vegetal, produzindo não pequena impressão e estranheza poder-se verificar de perto e medir-se com os olhos as fórmas de agigantadas arvores, entaliscadas naquelles enormes tubos.

Suppõe-se no Paraná, com visos de verdade, que todos esses *Buracos* se ligam entre si por conductos interiores, os quaes levam as aguas ao grande reservatorio, chamado *Lagôa*.

Fica esta um tanto affastada e tem cèrca de tres kilometros de perimetro, communicando com o ribeirão Quebra-Pernas, affluent do rio Tibagy, por um esteiro de tres metros de largura e um de profundidade. Rodeada em suas barrancas, bastante altas, de espessa restinga e com fundo lodoso, em que se nota não pouca areia branca um tanto esverdeada, tem aguas crystallinas e puras, que não são, com tudo, potaveis por salobras e de sabôr desagradavel e picante, «devido, diz o Sr. Braga, á consideravel quantidade de acido carbonico, sendo por isto apropiadas aos incommodos do estomago,» o que carece de confirmação. Navegavel a canôas até ao rio Tibagy, distingue-se a *Lagôa* por sobremaneira piscosa, abundando nella peixes de boas dimensões e innumeros cardumes de *douradinhos*, *pirapitingas* e outros, que á tona fazem scintillar ao sol as variegadas escamas, ao passo que *bagres*, *papa-terrás*, *trahiras* e mais habitantes do lôdo nelle buscam o alimento ou esperam escondidos e vigilantes, a appetecida presa.

* * *

A leste dos *Buracos* e da *Lagôa*, e a uns 30 kilómetros da cidade de Ponta-Grossa, demora a chamada *Villa Velha*, assente no dorso de largo outeiro, comprehendido nas terras da fazenda de criação do Barão de Guaraúna, Domingos Ferreira Pinto. Nada mais é do que extensa e pitoresca pedreira desse grés vermelho, que os ingleses apelidaram *old red sandstone*, frequente no terreno devoniano e cuja disposição estratificada e sujeita a faceis erosões e esboroamentos dá lugar a córtes, incisões, talhos, fendas, lascas, pannos e lanços de muro, que simulam, com mais ou menos exactidão, ruinas de cyclopeos edifícios, torres, castellos, fortalezas, igrejas e cathedraes e a que a imaginação popular imprime logo prestígio e significações peculiares, e, não raro, da maior elevação poética.

Na viagem a Matto-Grosso vi, principalmente entre essa província e a de Goyaz, muitos desses curiosos efeitos da acção demorada das águas em extensas bacias mediterrâneas, águas que acharam depois saída e escoamento, às vezes lento e gradual, outras violento e vertiginoso. Neste caso, os vestígios da passagem da massa líquida em sua impetuosa carreira são complicadas e singularíssimas fórmas de destruição — ora a deixar após si destroços e convulsões, ora a produzir rendilhados, gregas e arabescos, qual trabalho paciente, miúdo e artístico — n'aquelle outro, isto é, no abaixamento moroso e sucessivo das linhas de afloramento, são traços continuos de rigoroso parallelismo e cada vez mais baixos, quasi junto ao fundo dos valles, e a se prolongarem na encosta e no dorso de serras, morros

ou outeiros isolados, muitas vezes separados por largas distancias; assim, nas cadêas de montanhas da Cabelleira, S. Jeronymo e outras. Muitos pontos tiram seu appellido d'essas configurações commumente bellissimas e capazes de impressionar até o mesmo selvagem ou o sertanejo, tão alheios, no geral, ao influxo esthetic das paizagens e á acção moral da natureza physica com a qual vivem identificados e que não lhes merece a minima attenção, por fazerem della mais immediatamente parte.

D'ahi os nomes de Torres, Castellos, Arcos e Babylonias, pouso este na província de Goyaz, que patenteia tambem signaes inconcussos de velhas erupções volcanicas, pedra pomes, ferro esponjoso, etc.; d'ahi em Matto-Grosso, o esplendido e monumental Portão de Roma⁽¹⁾, cujos alcantilados córtes, bem a prumo e magestosos, como que de repente transportam o espirito do viajante á Cidade Eterna, áquelle centro, que por tantos séculos foi a capital do mundo conhecido e em que tudo era ou devia ser grandioso, colossal, quasi sobrehumano!

A *Villa Velha* tem a frente voltada para N. O. e nessa direcção se estende por quasi um kilometro, com mais ou menos 500 metros de profundidade. Para quem a contempla de longe, semelha restos de alterosa fortaleza; de mais perto, porém, mostra aspecto de grande e abandonada cidade, com ruas bem rectas, cortadas em esquadria e formadas de rochas aprumadas. No alto de alguns massiços que se agrupam, cresce verde e fino tapete de relva n'umas espécies de soteias, d'onde se descortina muito bonita vista.

(1) Quem lhe deu essa denominação foi o sertanejo Perdigão. Encontrei-o, em 1866, no caminho das pantanaes, entre Coxim e Miranda (Matto-Grosso) e perguntei-lhe o que o levava a appellidar d'esse modo aquella passagem. «Pois então, respondeu-me sem vacilar, só em Roma é que pôde haver um portão assim!»

Em dous bairros distinctos se pôde dividir aquela pétreia cidade — a *Alta*, em pleno descampado; a *Baixa*, encravada em matta que fica proxima.

A algumas d'essas ruas deu o Sr. Nivaldo Braga denominações de brazileiros illustres por muitos titulos, como senador Zacarias, primeiro presidente e installador da provincia do Paraná a 19 de Dezembro de 1853, separada como foi da de S. Paulo e nos mesmos limites da antiga comarca de Paranaguá e Curitiba, Correia, Barão de Cotegipe e outros; e, aqui, não posso esquivar-me ao dever de cordialmente agradecer a delicada fineza que me dispensou, baptizando uma das principaes, e que tem nada menos de 20 metros de largura, com o meu insignificante nome. Ás praças principaes intitulou 13 de Maio, em honra á formosissima lei da Abolição, 29 de Agosto e 19 de Dezembro.

As ruas da Villa Baixa não ficaram tambem sem appellido e foram chamadas do Capanema, Beaurepaire Rohan, Manoel Euphrasio, Ermelino de Leão e outros conspicuos cidadãos, ligados á província do Paraná por um sem numero de serviços e nobilitantes recordações.

Terminada a parte mais interessante da excursão, deixou o Sr. Braga de visitar outras curiosidades, menos falladas, embora tambem dignas de observação e estudo e aliás pouco distantes, taes como o *Sobrado* e o *Itacolomi*, onde ha grandes lagedos naturaes dispostos como calçadas e que lembram pela feição, e simplesmente por isso, alguns pontos das celebres grutas basalticas da Escócia, segundo descreveram os companheiros de viagem, conhecedores exactos de todas as bellezas dos Campos-Geraes.

Era pouco o tempo para irem todos desfrutar a franca e grata hospedagem que lhes proporcionou o fazendeiro Domingos Ribas em sua estancia do

Ignacio Dias; e ninguem melhor do que eu sabe, por experienzia propria, quanta delicadeza, espontaneidade e affagos ha na cavalheirosa hospitalidade paranaense, principalmente quando exercida por essa extensa e importante familia Ribas, da qual conservo as mais gratas recordações, obsequiados como fomos, eu e os meus, por occasião da nossa visita á interessante cidade de Ponta-Grossa, em começos de Abril de 1886.



Grutas santas não faltam na província do Paraná, e não poucas localidades ainda se desvanecem de terem servido de abrigo mais ou menos demorado a personagens dignos de veneração, pretendidos milagreiros e varões desprendidos de todos os laços terrenos, que não passavam, comtudo, de simples fanaticos, frades de origem duvidosa ou, ás vezes até, de méros desertores do exercito, que a um tempo se furtavam ao serviço das armas e á obrigação de ganharem a vida por meio do trabalho honesto e remunerado, conforme os seus prestimos e meritos.

Junto á povoação de S. Luiz, á entrada dos Campos-Geraes, visitei uma d'essas grutas, toda forrada de calcareo vistoso e bastante claro, sem stalactites, nem stalagmites, bem enxuta e curiosa, já pela limpeza do chão e tecto, já pela disposição da luz em seu interior, enfim em condições de não consentir aquellas medonhas allucinações proprias dos cenobitas, de que nos dá tão vigorosa e erudita descripção Gustavo Flaubert no seu peregrino livro — *Tentação de Santo Antônio*.

Perto da cidade da Lapa, ha outra, credora ainda de muito respeito, motivo até de annual romaria e de que me occuparei mais adiante. Nos Campos-Geraes, porém, a mais celebre é a do serrão da Ribeirinha, a seis leguas da cidade de Castro e a duas e meia do bairro do Lago e della nos vai dar noticia o Sr. Sebastião Paraná, no seu bem intencionado *Esboço geographico da Provincia do Paraná*, transcrevendo, á pag. 122, o que d'essa curiosidade narrou um seu comprovinciano, o Sr. Sebastião José de Madureira.

Affirma o Sr. Paraná, que essa gruta se chama ainda hoje *Gruta Santa* ou do *Monge* por n'ella ter vivido um individuo que lia uma Biblia velha e se dizia enviado de Deos e accrescenta: «Conhecemos a historia d'esse embusteiro, porém deixamos de mencional-a aqui, por ser um tanto *peripathetica* (¹) e burlesca» quando entretanto estas duas razões eram motivo para contar-nos os feitos desse espertalhão, que de si deixará tão bella memoria.

«A gruta, diz o Sr. Madureira, tem duas entradas que se communicam; uma ao norte, outra ao sul. Na do norte, onde se acha uma cruz de madeira, começa-se a entrar, subindo-se uma infinidade de degráos, findos os quaes se encontra um grande assento, seguindo-se immensa galeria de mais de 1.000 metros (²). Sessenta metros a dentro, pelo lado do norte, ha uma claraboia de dez metros de circumferencia e, a cem metros da entrada do Sul, outra. A taes aberturas chama o povo *Portas do céo* e, de certo não deixa de impressionar no meio da escuridão aquella deslumbrante claridade.

«Por baixo da grande galeria corre um veio

(1) Este qualificativo só por si merecia explicação.

(2) Talvez haja exageração nesse calculo.

d'agua crystallina. O pavimento é de pedra; mas ha *olheiras* que permitem ver-se a lympha correr. Por ellas tambem regorgitam as aguas, que inundam totalmente a gruta, em tempos de cheia.

«É em forma de arco a entrada do sul, tendo em redor delicado e fino rendilhado com bambolinas de pedra de variadas cores.

«Ao lado da galeria ficam vastos e bonitos salões. Um delles, porém, faz vezes de medonho calabouço pela sinistra escuridão que alli reina. Situado a 15 ou 20 pés do primeiro pavimento e no coração da gruta desce-se por degráos irregulares e nelle se vêem tres pedras compridas e em forma de remos que, tocadas por qualquer corpo metallico, produzem sons diversos, parecidos com os de sinos.

«Em toda a galeria central e suas dependencias ha muitas columnas e arcadas e enorme variedade de pedras de varias formas, como flores, ramos, fructas, castiçaes com velas, etc. Descem inumeros stalactites e surgem stalagmites muito alvos e com a leve transparencia da cera branca. Uma pedra, especialmente, tem sido objecto de muita superstição por parte do povo, pois representa, olhada de certa distancia, a imagem de Sant'Anna. Ha outra pedra que lembra uma capivara deitada com os braços para diante. Em uma parede, parece ver-se perfeita estante de livros. De outra, salienta-se um pulpite emoldurado com luzes e de muito gosto artistico.

«Por cima da entrada do norte, existe um vasto salão, de cujo tecto pendem muitos candelabros cheios e circulares, quasi todos com semelhança dos chamados balões de senhora. Não ha alli stalagmites: o chão é completamente liso.»

II

A Pedra partida e a Gruta do monge, a Gruta do Tapirussú, nos Campos de Curitiba

A *Pedra partida* e a *Gruta do monge* são as duas curiosidades naturaes que os habitantes da *sympathica*, embora já um tanto velha, cidade da Lapa ⁽¹⁾ apontam como dignas de visita aos viajantes, que por lá apparecem. Tambem, no dia seguinte ao da chegada, 18 de Fevereiro de 1886, dei-me pressa em attender á indicação e, com tempo fresco e um tanto encoberto, encetei, de manhã e na companhia de varios cavalleiros, o preconisado passeio.

Não ha motivos de arrependimento. Logo á sahida da povoação vê-se empinado e alteroso massiço de rochas cortadas a pique, todo elle de aspecto summamente pitoresco, e o terreno em torno começa a subir. Uns dous kilometros adiante, galgam-se declives já um tanto asperos, e começa a aparecer vegetação mais robusta e frondosa, que contrasta com a dos campos d'aquelle zona, em que até os pinheiros se mostram enfezados, rachiticos e cobertos de musgos e bromelias, prova evidente do seu estado doentio e da má qualidade do sólo.

D'ahi a pouco, os cascos dos animaes batem na rocha avermelhada, crystallina, de grès vermelho antigo, *old red sandstone*, toda estratificada e da

(1) Em 1797 foi aquella povoação elevada a freguezia, em 1806 a villa com a denominação de Villa Nova do Príncipe e em 1872 a cidade, restituindo-se-lhe o primitivo nome. Por lei de 1870 é cabeca de uma comarca, que contém os dous termos do Príncipe e Rio Negro. Demora a 25°45'52" de latitude e 6°32'18" de longitude O. do Rio de Janeiro. Está a 893 metros acima do mar.

qual se tiram as bonitas lages (*paving stone*), que servem para o calçamento das ruas, de que tanto se usanam os moradores da cidade.

Serpêa o caminho por entre grandes blócos da rocha metamorfica, em que bem se evidencia a acção geologica do fogo e da agua e que apresenta interessantes pontos e aspectos, pela regularidade de córtes bem a prumo.

Mais um pouco e chega-se á chapada, em cima daquelle paredão natural, gosando-se de perspectiva muito amena, larga e espaçosa de campos e campos, que se perdem longe e pairando os olhos por sobre a cidade da Lapa, cuja edificação, mais ou menos regular, muito ganha em ser observada assim das alturas.

Caminhando pela chapada petrea, em cujas fendas crescem enfezadas *melastomaceas*, vai-se até uma grande solução de continuidade no terreno, rocha ou fenda não muito larga, mas extensa e de bonita conformação circular, devida a qualquer commoção do sólo, que separou regularmente a rocha no sentido de alguma estratificação em arco, ou então a trabalho de aguas, que, na sua acção lenta mas constante, faz, como se sabe, maravilhas de força e desaggregação.

Não basta, porém, contemplar de cima para baixo essa curiosidade. É preciso tambem, no judicioso pensar dos guias, aprecial-a de baixo para cima e por isto puzemo-nos a descer por barrancos bastante perigosos, agarrados a cipós e tacuáras miudas, uns atraz dos outros. Um desses apoios se partisse de repente, e a queda fôra, senão mortal, pelo menos capaz de deixar semi-morto, quem della se tornasse vítima.

Alcançâmos afinal — não sem custo — o chão de um corredor estreito, mas nada humido, em que

mais se accentúa a fórmula circular da separação do massiço, correndo paralelas duas curvas elegantes e bem traçadas, como se fossem bases inabalaveis de torreões de gigantesca fortificação.

O unico incidente mais digno de nota que lá se deu á nossa chegada, foi incommodarmos numeroso bando de passaros que ergueu apressado vôo, a bater as azas na estreiteza das rochas e levantando estridula grita.

Eram *tapemas*, especie de andorinhões, branco grisalhos, de cauda bi-partida e que vivem um tanto á láia de gaviões, na caça continua de insectosinhos e cobras: com o frio, emigram em bando.

Da *Pedra partida* fui á *Gruta do monge*, lugar de romaria durante a Semana Santa dos moradores das circumvizinhanças, pois alli morou não pouco tempo, em 1842, como anachoreta um velho padre ou tido por tal, chamado Agostinho Maria.

E para prova da ingenua devoção, lá se erguem umas quatro ou cinco cruzes rusticæ e pesadas, fincadas na rocha viva e cercadas de modestos *ex-voto* e velinhas de cêra bruta, que as abelhas vão esfarellando, com a consciencia de quem entra na posse de cousa que lhe pertence.

Nem se quer é gruta aquillo, porém sim mero resalto no corpo da pedreira, coberto por larga e saliente lage, que faz vezes de alpendre, de modo que o pobre do anachoreta tinha que supportar bons aguaceiros, quando tocadas as chuvas de encontro ao mal amparado abrigo.

Muito mais attenção do que as duas preconizadas curiosidades, merece a paizagem, que de todos os lados se descortina desse alto, amena, risonha, extensa, com suave graduação de côres roseas e rosas, cada vez mais esbatidas, em distantes planos e nos limites do horizonte vasto e sereno.

III

Gruta de Tapirussú (1)

Foi a 10 de Dezembro de 1885 que visitei essa gruta ainda mal conhecida e imperfeitamente explorada e sita no município de Votuverava, umas $6\frac{1}{2}$ leguas de Curitiba, a rumo de N. e N. E.

É larga a entrada e dá em grande rampa, a cuja base corre com estrepito e por entre grossas pedras soltas um riacho de águas sobremaneira claras e frias.

Desde logo se faz completa a escuridão.

Accesos archotes e velas, vê-se uma abobada irregular e a distillar humidade, toda revestida de alvissima camada calcarea. Caminhando para o interior, encontra-se chão muito aspero e irregular, pejado de blocos arredondados ou de configuração singular, começando a aparecer stalagmites, uns correspondentes a stalactites, outros a pannos desdoblados ou concreções de forma radiantes, mais ou menos perfeitas.

O visitante, pulando com algum risco de pedra em pedra, já se abaixando e quasi de cocaras, já se agarrando a proeminencias escabrosas, algumas até cortantes, a subir sempre e deixando à direita e à esquerda galerias, chega ao segundo pavimento e penetra em sala não muito espaçosa, mas em que o agrupamento concretionario e a disposição dos stalactites, sobretudo, são em extremo notaveis, fi-

(1) Da anta grande.

gurando varios objectos e manufactos, que a imaginação popular foi denominando por approximações mais ou menos exactas e felizes e que a luz artificial reveste de innumeros pontos scintillantes do mais bello effeito scenico.

Do tecto e quasi a meio d'essa nova sala, desce um como que feixe de canudos, que sustenta grandiosa concha invertida, toda cheia de estrias e terminada por pontas, que se vão afinando cada vez mais. E no extremo de cada uma dellas brilha e refulge, tremulante como encantada gemma, purissima gotta de agua, que, antes de lá chegar, correrá rapida e viva pelos canaliculos do sustentaculo e da concha.

Quanto dê a luz das velas, pois jamais alli se levam archotes afim de ser poupadão o ar respiravel, observa-se por toda a parte, nos menores recantos, nos innumeros nichos e nas reentrancias do alvinitente revestimento o mais primoroso trabalho, imitando, já agulhas agrupadas, de todos os tamanhos e feitos, umas muito agudas, erectas, filiformes, outras curvas e grossas como tubos de orgão, já rendilhados, gregas, arabescos e lavores de mil desenhos e conformações, caprichosos e tão delicados e peregrinos que não ha olhos bastantes para admirar e colher de prompto; tudo, porém, molhado e a resumbrar humidade e, portanto, em via de continua transformação e mudança.

Os stalagmites, que se erguem do chão, infelizmente quasi lodoso, e que vão, com o incessante gottejar da agua, caminhando ao encontro dos stalactites a descerem muito mais rapidamente (¹) da abo-

(1) O crescimento do stalagmite é muitissimo mais leuto do que o do stalactite. Basta lembrar, que é elle devido aos depositos de calcareo trazidos por gotas d'agua, que já correram por todo o stalactite e nelle depositaram quasi toda a substancia da massa que tinham em suspensão.

bada, são uns, grossos e cylindricos como alvejantes frades de pedra, outros conicos e afunilados.

A direita de quem entra, ha outro corredor ou galeria, que leva a terceiro pavimento; mas tão empinada é a rampa, as paredes tão juntas e apertadas, o tecto tão forrado de agudas pontas e agulhas e por tal modo resvaloso o sólo, que raros se arriscam á perigosa tentativa, muito embora, segundo se diga, essa terceira sala a que se chega depois de curta subida, seja ainda mais curiosa e bella, do que todas as outras.

Na visita que fiz á gruta do *Tapirussú*, acompanhado de umas vinte e cinco a trinta pessoas, ninguem passou além, mesmo porque um dos cavalleiros da comitiva, buscando caminhar sem vela e mais depressa do que convinha, escorregou e caiu em uma especie de sumidouro de talvez quatro metros de altura. Felizmente não perdeu o sangue frio; foi-se amparando com as mãos, agarrando-se ás pontas dos stalagmites que pôde alcançar e só se magrou nas costas, isso mesmo levemente.

Foi parar, mais rapidamente do que desejára, á sala debaixo e rolou ao lado do Dr. Ermelino de Leão, que, preoccupado só com o exame que estava fazendo de umas concreções, lhe disse distrahadamente: «Já sei que me traz o martello!» «Qual martello, qual nada! O diabo leve gruta, martello e vocês todos!» bradou o outro, a soltar engracados gemidos de dôr e maldições.

Este episodio, que terminou jocosamente, quando poderia ter dado lugar a lutooso desastre, poz sim á nossa visita, tanto mais quanto estávamos molhados da cabeça aos pés, não só por causa da humidade, que de todos os lados exsudava, como do violentissimo aguaceiro que nos colhera entre a

Tranqueira e a gruta, n'um descampado largo, em que não havia abrigo possivel.

As 10 horas da noite entravamos em Curitiba.

Se a mão do homem, intelligentemente dirigida, se empenhasse em dar mais alguma commodidade ao ingresso d'aquellea enorme caverna, melhorasse as suas condições internas e fizesse realçar as suas muitas bellezas em vez de servir só para destruir, a poder de picaretas, alviões e martellos, os mais interessantes e bem lavrados stalactites e stalagmites, fóra a gruta de Tapirussú motivo de lindissimo passeio e digna de ser apreciada por quantos chegassem ao planalto de Curitiba.



D'essa gruta deu tambem o engenheiro Monteiro Tourinho ⁽¹⁾ minuciosa descripção que passamos a transcrever, para que se torne mais completa a noção, que o leitor tenha, porventura, podido receber do que acaba de ler.

« Penetrando-se, diz o engenheiro Monteiro Tourinho, por uma brecha, que terá um metro de altura sobre quatro ou cinco de largura, desce-se uma ladeira, que vai ter ao *vestíbulo*. Assim se denomina um pequeno compartimento da gruta, frouxamente allumiado por tenue restea de luz esverdeada, que uma fresta deixa passar. As particularidades architetonicas deste vestibulo, a attitude extatica dos visitantes, empunhando tochas e dispondo-se em renques, o monotono murmurio de um regato que resvala á direita, tudo faz imaginar a capella gothica

(1) Vide a nota B.

de um mosteiro, quando, a horas mortas, se prestam os ultimos suffragios a algum monge, que já não pertence á vida.

« Por escabrosa viela, incada de agudos stalagmites, passa-se do vestibulo para o salão, em que a abobada é sustentada por grossas pilastras translúcidas, como alabastro, o que a torna semelhante ás salas do rez do chão dos antigos castellos feudaes. N'um canto, acha-se a *Fonte mysteriosa*, de aguas tão puras e crystallinas, que bem poderia servir de morada á mais caprichosa nayade.

« Em uma das paredes do salão, uma abertura circular pouco acima do sólo, dá passagem para o segundo pavimento da gruta. O caminho que se segue é ingreme e tão baixo que só de rastos pôde ser vencido. Felizmente é curto e logo se chega á Nave. Ahi, fica-se em pleno dominio da architectura ogival, estylo sublime a que os architectos da Renascença, desdenhosamente puizeram a alcunha de gothico, porém que, no dizer de Oppermann, é a mais completa e mystica expressão do catholicismo.

« Arrojamento de arcadas em ogiva e de columnatas, predominancia das linhas verticaes sobre as horizontaes, severidade de fórmas, profusão e sumptuosidade de ornatos e esculturas symbolicas, eis os caracteristicos do gothico, que se podem contemplar na grande nave da *Gruta*. E, por pouco que se exalte a imaginação do visitante, impressionado por tantas maravilhas, descobrirá aqui um altar, alli nichos com imagens, acolá um pulpito e, dando com os olhos em um grande orgão de longos tubos prateados, ficará silencioso e quedo, como que a espera que o organista venha romper a solemnidade religiosa, fazendo reboar pelas arcadas do templo os magnificos acordes do sacro instrumento.

« Ao sahir da nave, topa-se um enorme stalagmite

com a figura de um monstro diluviano. Interrogue-se esse guardião do templo sobre a origem da gruta, ficará enigmático como a esphynge. Além, as luzes das tochas, projectando-se sobre os stalagmites produzem os surprehendentes efeitos de um polyorama. Dá-se um passo, vê-se um grupo de frades a rezarem; dá-se outro, transformam-se os frades em sáturos; chega-se mais perto e só se vê um incongruente acervo de rochas e toscas saliências tronco-conicas e cylindricas.

«Suppõe-se, que na gruta de Tapirussú ha terceiro andar, ainda não explorado, e é provavel mesmo que existam muitas outras curiosidades ignoradas e por conhecer. Achando-se tão perto de Curitiba, não comprehendemos, por que não tem sido com mais frequencia visitada esta maravilha do Paraná.»

IV

Salto Visconde do Rio Branco

Assim se ficou chamando, na viagem que fiz ao sertão⁽¹⁾ e á cidade de Guarapuava, a magnifica e pouco fallada, senão conhecida, catadupa formada do volumoso rio dos Patos poucos kilometros acima da Barra Vermelha, seu ponto de juncção com o rio S. João ao formarem o magestoso Ivahy, confluente do Paraná⁽²⁾.

(1) Chama-se *sertão*, no Paraná, a parte coberta de mattas, em contraposição com os *campos*. Sertão de Guarapuava é, pois, o grande trecho de caminho, que comprehende a serra da Esperança e toda a zona florestal, finda a qual recomeça a planura, mais ou menos cortada e descampada.

(2) Vide a nota C.

Pretendem alguns, que o Patos é o mesmo Ivahy, sendo aquelle nome mudado, logo depois da queda. Dessa opinião é o Sr. Sebastião Paraná (*Esboço Geographico do Paraná*, pag. 27). O rio dos Patos atravessa a estrada de Guarapuava entre a serra da Ribeirinha e a da Esperança. Seu aspecto no lugar da ponte, é bellissimo, muito batido, encachoeirado, pejado de grossas pedras e já bastante avolumado.

Parti de Curitiba, na manhã de 29 de Março de 1886, com a minha familia, o chefe de polícia e outras pessoas. Fomos pernoitar em S. Luiz de Portunã. No dia seguinte dormimos, na villa da Palmeira, a 31, na cidade de Ponta Grossa, a 1 de Abril, na de Castro. Deixando alli a familia, segui, a 3, para Ponta Grossa, e villa da Imbituva (Cupim), onde tomei conducção com destino a Guarapuava. N'esse dia, pousámos junto á bella ponte do rio dos Patos em casa do cidadão David. A 6, almoçámos na Barra Grande e fomos parar, depois de quasi vencidas 8 leguas, no lugar chamado Bananas, transposta já a serra da Esperança pela bella e commoda estrada de rodagem, feita com todo o capricho e muita economia pelos cuidados da repartição dos telegraphos. Só essa obra honra a actividade que preside aquella repartição. No dia 7, deixámos o ponto ás 7 horas e, d'ahi a 2 leguas, transpunhamos a vár o rio das Pedras, cujas enchentes são tão rápidas e temidas.

Uma legua adiante, passámos o rio das Mortes e chegámos á Borda do Campo, a $\frac{3}{4}$ de legua de Guarapuava. Alli termina a matta, e chamado sertão de Guarapuava, e começam os campos daquelle nome. Satisfez-me viva e agradavelmente o aspecto da cidade, vendo-se de longe o effeito dos benefícios do virtuoso cidadão visconde de Guarapuava. O facto é, que de mui distante se avista a torre da

matriz levantada pelos seus cuidados e caridade e ouve-se o bater crystallino das horas no grande relo-gio, que elle mandou vir da Europa. No meio de fes-tas e grato acolhimento decorrèram douis dias, e, a 9 de Abril, sahi de Guarapuava, muito bem im-pressionado pelas bellas condições de vida daquellea esperançosa localidade, que poderá servir de capi-tal á nova provinça, creada para dar mais desenvol-vimento á zona central do Paraná. Descemos, já noite feita, a serra da Esperança graças ao esplen-dido luar e fomos pousar, á base, na confortavel casinha do engenheiro Kalkmann. O dia 10 foi todo de chuvas, que tornaram muito escorregadias e perigosas as descidas dos continuos morros, já de si bastante penosos. De vagar, os fomos vencendo e caminhando até ao nascente povoado de S. João do Firmo, ao qual dei o nome de Capanema e, deixan-do a estrada á esquerda, visitâmos o Salto Visconde do Rio Branco, depois de 6 kilometros de pessima picada e mais 2 a pé em local muito escabroso e dif-ficil. Só á noitinha foi, que chegâmos á ponte do rio dos Patos e á hospitaleira casa do Sr. David. No dia, 11, sempre debaixo de muita chuva, alcançâmos a villa de Imbituva indo buscar abrigo na morada do nosso honrado amigo capitão Almeida, sogro de Luiz Antonio Penteado, uns dos bons e ale-gres companheiros da viagem a Guarapuava. Tomâmos ahi os carros, voltando a Ponta Grossa, d'onde sahimos, depois de muitas festas, a 14. Dous dias depois, a 16 de Abril de 1886, estavamos em Cu-ritiba.

Difficil é, por certo, encontrar-se, até mesmo no Brasil, tão prodigo de formosas e variadissimas cu-riosidades naturaes, cousa mais bella, mais cheia de grandeza e selvatica magnificencia do que a catadupa a que impuz o nome do grande Paranhos.

Imagine-se copiosissima e limpida massa liquida, atirando-se de golpe em precipicio de 75 a 80 metros de altura e pulando uma muralha cortada a pique, cuja linha da aresta superior, toda crivada de fundas reintrancias e grandes salientes, imprime as mais pitorescas e encontradas direccões ás aguas, no momento em que o rio inteiro, como que presa de fatal desespero, se jorra de um impeto no abysmo.

Por isso, os enormes e espumantes caixões ora formam larga e bellissima curva toda riscada de rugas paralelas como crespos de ondeante cabelleira, ora caem de subito em bloco, a modo de peso inerte e que só obedece á gravidade, ou então se dividem em fios e filetes, mais ou menos encorpados, parecendo, uns, alvissimos fitões a riscarem de branco a pedra negra, outros, uma serie de aereos flocos, que não attingem o fundo, se desfazem em nevoeiro, se pulverisam nos ares e desvendam nos raios do sol os graciosos e leves ancenubios do arco-iris.

Além da disposição de toda a rocha talhada a prumo, que incute cunho novo e extraordinario a essa catadupa, ha para o viajante que a contempla de cima para baixo, como nós a vimos, isto é, á boca do precipicio, quando o rio galga o colossal obstaculo, ha uma particularidade, que empresta realce particular e nunca assaz admirado ao *Salto Visconde do Rio Branco*.

É um grande panno de muralha estratificado e saliente, que do lado de lá da curva mais opulenta em aguas, se adianta bem para fóra e serve assim de fundo ao crystallino jacto, conservando-se sempre enxuta, pois a rigorosa convexidade da queda e sua rapidez são taes, què nenhum horrifo ou salpico delle se desprende.

E esse monolitho, terminado por uma especie de gigantada cornija, ainda mais sobresae, porquanto

a seu turno resalta de uma verdadeira cortina d'água formada por um jorro que se despeja do lado detrás, de maneira que aquelle colosso pétreo figura de monstruosa columna, cercada por todos os lados de immensos bulcões líquidos, sem nunca ser molhada.

A admirarmos tudo aquillo e mais a esplendida vegetação das margens, as paredes cyclopéas e estratificadas de toda aquella scena, cuja nota alegre e vivida era dada pela florescência delicada e multicolor das *meliastomaceas*, chamadas em toda a província do Paraná *alleluias*, ficámos mais de uma hora, considerando bem empregadas as canseiras a que nos havíamos sujeitado, a transitar por picadas impossíveis, a subir e a descer ingremes morros e a vencer trechos, em que os cavallos mal podiam ter-se de pé, tal a quantidade de pedras soltas e seixos rolando — tudo debaixo de continuos e violentos aguaceiros.

Aliás, já alguns viajantes de nota alli haviam chegado, os Srs. barão de Capanema, o Dr. Weiss com o principe de Hohenlohe e barão Schoeler, o engenheiro Oldebrecht e varios outros, não muitos, pois esse salto é ainda pouco conhecido e quasi nunca visitado, tendo havido necessidade de se abrir estreita trilha para termos caminho ⁽¹⁾.

Ainda ahí tivemos valente e perdurable impressão. Foi quando, voltando-me para os companheiros de excursão, exclamei com voz forte: «Esta catarata terá o nome de *Salto Visconde do Rio Branco*». Então, uma saudade funda e repassada de gratidão pungiu o coração dos brasileiros que se achavam naquellas solidões; e todas as grandezas da

(1) Dessa catarata existe, comtudo, já uma boa photographia, tirada, se não me engano, pelo engenheiro Weiss, o construtor da bella e sólida ponte sobre o rio dos Patos.

natureza inconsciente, aquellas revoltas e estrondeantes aguas, aquellas immensas rochas, aquelles solemnnes e alentados madeiros, tudo se abateu e ficou pequeno ante a estatura moral do estadista, cuja recordação esse glorioso nome evocava no meio de invios sertões!

V

Excursão no Rio Iguassú

Mui rapida e penosa, mas interessantissima, foi a excursão que fiz, como presidente da província do Paraná, até ao porto da União da Victoria, no rio Iguassú (¹), e mais além na estrada de Palmas umas duas leguas, completando, em menos de sete dias, quasi 150 leguas de ida e volta, embora estorvado em meu regresso por violentos aguaceiros, que obrigaram em Campo-Largo a uma parada, fóra do programma por mim delineado.

Darei agora os pormenores dessa digressão, que tomou visos de verdadeira viagem, pondo em ordem ligeiros apontamentos e appellando para a memoria, que sem duvida por vezes me faltará. Uma cousa, de certo, ser-me-ha de todo o ponto impossivel: transmittir ao leitor as multiplas impressões que me salteavam o espirito, quando, aos olhos embellezados, ante mim se desdobravam as formosas perspectivas do Iguassú, tão várias, quanto novas, umas risonhas e amenas, outras grandiosas e solemnes, já no seguimento da sua simples corrente, já depois

(1) Vide a nota D.

da juncção de grandes affluentes, como o Negri-nho, Negro, Potinga, Timbó, tomando então largura de mais de 600 braças e espelhando em sua serena superficie o azul dos céos e a frondosa vegetação das margens. Para tanto é insufficiente a penna. Fôra necessario o pincel de inspirado artista, que só nos enlevos da arte e na comprehensão entusiastica do bello pôde conseguir fixar em preciosa tela as seduções e os esplendores da grande obra da Creação. E aqui no Brasil, mais do que em outra qualquer parte do globo, se ostentam ellas inexcedíveis até a qualquer reprodução ideal, por mais esforços que faça o pintor em retratar os primores de tão extraordinaria natureza (¹).

* * *

Às 5 horas da manhã de 3 de Março de 1886, parti de Curitiba, levando por companheiros os Srs. Dr. Ermelino de Leão, Ignacio Carneiro e Amazonas Marcondes, a quem couberam as honras de organizar tão bella e agitada digressão.

Sem novidade, chegámos ás $8\frac{1}{2}$ da manhã á cidade de Campo-Largo, onde o distinto Sr. João Ribeiro de Macedo nos esperava com o cavalheirismo e hospitalidade de que sabem dar continuas provas os membros daquella familia, tão respeitados em qualquer parte do Paraná, em que se achem estabelecidos.

(1) É critica exacta feita a quantos artistas buscaram reproduzir em suas composições a natureza brasileira. Apezar de todo o talento que ostentam em suas bellas obras Nicolau Antonio Taunay, o malogrado Rugendas, Moreau, Barão de Taunay, Barandier, Victor Meirelles, Motta, Vinet, Pallière, e outros, não puderam jamais infundir, aquelle cunho de grandiosidade, e esplendor, aquella iluminação esplendida, a variedade harmonica dos inumeros verdes, que fazem da paisagem em certas zonas do Brasil cousa unica no mundo.

Assim o Sr. José Ribeiro de Macedo, estabelecido serra abaixo na villa do Porto de Cima, alli gosa de legitima influencia, e o coronel Antonio Ribeiro de Macedo, morador em Campo-Largo. Membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tem concorrido para a *Revista Trimensal* com interessantes trabalhos da sua lavra.

Às 10 horas da manhã, após almoço, em que nada faltou para ser legitimo banquete, recomeçámos a viajar, parando uns minutos em casa do Sr. Natel, no Itaqui, a uma legua mais ou menos de Campo-Largo.

A 1 $\frac{1}{4}$ hora da tarde, cheguei a S. Luiz, indo logo visitar a escola publica do sexo masculino, cuja frequencia me agradou, pois encontrei 37 alumnos, a alguns dos quaes examinei distribuindo-lhes, quando sahiam da aula, confeitos e doces, que aceitaram alegres e pressurosos.

S. Luiz é o primeiro povoado dos Campos-Geraes. Ha alli um hotelzinho bem regular e asseiado, mantido pelo allemão Butin, um dos constructores da bonita ponte no rio dos Papagaios. Ao Sr. Butin tenho que agradecer a franca hospedagem, que por vezes graciosamente me dispensou.

Às 2 $\frac{1}{4}$ horas, parti de S. Luiz, e fui, com bastante descontentamento, notando *de visu* o estado em que se achava grande parte da estrada dos Campos-Geraes, sobretudo nas approximações da ponte dos Papagaios (1). Com effeito, esses trechos são pessimos, cheios de pedras destacadadas, grandes buracos

(1) Repetidamente tenho feito menção dessa bonita obra d'arte, construída por ordem do presidente Lamenha Lins, pelos engenheiros Tourinho e Wieland, este ainda vivo. Mandei fazer duas grandes placas circulares de marmore côn de rosa, com inscrições, em que se commemoravam os serviços prestados por aquelles cidadãos, administrador e engenheiros. Infelizmente, não se pôde executar a obra, ficando esquecida essa devida homenagem, mal deixei a presidencia.

e elevados resaltos, de maneira que os solavancos se multiplicam, causando continuo incommodo a quem viaja de carro.

O que mais me aborrecia como administrador, era verificar o nenhum vestigio de trabalho, o mais leve signal de serviço naquelle lanço de estrada, quando entretanto a província estipulára não pequena quantia, para que essa via de communicação estivesse em melhores condições. No Paraná ha ainda pessimos habitos, que lembram os tempos passados, em que no Brasil a subida e descida de situações politicas representavam o começo dos abusos de uns e a cessação dos abusos dos outros, tudo acompanhado dos clamores fingidamente indignados e das retaliações da imprensa partidaria.

Transpostos aquelles buracões e alcançados os Campos-Geraes, fui observando, durante leguas e leguas, as celebres terras vendidas para a colonização russa, dolorosa prova da verdade do que fica dito, prova de tamanhas proporções e taes consequencias, que repercutiu em toda a Europa e nos trouxe innumeros desgostos e vexames ⁽¹⁾.

Vencidos assim $80\frac{1}{2}$ kilometros até à Restinga Secca, deixou o carro a estrada geral e tomou, à esquerda, direcção do caminho que leva à fazenda do Sr. Conrado Buhres, a $\frac{1}{4}$ de legua do porto Amazonas, no rio Iguassú. Estende-se essa propriedade ao lado das terras da infeliz empreza Kitto ⁽²⁾, cujos desastres são tão conhecidos, terras na verdade ubertasas e que podem produzir excellente trigo, mas cuja collocação distante, ainda mais outr'ora

(1) Vide a nota E.

(2) Foi esta empreza causa para nós de grandes amofinações internacionaes. Por longo tempo estiveram affixado nos portos da Inglaterra cartazes, aconselhando aos emigrantes que fugissem de procurar o Brasil e narrando as miserias da colonia Kitto. Os primeiros colonos asseveravam que os sapos eram do tamanho de bacorinhos !

do que hoje, dos centros de civilisação e de consumo devia levar ao desespero os infelizes imigrantes. Tambem, dessa gente só restam tres inglezes, que ainda não puderam ter existencia sequer remediada e que vivem vida quasi miseravel em predios arruinados do governo.

Quantas sommas de dinheiro tem o Brasil perdido, quantas decepções soffrido e quantos males proporcionado a innumeros entes, com o pessimo e anti-scientifico systema de atirar levas de imigrantes em pontos invios, longe de todos os recursos e fóra de quaequer relações sociaes! A grande razão ha sido a fertilidade do sólo, quando, entretanto, esta é mais uma causa de desespero e furor para o europeu, que vê os fructos do seu trabalho inutilisados e inaproveitaveis.

Para quem tem que viver do trabalho diario, muito mais vale um lote de terreno ruim e acanhado junto a uma cidade, do que opulentissimas terras a cem leguas de qualquer centro de incitamento e soccorro, porquanto os esforços do colono e lavrador têm de ser compensados sem demora, actuando o ganho sobre o seu moral.

Os nossos sertões e desertos só podem, só devem ser povoados — e o hão de ser — por imigração européia, que mui espontaneamente e por si caminhe da peripheria para o centro, reflua do littoral e suas immediações para a zona interior. Os males, as peripecias e canseiras, que accommettem o imigrante são tantos, tão diversos, tão grandes, que é necessario que elle não tenha, em terriveis momentos de desalento, que accusar a ninguem, e não possa atirar a responsabilidade de tudo quanto lhe succeda e de todas as esperanças falhadas, senão sobre si mesmo. Com toda a razão diz o escritor Daireaux: «Por mais bello e hospitaleiro que

seja o paiz a que se acolha o immigrante, tantas são as decepções e difficuldades que ahi o esperam, que emigrar, isto é, sahir da sua patria para ir localizar-se em outras terras, constitue a mais penosa e arriscada empreza, a que se pôde atirar o homem.

Justissimas palavras, que, a cada momento, encontram confirmação no Brasil. Não ha paiz algum no mundo, que offereça condições de attracção como o nosso; e entretanto os primeiros momentos de estabelecimento são difficillimos, acabrunhadores e duros. Em quanto o governo não acoroçoar por todos os modos a organisação de sociedades de immigração em quasi todas as cidades, isto é, em quanto não confiar á iniciativa particular e á meiguice natural do genio brasileiro o cuidado de bem acolher o immigrante e ajudal-o em sua localisação prompta e immediata, os recemchegados muito e muito terão que soffrer. Que fim levaram todas as Sociedades de Immigração que creei na provincia do Paraná, algumas das quaes prestaram serviços da maior relevancia, como as do Paranaguá e Morretes, economisando ao Estado dezenas, senão centenas de contos de réis? Desapareceram extinguiram-se á falta de qualquer prova de consideração e apreço do Governo Central. Quanta imprevidencia e que ausencia da comprehensão de tão grave problema!

Foi, aliás, o Paraná testemunha de não poucos desastres em colonisaçao por causa do pessimo sistema de isolar os immigrantes em invias regiões. Para prova, o Assunguy, que se tornou theatro de verdadeira calamidade. Anteriormente se déra a malograda tentativa do illustre Dr. Faivre, o qual levára habitantes dos arredores de Pariz ao fundo dos sertões, para localisal-os na colonia Thereza, perto do rio Ivahy! O desespero em que se viu aquella pobre gente foi tal, que alguns recorreram ao suicidio,

outros se dispersaram e morreram na miseria. Alguns que perseveraram e souberam vencer os primeiros annos de angustia e desalento deram afinal, mas muito tempo depois, razão ás idéas e esperanças de Faivre, porquanto se tornaram mais ou menos endinheirados.

Em Guarapuava, encontrei curioso resto desse infeliz ensaio de povoamento do sertão paranaense; uma tal Mme. Dubois, de idade de mais de 80 annos, que me contou todas as desgraças daquella experiência e as resumiu do seguinte e engracado modo: «Emfim, Senhor, para lhe dar idéa completa do que soffremos, basta dizer-lhe que não comi pão de trigo (*du pain blanc*) durante 22 annos!»



Em casa do Sr. Conrado Buhres, estive combinando com esse activo e intelligente cidadão as bases de um contracto para o plantio do trigo naquelle local, chamado Portão, onde em épocas passadas tal cereal deu optimamente — uma das causas, aliás, das desgraçadas especulações de Kitto. O bom exito seria sem duvida, de grande beneficio a toda a província⁽¹⁾.

Partindo na manhã de 4, ás 5 e $\frac{3}{4}$ horas, do Portão, 20 minutos depois, chegámos ao Porto Amazonas, que consta, por enquanto, de duas ou tres

(1) Os resultados do tentamen não corresponderam de modo algum à expectativa. Apezar de bem preparado o terreno, a primeira colheita não foi senão insignificante, a segunda radicalmente desastrosa, de maneira que o mesmo Sr. Buhres, consciente como é, desistiu das vantagens que os cofres provinciales lhe faziam. Um dos graves males, que intutilisam as plantações de trigo é a *ferrugem*, molestia parasitaria que não ataca, comtudo, o centeio e outros cérеaes congeneres.

casas, no fim de um campo ondulado. Depois, com declives fortes, começa a barranca, do alto da qual se avista, já bastante grosso em aguas, o rio Iguassú.

Ahi estavam parados uns soldados doentes e presos, acompanhados por praças, mulheres e crianças, vindos da colonia do Chapecó e da commissão da estrada de Palmas, mandando eu contratar por 25\$, a condução em carreta dos enfermos e menores. A essa pobre gente liberalisou o Sr. Amazonas a carne de quasi toda uma novilla, que foi então morta, sendo transportados para o vapor os pedaços mais escolhidos.

As 8^{1/2} horas da manhã, entrei no vaporzinho atracado á margem direita do rio e ainda alli attendi a varias pessoas que me foram procurar, presenteando-me o Sr. Amazonas com uma bonita bandeira nacional, que pela primeira vez fluctuou naquellas solidões, arvorada como foi á prôa da embarcação, no meio de foguetes e vivas dos que se achavam presentes.

Chama-se o vapor *Cruzeiro*, nome de uma das fazendas da mäi do Sr. Amazonas; mede 80 palmos de comprido e 26 de boca; tem a força de 18 cavallos e cala 18 pollegadas inglezas.

Traz em seu machinismo a data de 1878, e foi comprado em 1882 no Rio de Janeiro. Pôde carregar 800 arrobas e costuma rebocar uma grande lancha e cinco canoas.

A 17 de Dezembro de 1882, foi lançado á agua, e fez a sua primeira viagem a 27 daquelle mez e anno.

É servido por cinco homens embarcados, ficando uns dous ou tres em terra.

Gasta, nas tres viagens por mez, 66 metros cubicos de lenha, de cada vez, ou 36\$, a 600 réis o metro cubico, levando dous dias, para descer as

55^{1/2} leguas do porto Amazonas ao da União da Victoria (1) e quatro para subir contra a corrente. A madeira mais empregada como combustivel é o *branquilho*, abundantissimo naquellas paragens.

O contracto, que tinha a empreza e pelo qual recebia 12:000\$ annuaes de subvenção, começo a vigorar a 1º de Julho de 1883, tendo o presidente de então, Carvalho, feito, em Fevereiro daquelle anno, uma viagem fluvial da villa do Rio-Negro ao porto da União, e dahi ao do Amazonas, subindo as aguas do Iguassu.

Já foi reformado o contracto, tendo terminado ultimamente. O interessado pediu renovação, que pende ainda de resolução do Governo geral.

O estado de solidez e conservação do vapor *Cruzeiro* é visivelmente bom. Tem um toldo de madeira corrido e grandes pannos alcatreados, de modo que verifiquei com meus proprios olhos a inexactidão do que se affirmava sobre as condições de absoluta falta de abrigo para os passageiros.

De toda a necessidade é, contudo, fazerem-se algumas obras, aliás facillimas, para melhor acomodação dos viajantes, sobretudo senhoras e crianças, e proceder-se a uma limpeza geral, pois a embarcação está bastante suja.

Em todo o caso, é de louvar-se, e muito, a coragem e pertinacia com que o Sr. Amazonas Marcondes não só se abalançou áquelle commettimento, como mantém semelhante empreza, que deu e dá progresso e vida social a muitissimos pontos anteriormente desertos e inhospitos dos nossos sertões, em que vagueiam ainda temidos e indomitos bugres.

(1) Provém tal denominação da *união* que alli se deu de duas turmas de exploradores, enviados a estudar os caminhos de Palmas e Guarapuava. O nome de *Victoria* é mais antigo, sendo já referido por Ayres do Casal. Parece, também, que a junção alludida foi abaixo do ponto, em que hoje se levanta a povoação.

Por vezes, fiz justiça áquelle espirito activo e emprehendedor, que apresenta um resultado real e palpavel dos seus esforços, trabalho e boa vontade nessa luta incessante entre as aspirações da civilisação e a natureza bruta e selvatica, ante a qual recuariam de certo muitos homens de iniciativa e não pequeno valor.

Ás 9 horas da manhã, depois de se lançarem n'agua duas bombas de dynamite, que não mataram senão alguns *lambarys* (1) e *tayabucús*, os mais frequentes peixes dessa corrente, soltou-se das amarras o vapor *Cruzeiro* que, desfraldando a bandeira nacional áquellas agrestes brizas, começou a sulcar aguas abaixo o rio Iguassú.

Desde logo, são lindissimas as paizagens que se desenrolam nas apertadas curvas do rio, por enquanto ainda estreito.

Nas margens, alteia-se copada vegetação, em que predominam, bem como por quasi todo o percurso do rio, innumeros *branquinhos*, elegantissimos *cambuhys* (2) e outras *myrtaceas*, *angicos* e varias *acacias*, os *tarumans*, de cerne quasi indestructivel, mas fórmas tortuosas, e cujos fructos adocicados são tão apreciados dos passaros, arvores, alli, menos que medianas, mas em Matto-Grosso possantissimos madeiros, os *cedros*, tão conhecidos na flora brasileira, de vez em quando muitas palmeiras *gerivás* e quasi sempre *pinheiros*, ora destacados, ora em grupos,

(1) *Lambary* ou *alambarry* — O rio *Iguassú* não é muito piscoso, o que em geral acontece a grande número de affluentes do Paraná, neste ponto muito diferente de quantos affluem no Paraguai, extremamente abundante em pescado. Entretanto, junto ás cachoeiras e nos remansos vastos há sempre mais ou menos fartura dos peixes communs nos rios do interior. Disse-me o Visconde de Beaurepaire Rohan que na província de S. Paulo, e portanto Paraná, sempre se diz *alambarry*, no passo que em Matto Grosso, *lambary*. Supõe que ambas as palavras sejam corruptela de tupi *arambari* (sardinha) ou *avareri*, como traz o dicionario tupi de Martins.

(2) Vide a nota F.

ora formando verdadeiras florestas, já no campo, já no alto e nas encostas das eminencias, quasi sempre um tanto distantes das bordas da agua corrente.

Combinem-se agora em densa cortina todas as folhagens dessas e de outras muitas plantas, com um verde, que cambia da cõr quasi branca ao verde glauco e negro, passando por todos os matizes desde o gaio e verde-pariz até ao verde-cré e ás mais apertadas tintas; sobre aquelle magestoso manto atiram-se a flux festões de *malpighiaceas*, cujos *samaridios* vermelho-escarlates fingem rosarios e fitas de flôres; imaginem-se de permeio *bambús*, *taquaras*, *taquarissimas*, *poçaunas* e *caraás*⁽¹⁾ a tremularem em graciosas curvas, mal aponta qualquer aragem; cubram-se aquelles troncos e galhos de *barbas de velho*, umas cinzento-roxeadas, soltas como finos cabellos, outras miudas, e compactas, pardacentas ou esbranquiçadas; contrastem-se as flexuosas folhas das palmeiras com a coma enteiriçada dos pinheiros; faça-se resaltar de escuras sombras a coloração alegre, risonha, verde-amarella de infindos *salgueiros*⁽¹⁾ e de longe, de mui longe, terá o leitor pallida idéa das paizagens que, a cada momento, se descortinavam aos nossos olhos.

O primeiro ponto, em que o vapor toma lenha é no lugar chamado Cerrito, fazendola á margem esquerda do rio, pertencente ao major Coelho, cuja casa de morada um tanto espaçosa domina a baranca.

Provida a machina de combustivel, operação em que habitualmente se gastam quasi 10 minutos, con-

(1) *Taquarissima*, *poçauna* e *caraá* são gramineas que dão optimo pasto aos animaes. Com os dous ultimos e folhas de gerivá, não ha cavallo que em pouco tempo não engorde muito, mostrando-se por elles muito avido.

(2) Os *salgueiros* são caracteristicos nos trechos mais orientaes do curso do Iguassú. Depois de certa zona, em que são frequentissimos, desaparecem quasi totalmente.

tinuou-se a viagem em meio das bellezas da natureza vegetativa de que procurámos dar imperfeita e descorada noção, enfrentando, á meia legua de distancia do porto Amazonas, com uma bifurcação do Iguassú, que ahi forma dous largos canaes, e uma grande e pitoresca ilha, a que dei o nome de *Lame-nha Lins*⁽¹⁾ em honra ao benemerito presidente, que de 8 de Maio de 1875 a Julho de 1877 administrou a província.

As 10 horas e dez minutos, fronteava-se a barra do rio Palmeiras, e 5 minutos depois, vencia-se a apertadissima volta do Castelhano, que mostra quão difficil seria ahi a navegação por vapor de maiores dimensões.

Sinuoso o rio, e sempre com curvas mais ou menos accentuadas, navega-se, attendendo-se a esses accidentes, até um ponto, em que as suas aguas fazem abrupta mudança de direcção. Eram 10 e $\frac{3}{4}$ horas, e ao local summamente característico e interessante, aformozeado por inumeros pés de *gerivá*, deu-se o nome de *Volta do Dr. Ermelino*, em homenagem não só ao distinto magistrado, tão popular⁽²⁾ em toda a província, como tambem ao jovial e espirituoso companheiro de viagem, cuja alacridade e entusiasmo mal eram diminuidos e sopitados por forte bronchite, apanhada de vespera.

As 11 horas, passavamos defrente da barra do rio Viramachado, em cuja boca, á margem esquerda, ha um porto com signaes de frequente passagem e canoas atracadas.

Defronte, á direita, empinam-se grandes paredões de grés em visivel decomposição; e suas fór-

(1) Vide a nota G.

(2) Foi o criador do *Museu Paranaense*, do qual ainda hoje é a alma e o conservador. Actualmente o Dr. Agostinho Ermelino de Leão tem assento na Relação de S. Paulo.

mas várias, mas um tanto regulares, a imitarem torreões e baluartes, grandes saliencias e reintrâncias, pannos como que ameaçados de proxima queda, tudo isso concorreu para que lhes déssemos o nome de *Muralhas de Jericó*.

Em largo trecho, reaparecem esses muros; depois tornam-se mais raros e sobretudo muito mais baixos. Surgem então e com frequencia, do lado esquerdo, sendo ahí a rocha impregnada de substancias bituminosas, o que fez com que alguns exploradores se abalancassem a tentar a extracção de petroleo e outros productos carburetados, que se encontram nessas pedreiras, cuja forma é pronunciadamente schistosa.

Para tal fim se estabeleceram dous allemães no lugar chamado S. Matheus. Até, agora, porém, não produziu a tentativa resultado valioso e provavelmente abortará, transformando-se os industriaes e pesquisadores extractivos em meros agricultores — o que, entre parenthesis, vale muitissimo mais.

À 1 $\frac{1}{2}$ hora da tarde, outro grande paredão á margem direita, com muitas casas de vespas (¹); construcçõezinhas curiosas e alvas, que dão mais graça ao aspecto geral das rochas, de cujo fundo escuro avermelhado resaltam como manchas brancas.

Chama-se esse lugar *Corvo*, ficando perto a embocadura do rio da Areia, que outr'ora servia de porto.

Nublara-se, porém, o céo e começou a trovejar e a chover grosso, denunciando o toldo do vapor algumas gotteiras um tanto fortes.

(1) No Paraná ouve-se communamente esta denominação de *vespa*, que em outras províncias é pouco empregada ou até desconhecida, substituída pelo de *coba* ou mais geralmente ainda de *maribondo*, sendo a outra destinada a uma espécie pequena e amarellada (*coba*), *cava*, ou *tapiacoba*, de que é tipo o *coboco*, cuja ferroada é em extremo dolorosa. Muitas são as espécies, *bajacava*, *tati-cava*, *turiiba*, *tomba*, *turá*, *yauaro*, que fazem ninhos de diversas conformações, alguns muito singulares e elegantes.

Ás 2 horas, já sob copiosa chuva, passavamos por diante da Lagôa Dourada, á margem esquerda, ficando outro grande paredão em frente, com a sua ornamentação de vespeiras. Desse ponto em diante, desaparecem esses muros avermelhados de grés, mostrando-se a rocha disposta toda em camadas mais ou menos altas e paralelas, infiltrada de matérias hydrocarbonadas e negras.

Meia hora depois, ás $2\frac{1}{2}$, atracava o vapor junto á barra do rio do Pato, para abastecer-se novamente de lenha, sendo esse local já ocupado por quatro casinhas. Dalli parte uma estrada, que leva á cidade da Lapa.

Depois de uma parada de meia hora, sempre com tempo brusco, continuou-se a descer, e já então os viajantes, abrigados pelos pannos de estibordo e bombordo, mais se occupavam em palestrar animadamente, do que em observar o que ia por fóra, tendo comtudo deixado ao homem do leme ordem expressa, para que fôsse apontando, em voz alta, aquillo que lhe parecesse mais digno de nota e menção.

Ás $5\frac{1}{4}$ horas, indicava-nos elle a boca do rio Passadous. Já ahi se desanuviára o tempo. Cessado o forte aguaceiro, cahiu uma tarde bella, serena e limpida, de prompto transmudada em noite escura e cerrada, cujas sombras eram aggravadas pelos compactos massiços da vegetação, que por todos os lados nos cercavam. Assim mesmo continuou o vapor a descer e, ás 9 horas, chegou á barranca de S. Matheus, encostando á margem para tomar lenha e alli passar o resto da noite.

É quasi meio de toda a viagem, entre os portos Amazonas e União da Victoria.

* * *

Às 3 $\frac{1}{2}$ horas da madrugada de 4 de Março, já estava o vapor prompto para seguir viagem e, desprendendo-se das amarras que o retinham á barra de S. Matheus, cortou logo o rio aguas abaixo.

Vinha o dia nascendo claro, puro e fresco; e os primeiros clarões da madrugada acordavam os passaros e aves proprias daquellas paragens, *patos*⁽¹⁾, *garças*, *socós*, *biguás*⁽²⁾, *martim-pescadores*, e outros de habitos aquaticos.

Cumpre, entretanto, observar que, em todo o trecho do rio percorrido de vespera, pouca animação notámos; bem raros animaes de mais vulto e caça grossa. Só vimos em mammiferos, algumas *capi-varas* (*hydrochoerus capibara*)⁽³⁾, que se conservavam quasi impassiveis a olhar para o vapor, sujeitas embora aos nossos tiros de inhabeis caçadores. Como as aguas haviam crescido e inundado as lagôas, conservavam-se os bandos longe das margens, não precisando, para se dessedentarem, sahir dos lugares de pastagem. Foi pelo menos a explicação dada pelo Sr. Amazonas, pratico de todas essas particularidades.

Tres horas depois da partida, já com dia claro, às 6 $\frac{1}{2}$ horas da manhã, fronteava o vapor a im-

(1) Esses patos silvestres, muito parecidos com os domesticos, têm plumagem verde-escura, bem carregada. São, por ariscos, mui difíceis de alcançar, embora tenham vôo pesado, igual e um tanto moroso.

(2) Vide a nota H.

(3) *Hydrochoerus capibara* de Erx-leben ou *cobiaia* de Buffon. Domesticá-se com facilidade, embora seja de natural arisco. A carne, que alguns caçadores comem, tem cheiro nauseabundo, de que são em extremo gulosos os peixes. De cor parda amarellada nas costas e esbranquiçada no ventre. Ha uma espécie completamente branca. — Nunca a vi.

portante barra do rio Negrinho (1), que desagua á margem esquerda, passando depois por defronte da grande ilha de mais de meia legua de extensão e em extremo frondosa, que separa aquella embocadura da do rio Negro, ilha a que o Sr. Dr. Ermelino deu o nome de *Taunay*, em honra ao presidente da província, soltando-se por occasião do baptismo uma gyrandola de foguetes.

Ás 7 horas enfrentava-se com a boca do rio Negro, cujo consideravel volume d'água traz tão notável contingente ao Iguassú, que a largura deste quasi dobra ahi. Pouco adiante, outro grande rio, Potinga, entrega do lado direito as suas aguas ao magestoso affluente, e é de ver-se o sitio pela muita belleza e solemnidade.

Na barranca desse lado direito e por sobre a vegetação compacta da margem, ergue-se uma grande linha de palmeiras *gerivás*, que se destacam como atiradores no fundo de extensissimo e alteroso pinhal, a figurar de temeroso e sombrio exercito.

Eram 7 horas da manhã.

Meia hora depois, entrava o vapor em uma volta do rio muito desdobrada e longa de vencer-se, na qual se gastam 45 minutos, o que quer dizer que, ás $7\frac{3}{4}$ horas, contemplavamos do lado de lá uma alterosa palmeira e um madeiro secco, que no topo de uma eminencia servem de balisa aos navegantes.

A essa volta, que obriga quasi constantemente á direcção E., quando se deve sempre caminhar para O. e que constitue, portanto, um dos factos mais importantes e caracteristicos da navegação do Iguassú, dei o nome de *Volta do Visconde de Guarapuava* (2), em honra ao benemerito paranaense.

Em quanto a percorriamos, notámos a ilha do

(1) É mais um braço de bifurcação do rio Negro, do que outra coisa.

(2) Vide a nota 1.

Mattos com bonito herval pertencente ao cidadão Cordeiro, e um ponto pejado de pedras e bastante perigoso, chamado *Anta-Gorda*.

Ás 8 horas e 10 minutos, tornavamos a tomar rumo de O., passando, um quarto depois, por corredeira pouco sensivel aliás, chamada *Ligeiro grande*.

Ás 8 e 45, á direita, a barra do Rio-Claro; ás 9, a do Paciencia.

Hora e meia depois, ás 10 e 15, parou o vapor junto a um porto, no lugar denominado *Chapéo de Sol*, para tomar lenha, desembarcando todos nós e acolhidos com muita alegria pelos moradores de duas casinholas proximas, que offereceram gallinhas, ovos, leite, melancias, recebendo em retribuição dinheiro, doces e biscuits.

Mora alli essa pobre gente em um recanto da zona de vagabundagem e correrias de indomitos bugres, a cujos assaltos estão sujeitos. O pai de uma rapariguinha e o marido de uma mulher, que ainda lá habitam haviam sido, no anno passado, mortos a flexadas, quando trabalhavam nas roças; e suas sepulturas, amparadas por grandes cruzes feitas de fresco, dão melancolica magestade á solitaria barranca.

Um quarto de legua adiante, vive laborioso e energico brasileiro, um tal Vallões, que parece prosperar bastante. Trabalha armado, sempre apercibido para qualquer investida, servindo, sem duvida, e muito, a sua reputação de intrepidez de antemural a qualquer tentativa de aggressão por parte desses indios, cujos habitos de traição só são excedidos pelo receio de serem repellidos e acossados em regra.

E alli passam a existencia, como imaginava Alencar em sua obra prima *O Guarany*, duas singelas bellezas, filhas de Vallões, uma dellas de formosura até notavel, outra meiga e sympathica, lembrando

as heroínas do celebre e inspirado romancista brasileiro.

A esse ponto e porfo, a que o vapor tem obrigatoriamente de parar na ida e na volta, pois o Sr. Vallões conseguiu isso da empreza fornecendo-lhe uns tantos metros cubicos de lenha gratuitamente, deu o Sr. Libero Braga, que comnosco vinha desde a vespera, o nome de *Barão de Taunay*, em homenagem a meu pai, eminente pensador e artista, que ao Brasil consagrou longa e laboriosa vida e à natureza americana amor e admiração inexcedíveis ⁽¹⁾.

À 1^{1/2} da tarde, costeavamos a formosa *Ilha dos Amores*, cujas praias alvissimas e cheias de seixinhos rolados estavam então cobertas pelas aguas.

Approximava-se a boca do magestoso Timbó ⁽²⁾ e apareceu entre nós a idéa, logo aceita, de faze-lo sulcar pelo vapor, pois até então fôra sua corrente virgem de qualquer embarcação, ainda canôas, pelo terror que inspiram as margens, infestadas de indios bravios.

Assim, ás 2 horas e 10 minutos, deixámos o Iguassú e entrámos no Timbó, subindo ao ar por essa occasião muitos foguetes, disparando-se as armas e soltando-se prolongados apitos, que acordavam estranhos écos naquellas invias solidões. Se por perfo andavam indios, deveriam ter-se posto em marcha accelerada, a procurarem mais seguro refugio em reconditas brenhas.

E o vapor sulcou sereno e por dia esplendido aquellas aguas, por entre margens impollutas do machado, fazendo a cada momento voar, ahi sim, muita caça e aves aquáticas, rodeado enfim de todos

(1) Vide a nota J.

(2) Vide a nota K.

os signaes de que jamais havia sido essa região explorada.

Ao primeiro porto natural, ou enseada, dei o nome de *Beaurepaire Rohan*, em honra ao sabio e ao viajante, que tanto estudou e conhece a provin-
cia do Paraná ⁽¹⁾.

Por delicada lembrança, que sem duvida agrada-
rá áquelle espirito elevado e philosophico, im-
puz á grande volta, que ahi começa, a denominação
de *Sertanejo Lopes* ⁽²⁾, ficando assim ligada na
formosa natureza, a recordação de dous nomes que
lemboram, um o descendente da nobreza européa,
outro o rude filho do deserto, que, só pela sua
intrepidez, soube nessa mesma natureza abrir lugar
historico para si.

Mais adiante outra grande volta, que ficou se
chamando do *Barão de Antonina* ⁽³⁾, pelo muito que
tambem fez este brasileiro a bem do descobrimento
de terras centraes, até o seu tempo ainda não devas-
sadas.

Uma legua, pelo menos, fôra vencida rio aci-
ma sem incidente.

Chegado o vapor a um porto, assignalado por
gigantesca embuia ⁽⁴⁾, no começo da extensa recta
formada pelo Timbó, porto que recebeu o nome de
Presidente Taunay, para indicar o ponto ultimo a
que chegava essa primeira exploração, decidimos vol-
tar, entrando novamente no rio Iguassú ás $3\frac{1}{4}$ ho-
ras da tarde.

Fórmâ alli a confluencia dos dous rios um es-
praiado, aliás de grande profundidade, de umas 600
braças de extensão, constituindo verdadeiro e lar-

(1) Vide a nota L.

(2) Vide a nota M.

(3) Vide a nota N.

(4) Vide a nota O.

guissimo lago, em que se reflectem todas as mutações e cōres da atmosphera e se espelham vivos o azul do céo e os contornos das nuvens.

O spectaculo era então da maior belleza, tinto o horizonte de scintillantes rubores, que punham chispas de fogo na fronde da mattaria e na superficie lisa das aguas.

A esse formoso ponto dei o nome de *Largo Bazilio da Gama*, em homenagem ao epico brasileiro, o immortal cantor do *Uruguay*, o creador de Lindoya.

Além, um quarto de legua após a embocadura do Varzea Grande, outro espraiado que recebeu a denominação de *Largo Santa Rita Durão*, o autor do poema brasileiro *Caramurú*.

Ás 3 horas e 45 minutos, o porto de Manoel Estacio; 5 minutos depois, a barra do rio Macuco.

Ás 4 horas, o ponto chamado Pinheiro Branco; meia hora além, a boca do rio do Pintado.

Afinal, ás $5\frac{1}{4}$ horas chegavamos, com aguaceiro violento, embora houvesse sol, á barranca do porto da União da Victoria, onde, no meio de innumeros foguetes, fomos recebidos com muitas provas de alegria pela populaçāo e pelos membros da commissão militar encarregada da estrada de Palmas.

* * *

A nascente povoação do porto União da Victoria está sendo edificada á margem esquerda do Iguassú, em duas collinas bastante irregulares e ligadas por uma baixada, que infelizmente é, como todas as circumvizinhanças, inundada por occasião das grandes cheias. A vista que se desfructa do alto des-

ses outeiros, extensa e bastante interessante, domina varias curvas elegantes do rio e, do outro lado, bella perspectiva de pinheiral e mattaria. Provém o seu nome do encontro, ou combinado ou ocasional e fortuito, de duas commissões de engenheiros e sertanistas que exploraram, ha uns trinta e tantos annos, aquella região em procura de communicação e caminho para a povoação e os campos de Palmas. Parece, comtudo, que o ponto exacto em que se fez essa junção fica abaixo, pois algumas voltas além demora o porto denominado Victoria, de maneira que não haverá inconveniente em chrismar-se com denominação mais caracteristica e concisa a povoação, quando tiver proporções para ser elevada a villa.

Passei o restante do dia 5 de Março a visitar a localidade. Fui ao abarracamento do contingente do batalhão de engenheiros, encarregado da abertura da estrada de Palmas, e não achei boa a sua collocação em local muito empantanado e humido, mostrando haver pouco cuidado na conservação da limpeza geral, com prejuizo da ordem e disciplina.

Em seguida, percorri a pé os poucos centos de metros abertos no contorneamento da povoação e com a largura com que deve ficar a estrada, e na volta examinei o perfil e mais trabalhos technicos.

Hospedámo-nos em casa do Sr. Amazonas Marcondes, que assim continuava em terra a hospitalidade dada no vapor *Cruzeiro*, sobre as aguas do Iguassú.

No dia 6, ás $6\frac{1}{2}$ da manhã, estavamos quasi todos a cavallo para o exame das picadas feitas a bem do traçado definitivo da estrada. Depois de experimentadas tres direcções pela commissão, determinou ella seguir mais ou menos a estrada existente, melhorando declives, contornando banhados e divergindo só nas morrarias e asperas subidas, como

acontece, logo a duas leguas do porto, na serra da Areia.

Fomos até às primeiras e já abruptas encostas desta serra, tendo feito mais de duas leguas e atravessado o bairro dos Tócos, o riacho Passo-Fundo e o rio da Areia.

O commandante da commissão militar, o Sr. capitão Belarmino ⁽¹⁾ queixou-se, não só da morosidade que qualquer transferencia de officiaes e praças e outros factos de carácter militar imprimem aos trabalhos, como do diminuto pessoal empregado nas obras de construcção e sobretudo da falta de um medico, que de prompto acudisse aos enfermos. Prometti, apenas chegado a Curitiba, sanar essa falta tão sensivel áquelle destacamento já bastante numeroso, pois conta mais de 50 praças, e também á população civil, tanto mais quanto o estado sanitario nesses ultimos tempos não havia sido muito bom ⁽²⁾.

Examinados ainda e com mais vagar os desenhos e instrumentos da commissão, voltámos á casa do Sr. Amazonas, donde sahimos ás 11 e 45 minutos, acompanhados de muitas pessoas, com destino ao porto, onde estava postada uma guarda de honra, despedindo-nos de todos os presentes, que nos saudavam com acclamações e vivas, enquanto o vapor descrevia as primeiras voltas para cortar aguas acima o magestoso rio.

Eram então 12 horas e 20 minutos do dia 6 de Março.

(1) Depois de substituído por algum tempo pelo major Eugenio Guimaraes, foi este mesmo official Belarmino reenviado em 1888 a proseguir aquella commissão que teve mais ampliação.

(2) Com effeito, nomeei o 2.º cirurgião do exercito Dr. Caldas, que á prestou bons serviços da sua profissão.

* * *

A viagem rio acima Iguassú durou 44 horas e 50 minutos, por quanto, partindo nós da União da Victoria ás 12 e 20 do dia 6 de Março, chegámos ao porto Amazonas ás 11 horas e 10 minutos de 8. Também para isso foi necessário viajar dia e noite, parando só a navegação algum tempo, a 6, por causa de espessa escuridão e, a 7, em razão de fortíssima trovada. Descontadas estas duas horas perdidas, pôde-se calcular que com luar claro, na marcha que trouxemos ou pouco mais acelerada pelas circunstâncias favoráveis, far-se-ha o trajecto de 43 a 46 horas.

A distância entre os dous pontos extremos é de $55\frac{1}{2}$ leguas, segundo os irmãos Keller, os primeiros que por ordem do presidente Conselheiro Fleury exploraram o rio, e esta apreciação foi aceita pela comissão encarregada de estudar os limites entre as Províncias do Paraná e Santa Catharina.

Os engenheiros militares da estrada de Palmas, acostumados a transitar por ali, calculam a distância em 53 a 54 leguas, ao passo que outros profissionaes a julgam não superior a 52.

Como pelo numero de horas pôde-se fazer idéa das distâncias percorridas, daremos ainda notícia de algumas indicações colhidas no regresso e que completam as notas anteriormente tomadas.

Assim deixámos de apontar a barra do rio do Soldado, que desagua á margem esquerda e com cuja embocadura enfrentámos a $\frac{1}{4}$ hora. Corta terras do Sr. Amazonas, e logo após se vê a boca do rio do Bueno.

Ás 3 $\frac{1}{2}$ horas, outro rio que ficára em esquecimento, o do Macuco.

Ás 5 horas, passavamos pela barra do Rio Timbó. Assim, pois, levaramos 2 horas para d'alli chegar ao porto da União e gastaramos 4 horas e 40 minutos afim de lá voltarmos.

Pouco antes, havíamos ainda uma vez admirado a placidez e solemnidade do *Largo Basilio da Gama*, evocando esse nome no meio daquella esplendida natureza vivas reminiscencias do seu bello poema, do qual se destaca pura e poetica a imagem de Lindoya. Tambem taes eram os encantos e formosura, que nas suas faces se transfigurava até a morte, inspirando ao poeta a sublime exclamação:

Tanto era bella, no seu rosto, a morte.

Para nós vinha a tarde descendo suave, fresca, serena, melancolica, e ainda com restos do dia parou, ás 7 horas, o vapor afim de tomar lenha, no lugar denominado *Escuda*.

Descemos então á terra.

De repente, bem distintamente ecôou prolongado, embora longinquo, som de uma buzina dentro da matta virgem, respondido logo á maior distancia por outro. Eram avisos e signaes dos bugres; e, de descuidados que estavamos, tornámo-nos de prompto attentos, não que houvesse perigo real, mas pela novidade das impressões que recebiamos alli, perto, em contacto quasi com a selvageria e indomavel pertinacia do gentio, cujo rancor e ferocidade tinham tristonho attestado nas cruzes erguidas á beira do rio.

Ás 7 $\frac{1}{2}$ horas, recomeçou a viagem, que se prolongou apezar da escura noite, quasi sem interrupção, até a madrugada de 7.

Passámos nesse dia, ás $6\frac{1}{2}$ horas da manhã, em frente á barra do Potinga, do lado esquierdo, e notámos que desse ponto é que começam a aparecer os elegantes *salgueiros*, cuja folhagem tenue, ramos pendentes e cõr verde-crê, dão tamanho realce e belleza ás paizagens, que se formam ao derredor do Iguassú.

Ás 7 horas, a boca do Rio Negro, e o começo da importante ilha Taunay, que tem mais de meia legua de extensão, e em cuja ponta occidental se agrupam lindíssimos salgueiros. Ás $7\frac{1}{4}$ terminação da ilha e embocadura do rio Negrinho.

Foi á 1 hora da tarde, que chegámos a S. Matheus, onde se estabeleceram em terras cedidas pelo Estado alguns allemaes, no intuito de explorarem petroleo e substancias hydro-carburetadas dos schistos bituminosos, tão abundantes em todos esses pontos. Com tudo, os Srs. Thiem e Rodolpho Wolf já se mostram desanimados da empreza, e parecem dispostos a se dedicar á agricultura. Com elles estive alli conversando algum tempo, ouvindo depois varias pessoas, que apresentaram pretenções e requerimentos.

As $2\frac{1}{4}$ horas, continuou-se a viagem sem novidade alguma, parando só ás $7\frac{1}{2}$ da noite para receber combustivel em um porto, que chamamos do *Auxilio*, por terem os Srs. Dr. Ermelino e Carneiro se prestado engracadamente a ajudarem o embarque da lenha.

Viajando toda noite com interrupção de uma hora, apreciamos, já de pé, a madrugada de 8 de Março, clara e limpida, e chegámos, ás 11 horas e 10 minutos, ao porto Amazonas, concluindo assim com felicidade aquella rapida excursão.

Nesse mesmo dia poderíamos ter alcançado, ás 11 horas da noite, Curitiba, caso não cahisse, quan-

do desciamos a Serrinha, violento temporal. Isto fez com que fossemos obrigados a parar em Campo Largo⁽¹⁾, onde novamente nos acolhemos á hospitaleira vivenda do distinto Sr. João Ribeiro de Macedo e alli passámos a noite.

As 10 horas da manhã seguinte de 9 de Março, chegámos todos á capital do Paraná⁽²⁾, e no espirito de quantos haviam feito aquelle rapido mas longo passeio, de certo ficaram motivos para duradouras e agradaveis recordações.

(1) Vide a nota P.

(2) Vide a nota Q.

IMPRESSÕES E REMINISCENCIAS
DA COSTA SUL
E DE SANTA CATHARINA

IMPRESSÕES E REMINISCENCIAS DA COSTA SUL E DE SANTA CATHARINA

I

As bellezas da costa meridional brasileira. Cabo Frio. Campos. Opiniões de D. Pedro II. Superaguy. Guilherme Michaud e seus desenhos. Sigwalt. O nucleo de Superaguy. Michaud, homem de real relevo.

Dentre as maravilhas que o nosso Brasil proporciona aos apaixonados da natureza collocam-se, certamente, na primeira plana, as que ostenta a Costa de Santa Catharina, desde os limites do Paraná até as vizinhanças da Laguna, sempre que a Serra do Mar corre proxima do Oceano. Este littoral catharinense, indescriptivel frequentemente em sua magestade, é o prolongamento da serie de panoramas admiraveis que desde Cabo Frio, pelo menos desde a Guanabara, se offerecem aos olhos deslumbrados do viajante.

Nunca tive o ensejo de ir a Cabo Frio, mas de sua região ouvi arroubadas descripções. Meu bom amigo Marianno Alves de Vasconcellos gabava-me immenso as da zona campista, a belleza de seus lagos e das praias suas vizinhas, tanto e tanto que me decidi um dia a avistal-os. E, realmente, em torno

de Campos ha cousas lindissimas a ver. A Lagôa de Cima, por exemplo, é simplesmente maravilhosa, a viagem ao longo do majestoso caudal, de S. Fidelis a S. João da Barra, verdadeiro encanto. Ouvi gabar immenso as praias de Grussahy de Gargahú e da Atafona, as margens da Lagôa Feia e a paizagem do Cabo de S. Thomé, mas não pude vel-as. Um grande apaixonado das bellezas de Campos era D. Pedro II, que por vezes a ellas se referiu, commigo a conversar, de modo cheio de entusiasmo. Já no exilio, ao lhe mandar as impressões de minha excursão a Campos, escrevia-me de Pariz, a 28 de Outubro de 1891, pouco mais de um mez antes do fatal 5 de Dezembro. — Que saudades me faz tudo o que de Campos me diz! — Era o excelso monarca um dos mais apaixonados admiradores de nossa natureza que sabia apreciar com verdadeira justeza. Lembro-me, sempre impressionado, das suas opiniões sobre o Paraná, cujos aspectos sobremodo o haviam extasiado. Quão exacta a sua comparação sobre os Campos-Geraes! «uma bella meza de marmore coberta de delgado panno verde!» Mas como ia dizendo, pensei diversas vezes ir a Cabo Frio para ver a Lagôa de Araruama e as paizagens marinhas que em torno daquella velha cidade se desenrolam. Mas nunca se me proporcionou a occasião e nem eram muito convidativos os meios de se attingir aquelle ponto tão gabado de pessoas de fino gosto e seguro criterio paizagistico.

Nas minhas diversas viagens ao Sul, ao pleitear as eleições de deputado por Santa Catharina, ou para assumir a presidencia desta província e a do Paraná, ou ainda quando fui para a Campanha da Cordilheira e ao Rio Grande do Sul, visitar o meu querido amigo Azevedo Castro, então presidente desta Província, tive o ensejo de diversas

vezes observar as bellezas de varios pontos de nossa costa sul. Jamais me esquecerei da grandiosidade de aspectos que apresentam os arredores de S. Sebastião. O Toque-toque é das mais lindas cossas do nosso littoral. Toda a costa norte de S. Paulo aliás, desde Santos á divisa do Rio de Janeiro, constitue uma successão infindavel de maravilhosos panoramas. É o que tambem se dá em torno de Paranaguá. Da bahia de Angra dos Reis conservo a impressão da sua grandiosidade, inapagavelmente.

Da minha excursão a Superaguy guardo as mais fortes recordações. Que recanto formoso aquelle da enorme e pouco profunda bahia de Paranaguá! Que admiraveis golpes de vista offerecem aquelles pequenos saccos, aquellas praias tão calmas, aquelles fundos alterosos de serra! Alli mora na colonia suissa, o meu amigo Guilherme Michaud, homem de talento, perdido naquelle ermo, ainda tão distante da civilisação. Desenhista eximio, dotado de senso artistico realmente extraordinario, matava o tempo a desenhar paizagens soberbas, embevecido na contemplação daquellas paragens primitivas, mas cheias de encantos sem par. Mandou-me muitos dos seus primorosos desenhos, legitimas preciosidades. Tão baldo de recursos que frequentemente não tinha papel proprio, para desenhar nem côres, de que o supri algumas vezes mandando-lhe do Rio de Janeiro material em troca de retribuição generosissima: os seus lindíssimos desenhos. Em certa occasião remetti-lhe um album, que me recambiou cheio de pinturas e que ciosamente conservo, porque tem real valia.

Como sabe representar a vegetação daquelles lugares e como os escolhe! São as suas palmeiras legitimas obras primas, as grandes arvores dos primeiros planos perfeitamente apanhadas. E tudo isto feito com tão deficientes elementos, tintas de infe-

rior qualidade, a cobrir um desenho impeccavel, traçado por mão de mestre. Em Novembro de 1885, então presidente do Paraná, visitei a colonia de Superaguy, fundação antiga de 1852, devida a Carlos Perret Gentil, Augusto Perret Gentil — este, se me não engano, genro do illustre Senador Vergueiro — e Jorge Carlos Meily, numa pequena peninsula á entrada da Bahia de Paranaguá. Allí encontrei tres nobres typos de antigos immigrantes: João Miguel Sigwalt, francez, Guilherme Michaud, suisso, e Rovedo, italiano. Delles pude dizer com a maior justiça «todos amando o Brasil de coração, embora não tenham tirado fructo algum do constante labor e dos maiores esforços no cultivo da terra».

Quando estive em Superaguy era Sigwalt o decano dos colonos; fiz-lhe um brinde, nesta occasião, lembrando a sua já longa permanencia no Brasil e os serviços prestados ao nosso paiz, o que muito o commoveu. Respondendo-me, leu pequeno manifesto dos seus conterraneos, muito cordeal, lembrando que pela primeira vez fôra um presidente do Paraná a Superaguy, «facto novo e sem precedentes nos annaes deste pequeno centro de população». Depois de me dirigir palavras generosas de aplauso pela minha accão immigracionista terminou com phrases bem expressivas. «Faziam votos para que nunca me abandonassem o animo e energia afim de poder vencer todos os obstaculos», não esquecendo nunca a tolerancia devida ás convicções tanto politicas, como religiosas».

Havia nesta época em Superaguy uns cinco ou seis dos primitivos colonos apenas. Quasi todos elles com familias patriarchaes. Eram-lhes os cafeses mediocres e definhavam até, mas já tinham dado alguma cousa e a estes intelligentes e trabalhadores colonos haviam consagrado certo bem estar. O velho

Sigwalt, ao notar a decadencia da cultura cafeeira, principiara a cultivar a vinha e depois de muito trabalho e esforço perseverantes obtivera resultados profícuos de sua tentativa. Ainda existiam em terras do nucleo mattas grandes á margem dos rios ou canaes, de bello aspecto na sua vestimenta.

De Superaguy, onde estive, a 14 de Novembro de 1885 e onde fundei uma sociedade de immigração, guardo as mais agradaveis recordações. Naquelle antigo nucleo de colonisação suissa, mal escolhido no local de sua installação, principiado com 13 familias, cultivava-se algum café, fumo, cereaes. Em 1856 tinha 64 estrangeiros, suissos quasi todos (menos 5 franceses e 2 alemaes). Não podia prosperar, como não prosperou, situado na vizinhança de um centro de população tão pequeno como Paranaguá.

Era o bom Michaud professor de primeiras letras contractado para o bairro de Superaguy. Ganhava a exorbitancia de 300\$000 annuaes! Mandei dar-lhe mais cem e o excellente homem ficou de tal modo grato que durante annos, depois que perdi a minha posição politica, me tem dado continuas provas de affeição e reconhecimento. Fiz-lhe justiça no meu relatorio ao passar, a 3 de Maio de 1886, a presidencia do Paraná ao primeiro vice-presidente, Dr. Joaquim de Almeida Faria Sobrinho, outro cavalheiro distinto, primorosamente educado, de quem guardo as mais agradaveis recordações. Assim me exprimi neste documento official: Cumpre ponderar que naquelle mal conhecido embora muito interessante ponto da provincia, encontrei um verdadeiro mestre, rodeado de muitos alumnos e, sem duvida alguma, artista bastante notavel. Com elle e com o distinto velho João Miguel Sigwalt, o mais prestigioso habitante daquella localidade, entretive, desde que os conheci, as mais gratas relações».

Era um pouco de justiça para com aquelle ignorado pioneiro da civilisação perdido no recanto isolado da nossa costa para onde o lançára o destino.

Como é singular o fado a que estão certos homens submettidos! No primitivo e rustico Superaguy vivia um homem cuja cultura, cujas instigações artísticas estavam em absoluta antinomia com o meio, a elle tão inferior, obrigando-o a uma existencia cheia de monotonia intensa, professor de primeiras letras, ganhando uma ninharia que pouco passava de mil réis diarios! E no emtanto podia este homem, tinha todos os direitos a aspirar uma posição distincta na sociedade. Intelligencia, cultivo, optimas maneiras, sympathica presença nada lhe faltava. Mas era um timido e um reconcentrado. Comprazia-se na contemplação das bellezas naturaes extraordinarias que o rodeavam e vivia à moda do *sage*, desta feição para a qual a nossa lingua portugueza não tem a adjectivação precisa como o qualificativo francez. *Sage* não é sensato, nem sabio, nem sabedor, e não é bem o nosso *justo*. *Sage* é *sage*, intraduzivel.

As ambições não o instigavam; com o talento, instrucção e habilidade que o ornavam poderia alcançar no Rio de Janeiro boa posição nos meios do ensino e artisticos. Mas não queria sahir de Superaguy. *A quoi bon?*, pensaria de si para si, e deixava que os dias, os mezes e os annos se lhe escoassem naquelle uniformidade que não o entediava porque tinha a felicidade da vida interior que — falta aos futeis e tolos e lhes provoca a invencivel displicencia.

Faz-me lembrar o caso do bom Michaud, o de um grande viajante da America que, passando a noite no mais miseravel dos albergues sertanejos de beira da estrada, despertou com os sons longinquos de violino, magistralmente ferido em suas cordas por al-

guem que o fazia emitir as vozes da mais funda expressividade. Extasiado não poude continuar a dormir. Quem naquelle deserto estaria a tocar daquelle modo, com aquella alma repassada de saudades e soluções? Levantou-se cauteloso e surprehendeu o estalajadeiro, de rabeca em punho, a arrancar do instrumento aquelles tons maviosos e angustiados. Era um individuo de vulgar aspecto, concentrado, aspero mesmo, que peremptoriamente se esquivou aos cumprimentos do seu hospede. E foi-se o viandante attonito do encontro que por acaso o puzera, naquellas solidões, em presença de um homem de aptidões superiores, exilado num ermo, passando uma vida tão diversa daquella para a qual a educação o talhara.

E por ahí, por este mundo afóra, quantos casos destes não haverá? Não é o do famoso archiduque d'Austria que, saturado das pompas de uma corte imperial, tudo abandonou para se refugiar num esconderijo, selvagem e inattingivel para os mais finos agentes das mais notaveis policias do Universo?

II

Digressões. Angra dos Reis e Paraty. Galdino Pinheiro. A bahia de S. Francisco do Sul. Os panoramas da costa catharinense. Itapocoroy. As minhas viagens pelo littoral de Santa Catharina com Manoel Moreira da Silva e outros amigos politicos. Episodios eleitoraes. Abnegação inexcedivel de Moreira.

Mas quanta e quanta digressão, Santo Deus! estará a observar o leitor amavel e condescendente.

A que distancia estamos do assumpto principal destas reminiscencias, sobre a costa catharinense! Mas lá chegaremos! Estamos descendo devagarinho. Falámos do littoral fluminense, do paulista. Já attingimos o paranaense. Mas não! ainda queremos dizer umas palavras, antes de chegar a Santa Catharina, sobre as paizagens, de um dos recantos mais admiraveis de toda esta região meridional. Não pude ver de perto as bellezas da serie de bahias e portos que vão de Paraty a Sepetiba, mas pelo que apreciei do conjunto, é a natureza alli absolutamente prodigiosa. Quanto seria desejavel que se estabelecesse boa linha de navegação com vapores confortaveis entre o Rio de Janeiro e Santos, afim de se poder ver, com vagar e commodidade, aquelle desenrolar de perspectivas admiraveis que, sem solução de continuidade, vão desfilando perante os olhos do observador embevecido, desde a sahida de nossa grande e incomparavel bahia até a entrada pittoresca e poetica do porto paulista? O que vi de S. Sebastião, da Ilha Grande me extasiou. Aquillo é para prender o viajante por muito tempo. Até a Marambaia com a sua restinga baixa, e as praias de Sernambitiba, tem aspectos surprehendentes. Quem me entretinha longamente a descrever as bellezas desta região fluminense era o sympathico amigo Galdino Pinheiro, angrense ou filho de Mangaratiba, apaixonado do seu recanto natal, delle falando com tanto calor, com tanto entusiasmo, pintando-lhe os encantos com tal vivacidade que me transportava em mente á contemplação daquellas maravilhas, os mares agitados da ponta do Cairuçú, os spectaculos grandiosos do Cabo de Joatinga, o aspecto selvagem da bahia de Mangaritiba em cujas aguas altas montanhas projectavam sombras, a travessia da Serra, na estrada de S. João do Principe, ao longo do Rio da Lapa, etc.

De quantos mais accidentes de praia e de montanhas me falava!

Mas entre nós tudo isto é ainda quasi inacessivel, ou pelo menos se obtém a custo de muito esforço physico e muito desconforto. Quando o progresso do Brasil provocar a abertura de boas estradas pelas serras e o estabelecimento de commodas linhas de navegação, ahi os moradores do Rio de Janeiro e os turistas terão, ao alcance quasi immediato, muitas das mais admiraveis perspectivas da Creação.

Mas é bem tempo de voltarmos a Santa Catharina.

Lembro-me, como se hoje fôra, da impressão fortissima recebida quando pela primeira vez entrei na bahia de S. Francisco do Sul. Que panorama admiravel! É um porto de incomparavel belleza e nada mais attrahente á vista do que a cidade, com seu casario branco e a sua matriz coberta por uma cupula de azulejos, a destacar-se de um fundo lindissimo de jacatirões e quaresmas, cobertos de flores alvas, côn de rosa, vermelho-avinhadas, como as vi então.

Durante as minhas viagens de cabalista infatigavel, a disputar voto por voto, em 1880 e 1885, a victoria aos contendores liberaes, apoiados pelo prestigio do seu partido, dominante do poder, tive o ensejo de realizar algumas das mais lindas viagens de minha vida e de ver panoramas maritimos estupendos, inesqueciveis. De um então guardo a mais violenta impressão, o da ponta de Itapocoroy, junto á velha armação para a pesca da baleia, de que ha restos ainda. Tentei descrevel-o nos meus *Céos e Terras do Brasil*, mas quando releio as minhas paginas e comparo o que disse ao que vi, vem-me o sentimento da pequenez humana ante a grandeza divina. Que painel aquelle! Quanta magnificencia, se-

renidade e amplidão naquelles aspectos do Oceano bravio, a açoitar os penhascos da Ponta Negra e da Vigia? E que contraste entre esta furia das vagas e a molleza com que elles vêm morrer na curva infindavel de uma praia protegida pelos dous promontorios, mar sereno, diaphano, esmeraldino, tão manso! Como o vi, cheio da luz de um dos mais admiraveis soes que me foi jamais dado contemplar! E a moldura daquella praia! no primeiro plano collinas verdes, coroadas de palmeiras, nos ultimos as montanhas aniladas de Itapocú e Jaraguá. Que panorama!

Mas, como dizia, os episodios das minhas agitadas campanhas eleitoraes quando candidato conservador contra o partido dominante, pelo primeiro districto de Santa Catharina, levaram-me a ver muita cousa bella do littoral catharinense.

E se o fiz, manda-me a gratidão que o diga, devo-o ao querido e inolvidavel amigo Manuel Moreira da Silva, homem cuja dedicação jamais poderei exprimir á altura dos serviços que me prestou.

Foi Moreira, o meu inexcedivel grande cabo eleitoral das tres grandes campanhas de 1881, 1884 e 1886, homem de pequena instrucção mas de larga intelligencia natural, habilissimo no perscrutar os sentimentos do meio em que vivia e admiravelmente conhecia. Já a seu respeito escrevendo, relatei num dia de desfastio, as peripecias que acompanharam a minha entrada para o Senado do Imperio, tracei-lhe um perfil que me parece fiel e porque sobretudo me agrada como homenagem a este amigo incomparavel, a quem immenso devo.

Ha de o paciente e amavel leitor surprehender-se das continuas digressões enxertadas a esta despretenciosa serie de reminiscencias de viagens pela nossa costa meridional. Mas é como diz o pro-

verbio: «uma mão leva a outra». Voltando-me para o passado longinquuo que me foi tão risonho e cheio de esperanças realisadas, distraio-me das tristezas do momento presente e das apprehensões graves do futuro, num periodo em que a situação geral do paiz tão carregada está e tornou-se prenhe de ameaças de dias da mais funda e justificada tristeza.

Se me veio a mente falar em Manoel Moreira da Silva foi por lhe associar o nome amigo a algumas das mais admiraveis excursões maritimas que jamais fiz, quando, voto por voto, disputava a victoria aos meus adversarios de 1881 a 1884, numa intensa campanha eleitoral que, se me custou immensa fadiga, fez-me conhecer bellos typos de amigos, envolveu-me em muitos episodios pittorescos e dá-me o ensejo de muita rememoração agradavel.

Já pela imprensa tive a occasião de relatar algumas das excursões maritimas a que alludo. Permitta o leitor que aqui reproduza umas poucas destas paginas de reminiscencias. Não são de todo destituídas de pittoresco.

Que esplendido typo de abnegação o do Moreira, velho e herculeo marujo, na sua robustissima constituição corporea, physionomia de poucos amigos, olhos apertados mas vivos, perfurantes, sempre inquietos e suspeitosos, cara larga, nariz pequeno, arrebitado, espirito inclinado á violencia e á teima, coração, porém, de immensa ternura e bondade, fogosamente prompto para defender os fracos, as crianças e os desprotegidos da sorte e correr em seu socorro! Pouco dado ás leituras, por certo, mas quanto bom senso, quando, tendo mão em si — o seu maior e constante esforço — não se deixava cegar pela paixão, pelas prevenções, ou pelo capricho! Ahi não havia como fazel-o recuar um passo, uma linha; preferia perder tudo, affeições, trabalho de longos

annos, todos os calculos e combinações, até a minha amisade, o seu bem supremo.

Sereno nas maiores difficuldades, crises e perigos, tornava-se terrivel nos momentos de exaltação e furor, deixando bem á mostra a sua natureza indomavel nos impetos, de que elle proprio falava com receio.

Conhecia eu bem o immenso valor desse homem, a sua grande elevação moral, e nelle depositava a mais absoluta e incondicional confiança, o que não poucos ciumes e zelos suscitou, por vezes, em outras pessoas proponderantes do partido conservador, tambem bons e leaes companheiros de propaganda politica e cabala.

Manoel Moreira foi, porém, de 1880 em diante, a alma, o centro de todo o movimento eleitoral de Santa Catharina, que, em quatro disputadissimos comicios, duas vezes me levou á Camara dos deputados e, por fim, me deu uma cadeira no Senado.

E elle era capaz de esforços que para outros se tornavam de todo o ponto impossiveis, tanto mais quanto lhes faltavam a organisação de ferro e a excepcional musculatura, que o caracterisava.

Uma feita, viajava elle sósinho, como tinha por costume, de Cannavieiras, na ponta da ilha de Santa Catharina, para o Desterro. O cavallo afrouxou.

Era noite e chovia; mas como no dia seguinte, deviam constituir-se as mesas eleitoraes na capital, atirou-se, debaixo de copiosos aguaceiros, a vir a pé e venceu, com passo ligeiro, as 9 leguas intermedias, carregando, por cima á cabeça o selim e mais arreios do animal *abombado*, que deixou ficar por alli á solta!

O episodio que deixei contado lembra-me dous verdadeiros feitos, em que Manoel Moreira me envolveu, batendo-me o pé, levando-me á valentona e

vencendo a pouca vontade de que lhe oppuz, antes de inicial-os.

Será tudo isso, esta saudosa vista de olhos pelo passado, uma homenagem ao amigo excepcional que tive a dôr de perder, a 6 de Setembro de 1888, vítima de horrivel desastre — a explosão de uma mina de polvora e dynamite que elle ainda estava carregando para descobrir, nas immediações de Porto Belo, uma nascente de petroleo! Se, pelo menos, tivesse morrido logo! Mas não, com a sua organisação de ferro, supportou seis dias de indizivel martyrio, o corpo todo queimado, o rosto uma só chaga! Meu pobre Moreira!

Antes, porém, pudera realizar a sua aspiração suprema, tantas, tantas vezes repetidas: «Hei de leval-o ao Senado, dr.!

III

Campanha eleitoral de 1881. Cabala fatigantissima. Recursos dos adversarios. Viagem interrompida. Tomamos uma baleeira. Imminencia de naufragio. Na barra de Itajahy. Escapamos á morte. Ida aos Ganchos. Grandiosidade do littoral catharinense. Doçura das reminiscencias destas viagens. Poema decantador da aspera cabala.

Vamos, porém, ás taes façanhas; dir-me-ão os leitores se os factos realisados não são dignos de pomposa ampliação.

Voltavamos, na primeira eleição de 1881, a cavalo da excursão por todo o Norte da província, tendo visitado S. Francisco, Joinville, S. Bento, Ita-

pocú, Barra Velha, Itapocoroy, Itajahy, Camboriú, além de Gaspar e Blumenau, tudo com mil voltas e mil paradas, ora a fazer conferencias populares, ora em solicitações pessoaes de casa em casa de eleitor — enfim uma canceira enorme! Vinha eu, sobretudo, de entre os mais companheiros de cabala, positivamente estrompado e ancioso pela viagem marítima que devíamos fazer de Itajahy ao Desterro, num manhoso vaporsinho da carreira entre a capital e S. Francisco, de quinze em quinze dias, com escala pelo porto intermedio.

Terrível decepção nos esperava, porém. Por manobra eleitoral, os adversarios, lançando mão não me lembro mais de que pretexto, haviam apressado de vinte e quatro horas a partida do tal vaporsinho. Que fazermos em tão penosa contingencia, quando os dias estavam contados e nos apertavam com urgencia?

Ficarmos á espera? — Impossivel! Encetarmos a longa e penosa travessia terrestre de Itajahy a S. Miguel e dalli ao Desterro por pessimos caminhos e continuas morrarias com os animaes exhaustos de fadiga? Outra impossibilidade.

Manoel Moreira, para quem se voltavam todos os olhares e todas as interrogações, estava de cara amarrada, sombrio e a cada instante sahia da sala do mau hotelzinho em que nos achavamos e nella entrava agitado, frenético, mas silencioso.

Numa dessas passadas appareceu-nos radiante de alegria.

— Está tudo arranjado, exclamou; amanhã ou depois, quando muito, chegaremos todos ao Desterro.

Que boa peça pregada aos liberaes!

— Mas como, Moreira? indaguei surpreso. — Nada mais simples... Acabo de alugar uma boa baleeira e vamos abrir a vela ao vento... Por desgraça

é sudoeste... mas havemos de bordejar com geito. Houve um só grito de impugnação, quasi terror. — Como, sahir barra do Itajahy, navegar dias inteiros pelo mar alto? — E que tem isto? Olhem está até ameaçando temporal! eu os aviso.

Mas quem quer os fins, quer os meios.

Fiquem em terra os medrosos, que daqui a pouco parto eu ahi! isto é certo: eu não fico em Itajahy...

Que fazer-se com um homem desses?

Não houve remedio, e dalli a pouco, eu, o coronel Domingos Costa, sempre engracado e galhofeiro, o capitão Amorim Caldas e Moreira, ao leme, como intrepido piloto, demandavamos a remos, com enorme risco, a barra do rio Itajahy, os céos plumbeos, ameaçadores, negros!...

Estivemos ao transpôl-a, quasi a naufragar, todos nós de botas e esporas; mas a baleeira era valente, os quatro remadores peritos e destemidos, guia-dos pela voz segura e animadora do habil timoneiro e afinal ganhámos o largo, o pleno Oceano.

Que ondas, que vagalhões! A cada momento parecia que íamos ser tragados pelo elemento em furia. Entretanto, gracejavamos, ainda que já molhados até os ossos, enquanto Moreira, *Maneca Diabo*, seu appellido de longa data, assoviava ao leme. Em certo trecho, nos calamos. Complicára-se a situação. Temerosa nuvem pairava, como que sobre as nossas cabeças.

— Então, sr. Moreira, ha perigo? perguntei. — Boa duvida, confirmou elle: mas que importa? Ninguem ha de ficar nesta terra para semente.

Mal dissera estas *consoladoras* palavras arrebentou a nuvem num tremendo aguaceiro que alagou a misera baleeira; não podia, comtudo, ensoparnos mais do que já estavamos.

Iamos á vela bordejando longa e morosamente com vento rijo contrario.

— De nada serve, disse por fim Moreira, estamos a dar destas guinadas. Hoje não faremos nada. Mais vale tocar para a enseada de Camburiú.

Foi o que se fez, não sem custo, até alcançar-se o suspirado abrigo, defendido contra os furores do sudoeste por um simples e prolongado promontorio — disposição peculiar a outros pontos da costa de Santa Catharina — enseada do Brito, Garopaba, Imbetuba, etc.

Tambem que alegria, quando alli chegámos, deixando a poita em formoso reconcavo de mar sereno e hospitaleiro!

E como lá estava um hiate carregado de arroz socado mettemo-nos até ao pescoço dentro do alvo cereal, enxugando assim em poucos minutos as roupas varadas d'agua.

Que comemos naquelle noite? Sardinhas de lata com umas roscas duras como calhaus, que Moreira — sempre o Moreira — fôra buscar em terra e comprar numa vendinha, nem de proposito, de eleitor nosso, que lhe hypothecou o voto.

O certo é que dormi como um bemaventurado!

De madrugada, mal luzia a primeira barra do dia, acordou-nos a voz triumphante do nosso piloto.

— Vento nordeste! exclamou. Às 6 horas estaremos desembarcados no Desterro. Ah! que boa peça pregamos aos liberaes! E, com effeito, lá fomos tangidos por favonio sopro, cortando, com rapidez de flecha, a superficie lisa dos mares acalmados.

Moreira, todo contente e ancho, apontava-me os menores cabos e pontas e ilhas e rochedos, que tudo aquillo conhecia elle como a palma da leal e rugosa mão.

— Repare nos Ganchos, disse-me em certo trecho; alli temos eleitores, fique sabendo. Vamos agora dar costas á ilha do Arvoredo, onde está o pharol, e entrar no canal... Não ha mais duvida possivel.

E repetia comsigo mesmo:

— Que bella peça preparamos aos srs. liberaes!

Com effeito, pouco antes até da hora por elle indicada, saltavamos na praia Rita-Maria, por querermos guardar mysterio sobre a nossa volta.

Não houve, porém, como, e com pasmo de todos, soube-se logo no Desterro da chegada dos intrepidos navegantes e valentes lidadores.

Fôra Maneca Diabo quem tudo fizera!

Na outra proeza a que me forçou, Manoel Moreira, não corri, por certo, tamanho risco, mas não foram pequenos os incommodos supportados.

Em certo dia, á noite annunciou-me peremptoriamente.

Vamos amanhã aos Ganchos.

Olhei-o estupefacto.

— Aos Ganchos?

— Sim, áquelle ponta que lhe mostrei, ao virmos de Itajahy. Ha alli quinze eleitores do collegio de S. Miguel, e é preciso fazel-os ir votar.

— Você, porém, não veio ante hontem de lá? — Por isso mesmo. Os homens não se querem incomodar, sem que o Dr. vá lá fazer uma *falação*, além de outro accordo...

— É uma loucura...

— Qual! ha outras bem peiores.

Amanhã vento sul para nos tocar até lá e, mais que provavelmente, vento nordeste depois de amanhã, senão fresco, pelo menos banzeiro.

Fez-se o que elle determinára e eis-nos na madrugada seguinte, partidos do Desterro e viajando pelo Canal, correndo para o Norte. E foi o que fizemos

o dia inteirinho, pois só chegámos aos Ganchos ás 6 horas da tarde.

Levarámos foguetes e fomos os proprios que festejámos um tanto ruidosamente a nossa chegada e presença.

À praia, alguma gente, quanto havia no desolado agrupamento de casinholas e ranchos, morada de pobres e acaipirados pescadores.

Antes de jantar, restos da nossa matalotagem com mais uma grande pescada cosida na agua e sal e que estava excellente, fiz a tal *falação*, conferencia a que me referi, como de rigor, à grande naturalisação e a outros assumptos que o auditorio acolheu perfeitamente indiferente a tudo.

Os argumentos de Moreira os impressionavam muitissimo mais.

No fim, houve, entretanto, suas palmas.

E fui dormir estrompadíssimo, embora toda a viagem não me tivesse mexido de cima de uma esteira.

Ás quatro horas da manhã seguinte, acorda-me Moreira.

— Não lhe disse? exclamou; temos alguns nordeste, que lá pelas onze horas, ha de refrescar. Deus ajuda a quem trabalha.

E pouco depois das seis da tarde, desembarcámos no Desterro.

Os eleitores dos Ganchos foram, com effeito, votar em S. Miguel.

Quanto se me representa aos olhos esse formoso e variado panorama que se desdobrava de um e de outro lado do canal! E Moreira ia me apontando o que nello havia mais saliente.

«Olhe a Ponta Grossa, a velha fortaleza, o cabo de Cannavieiras, a ilha de S. Francisco; olhe alli desagua o Biguassú, aquillo é o morro da Cam-

birella...» e mais isto e mais aquillo, num enumerar sem fim.

Que céo, porém, tão limpido, translucido no seu azul intenso! Que mar tão verde e achamalotado.

Passamos por tal modo perto de uma das ilhas Ratones, que me chamaram as vistas, embellezando-as uns soberbos lirios, agarrados ás rochas.

Parou-se para colhermos muitos pés de cebolas, que depois cheguei a cultivar no meu jardim do Rio de Janeiro. Degeneraram, porém. Lá eram soberbos, vermelhos, rajados de negro e por isto chamados *mantos do diabo!* Apezar de todas as canseiras, que bellos dias, que impressões para todo o sempre! Ah! o passado, nas condições sobretudo do Brasil hodierno tem tamanho prestigio para quem viu este bello paiz outro e bem differente.

Com que segurança se encarava então o futuro! Lembra-me isto as palavras de Talleyrand a uns moços que lhe gabavam o prazer da vida: « Vocês nem imaginam quantos encantos tinha a existencia de outr'ora. São cousas que não voltam mais e, em longos seculos, pertence a certos periodos da existencia commun. Felizes os que puderam morrer dentro delles; felizes em parte aquelles que conheceram algo dessas épocas excepcionaes e afortunadas! »

O mesmo diremos de não poucos decenios do secundo e grandioso reinado de D. Pedro II.

Quanta recordação saudosa destes dias de agitação febril! Nem sentiamos as fadigas que nos estropeavam quasi.

A proposito desta campanha escrevi, em dia de menos «afoubação», uns versos — se é possivel assim designal-os — que os bons companheiros leram com estrepitosos aplausos e boas gargalhadas. Muito vale a amizade!

IV

O pleito eleitoral de Janeiro de 1886. Competidor terrivel. Sobresaltos e anciadade. Difficuldades com os correligionarios durante a minha presidencia do Paraná. Singular projecto de reforma da instrucção publica. Palavras do Barão do Serro Azul. Sordidez da politicagem de aldeia. Manoel Euphrasio Correia. Suas grandes qualidades. As iras partidarias no Paraná. Dedicação de Manoel Moreira. O triumpho de 15 de Janeiro de 1886. Morte do Barão da Laguna. Os grandes meritos deste illustre servidor do Brasil. Amizade que me consagrava. Tocante prova de affeição. A campanha senatorial. A morte de Maneca Moreira.

Em 1886 ocupava eu a presidencia do Paraná e era ao mesmo tempo candidato á deputação geral pelo primeiro districto de Santa Catharina. Estavamos na vigencia de situação conservadora e eu dispunha de excellentes elementos de triumpho, mas o meu contendor Conselheiro Francisco Antunes Maciel, antigo ministro de Estado, ministro do Imperio, do Gabinete Lafayete, de 24 de Maio de 1883, pessoa distinta com bons dotes oratorios, figura de relevo do partido liberal rio-grandense, dava-me muito trabalho. Havendo desposado uma senhora viúva, possuidora de grande fortuna, gastava a mancheias em Santa Catharina, para me tomar a cadeira e no Rio Grande do Sul, em que pretendia fazer-se eleger pelo segundo districto, contrapondo a influencia á do dis-

tincto candidato conservador, Dr. Francisco da Silva Tavares, pertencente a uma das mais illustres familias da provincia, filho do fidelissimo chefe legalista da guerra dos Farrapos, o Visconde do Cerro Alegre; irmão do general Joca Tavares, Barão de Itaquy, o tão conhecido chefe da revolução federalista de 1893, com optimos serviços de guerra no Paraguay. E não fosse pela influencia da familia, numerosa, rica, contando grandes estancieiros, como o Barão de Santa Tecla, por si, já era o Dr. Francisco da Silva Tavares um competidor temivel, sobremodo popular, influente, muito embora acontecesse no Rio Grande do Sul o que se dava na Provincia do Rio com os liberaes. Havia uma minoria muito pequena de conservadores em relação á grande massa de liberaes, desproporção esta que permittira, na penultima situação conservadora, a existencia, numa camara quasi unanime, de uma bancada numerosa, liberal, onde figuravam elementos de alto valor como Silveira Martins, o Conde de Porto Alegre e Florencio de Abreu.

À larga espalhára o Conselheiro Maciel dinheiro pelos chefes liberaes de Santa Catharina, com resultados contraproducentes aliás. Nunca fôra politico na provincia, e este expediente, de gastar a valer, para levar os conservadores de vencida causou entre as pessoas reflectidas desagradavel impressão. Mas devo dizer que não deixou de me sobresaltar vivamente. Seria realmente terrivel que me derrotasse, eu, conservador, amparado pela situação dominante, dispondo de prestigio afanosamente obtido em duas campanhas eleitoraes trabalhosissimas. Na primeira, em oposição e em segundo escrutinio levára de vencida o candidato liberal, alcançando 648 votos contra 627 obtidos pelo meu contendor, Dr. Pitanga. Em 1884 a 10 de dezembro, perdera, é ver-

dade, a eleição, mas por vinte e um votos apenas, pois tivera o meu vencedor Dr. Duarte Paranhos Schutel 687 votos e eu 666.

Mas, como dizia, constou-me, e aos bons amigos de Santa Catharina, que o meu adversario espiava grossas quantias para alcançar suffragios. Não me é dado, porém, affirmar da veracidade destes boatos, mas falou-se muito na provincia de diversos casos, entre os quaes um se tornou sobremodo commentado, a velhacaria attribuida a tres cabos eleitoraes do Conselheiro Maciel, que em vez de empregarem os quinze contos de réis recebidos do candidato rio-grandense, para a campanha em prol de sua eleição, os repartiram irmâmente entre si, deixando outras influencias, *in albis*, o que certamente as desapontou de modo singular.

Uma derrota em Janeiro de 1886 seria de funestas consequencias, quiçá irremediable desastre para a minha carreira politica. Assim quanto momento desagradavel de sobresalto e anciedade tive de cortir no gabinete presidencial do modestissimo palacio de Curitiba! Fosse eu vencido, com que satisfacção não celebrariam os liberaes do Paraná este fracasso do presidente conservador!? Bem injustos, aliás, em seu desforço, pois primeiro presidente da provincia, na situação vencedora, a 20 de agosto de 1885, com o gabinete Cotelipe, a consciencia jamais me exprou um unico acto, por pequeno que fosse, de perseguição sequer, de malquerença ao partido apeiado do poder. E nem sempre me foi facil sopitar as instigações rancorosas dos chefes conservadores provinicias, sequiosos de desforra, após sete annos de ostracismo do poder. Apenas desembarcado em Paranaguá, nem sequer empossado da Presidencia da Provincia ainda, já me vira ás voltas com um dos mais influentes chefes conservadores que me apre-

sentára interessantíssimo plano de *reforma da instrução primaria provincial*. Era apenas uma completa contra-dança de professores publicos. Simples troca de lugares, dictada pelos rancores partidários. A professora A. seria transferida da Lapa para o ermo que era Assunguy, B. de Paranaguá para Guarapuava, no alto sertão, C. de Curitiba para algum lugarejo como Guarakessava, e assim por diante. Explicava o autor deste pomposo «projecto de reforma» que o marido da primeira, liberal energumeno precisava de severo castigo; ao da segunda, chimango atrevidíssimo, devia-se-lhe «quebrar a castanha» e «mostrar-lhe que o trunfo agora era paus», e assim por diante.

Tambem sem o menor circumloquio fui logo declarando ao meu correligionario rancoroso: a ninguem removeria por questões de partidarismo, phrase que o escandalisou, provocando murmurações contra o meu *loyalism* conservador, por parte de diversos chefes de prestigio e directores do partido *cascudo*.

Era o que faltava se eu consagrasse o meu tempo a examinar estas questiunculas! *J'avais bien d'autres chats à fouetter!* ao assumir a presidencia do Paraná! onde a consciencia me diz que procurei servir, bem ou mal, os posteros me julgarão, a causa do Brasil e da civilisação.

Foi com verdadeiro desvanecimento e legitima sensação de amor proprio reconhecido que do infelizíssimo amigo Ildefonso Correia, o malogrado e hoje celebre Barão do Serro Azul, ouvi, em publico, as affirmações de que na presidencia do Paraná agira eu: «como o semeador do Evangelho, atirando ao vento ideias e mais ideias, cahisse ou não na rocha, esteril ou na terra fecunda». Pobre Ildefonso Correia! tão intelligente e bom! vilmente assassinado nos horrores da hedionda chacina do kilome-

tro 65! Paz á sua memoria honesta de patriota e cidadão exemplar!

Nem sempre me foi possivel manter-me sem dificuldades nesta linha de respeito aos adversarios destituidos do poder. Tive-as sérias, até com um dos meus melhores amigos, o sempre saudoso Manoel Euphasio Correia, um dos homens a quem mais quiz. Era uma intelligencia de primeira agua, possuia dotes tribunicios elevadissimos e um caracter sem jaça. Vi-o com a maior magua desapparecer a 4 de Fevereiro de 1888, quando, com verdadeira elevação, presidia a província de Pernambuco.

Mas era filho do Paraná, chefe da maior e mais justa influencia, sofrera longo periodo de ostracismo, valentemente batendo-se pela causa conservadora, com uma dedicação sem par, sem desfalecimentos, energico, animado, confiante. Deputado de 1872 a 1878 e tendo perdido a cadeira com a queda da situação, não lográra a victoria no primeiro pleito da eleição directa, em 1881, mas nem por isto se abatera. Às voltas com as mil e uma intrigas da politicagem provinciana, furiosa, exasperada, cheia das mais sordidas mesquinhezas, conseguira afinal, em 1884, vencer o partido dominante, fazendo-se eleger deputado geral pelo primeiro distrito da província, em primeiro escrutinio, por 540 votos num total de 1054 votantes.

Durante os ultimos annos sofrera muitas picuinhas das presidencias liberaes e se, generoso como era, não sabia guardar rancores, nem perseguir adversarios vencidos, tinha de attender a chefetes do seu partido que não compartilhavam destes sentimentos elevados. E assim me trazia suas queixas e écos de desforço, pondo-me por vezes em verdadeiros apuros, pois acima de tudo lhe prezava a amizade leal, forte, antiga de vinte annos.

Quanta mesquinhez pratica a ira partidaria e politiqueira! É inacreditavel como os dictames de um partidarismo estreito e tolo sobrepujam as considerações de interesse geral!

Ainda no Paraná certa vez tive o ensejo de o comprovar. Numa das muitas viagens que pela província emprehendi, para ajuizar das estradas, conhecer as diversas localidades e entrar em relações com as personalidades mais distintas das diversas zonas fossem elas conservadoras ou não, certa vez característico e curioso caso sucede-me. Soube da queda de uma ponte, dando acesso á fazenda importante de prestigioso liberal e ouvi que este se gabára de só a ver reconstruída quando o «partido» subisse de novo ao poder, pois nada podia esperar de *cascudos*. Mandei chamal-o e annunciei-lhe que lhe faria reconstruir a ponte, logo. Era um homem seccarrão, mas attencioso. Pareceu duvidar da realização da promessa do chefe actual dos *cascudos* da província. Despediu-se polido, mas um tanto impertinente. Ordenei que lhe fizessem a ponte logo e tempos depois veio ver-me todo effusivo e até certo ponto enfiado agradecer-me o favor. Notei que positivamente estava assombrado do que se lhe fizera.

Estes modos de proceder influiram muito para que o orgão liberal da província, o *Dezenove de Dezembro*, que por dever de officio me atacava, usasse sempre de commedimento, vendo que pelo menos eu procurava servir com consciencia o cargo confiado pela Corôa, não me poupando a fadigas, por vezes bem penosas, afim de conhecer as necessidades da província. Mas se era esta a feição da luta partidaria: o ataque perenne, desabrido, a ignorancia do salutar principio do *hodie mihi!* Havia bem pouco tinham os liberaes exercido o poder com bastante pouco caso dos direitos de seus adversarios, dahi

o sentimento de desforra, tão humano que os vencidos de hontem e dominadores de hoje queriam a cada passo fazer prevalecer.

Voltemos, porém, ao caso de minha eleição pelo primeiro districto de Santa Catharina, que devia realisar-se a 15 de Janeiro de 1886. Qual seria o seu resultado? Tinha eu as melhores esperanças, mas não me considerava eleito pela certa. Longe disto!

Manoel Moreira da Silva, o meu valente braço direito habilmente se aproveitava dos menores incidentes, queixas, desenganos e projectos de vingança, enquanto eu me ralava de impaciencia e inquietação na minha presidencia do Paraná.

Momentos houve, e muitos, em que me supuz, sem remissão, perdido, derrotado! O que seria então da minha carreira confirmado o *insuccesso* do anno anterior, arredado, talvez para sempre, da Camara enfraquecida, cada vez mais, a minha força moral perante o meu circulo e aos olhos dos cheffes do Rio de Janeiro! E, como sempre acontece em occasiões destas, choviam cartas e telegrammas desanimadores, propositalmente ou não, terrificantes.

O meu imperterritó cabalista era o unico que me alentava as esperanças. Aliás escrevia pouco, mas passava-me telegrammas, que não acabavam mais. Um delles, bem me recordo, custou mais de cento e cincuenta mil réis, pois a linha do governo não lhe merecia confiança e só se servia do telegrapho inglez, submarino.

Em continuas viagens, incansavel, indiferente ás intempéries, fazia prodigios de actividade, attento a todos os symptomas de esmorecimentos ou calculada frouxidão nos meus eleitores e acudindo ao caso com admiravel energia e argumentos de toda sorte, de que não eram excluidas as ameaças de desforço pessoal.

No pleito de Janeiro de 1886 desenvolveu a sua costumeira actividade, e muito; graças a elle obteve assignalado triumpho sobre o poderoso adversario que ao mesmo tempo perdia a eleição pelo quarto districto do Rio Grande do Sul. E peior, perdeu os dous pleitos em primeiro escrutinio, pois o Chico Tavares tambem obteve uma bella victoria suffragado por 1143 votos num eleitorado de 2112.

Num total de 1383 votantes consegui 748 suffrágios quando me teriam bastado 692 para me assegurar a victoria em primeiro escrutinio. Alcançára o Conselheiro Maciel 557 votos, que lhe custaram, segundo se disse na época, dezenas de contos de réis. Neste mesmo dia tivera eu a grande satisfacção de ver vitorioso, em primeiro escrutinio, pelo primeiro districto do Paraná, o meu querido amigo Manoel Euphrasio Correia, vencedor por muitos votos do Dr. Generoso Marques, liberal. E nem se diga que houvera pressão por parte da presidencia da província. No segundo districto foi o candidato conservador, o sympathico engenheiro Dr. Francisco Theresio Porto, vencido, tambem em primeiro escrutinio, pelo seu competitor liberal Conselheiro Manoel Alves de Araujo. E ainda na eleição provincial, naquelle mesmo dia 15 de Janeiro ou immedio haviam sido eleitos em primeiro escrutinio quatro liberaes e cinco conservadores pelo primeiro districto. No segundo districto em primeiro escrutinio só foram eleitos tres conservadores, chegando a obter um lugar na assembléa o republicano Vicente Machado, que é hoje o «dono» do Paraná e governa o infeliz Estado ha pouco tão experimentado pelos horrores da guerra civil e as crueldades da repressão legalista, como legitima feitoria sua, bastante á feição dos inumeros tyrannetes hispano-americanos nossos conhecidos, hélas!

Emfim estava eleito! Antes de voltar á Camara occorrera o fallecimento de meu nobre e distinctissimo amigo o Barão da Laguna, em 16 de Fevereiro de 1886. E os meus correligionarios catharinenses, ainda em muitos collegios instigados pelo zelo, a affeição, a dedicação extraordinaria do bom Moreira, haveriam de dar-me esplendida votação no pleito de 14 de Junho desse mesmo anno de 1886. Nelle me apresentei candidato a um lugar na lista triplice de onde o monarca deveria escolher um substituto para a vaga, no Senado, do dedicadissimo servidor do paiz, que fôra o Barão da Laguna, typo de caracter impolluto, que tanto honrára a marinha brasileira, sobretudo como inspector do Arsenal da Marinha numa época difficilima da vida nacional, como esta do periodo indeciso da guerra do Paraguay. Ainda não se lhe fez talvez inteira justiça, que os serviços por este homem prestado ao Brasil foram relevantes.

Tinha muito espirito natural; inclinado a certa bregeirice e grande vivacidade. Não era certamente dado ás letras, mas á falta de instrucção supriam a intelligencia vivaz, a ponderação e a prudencia. Entre os chefes do partido conservador, a que pertencia, gosava do mais merecido prestigio, pois bem lhe conheciam a lealdade e o criterio. Consultavam-no e ouviam-no com attenção.

Diziam os faladores e adversarios politicos que nascera em Portugal, mas esta intrigasinha ridicula, a que dava certos visos de verdade o aspecto phisico do «Chefe Lamego» como tanto era conhecido na classe que sempre e tanto honrára, fundava-se numa inverdade. Nascera na Laguna, realmente, e tinha a apparencia de um homem de forte e perfeita saúde, possante, massudo, claro, rosado, excellente tez, nariz adunco, olhos claros muito vivos. Tinha sota-

que portuguez, o que não era de admirar, pois na costa de Santa Catharina, povoado por descendentes de colonos açorianos muito se fala cantado e «agallegado». Nas minhas viagens pelo littoral a cada passo ouvia eu referencias ao «vento súli» e nem era o *v* bem explicito; nelle havia como que uma transição para o *b*; ás vezes qualquer cousa como *brento*, no genero daquelle som intermedio do *r* e do *l*, que tanto me divertia entre os caipiras de S. Paulo ao pronunciarem *arlma*, *carlgueiro*, *senhorl*, ou melhor *nhórl*, etc.

E um ou outro destes praianos, com caracteristicos atavicos mais fortes pronunciava *bento suli*. Cantando, raros eram então os que não falavam.

Foi o proprio Barão de Laguna, como já o contei alhures aliás, quem, escrevendo-me poucas semanas antes de falecer, ao relatar-me quanto sentia a imminencia da morte, dizia-me com uma coragem de estoico e a singeleza da alma bem formada que não viveria muito tempo e que como bom *barriga verde* desejava immenso que eu ocupasse a sua cadeira no Senado do Imperio.

Correspondeu o eleitorado de Santa Catharina aos desejos dos ultimos dias do venerando e illustre almirante.

Apezar das manobras da Camara Municipal de Desterro, toda ella liberal, no sentido de deslocar a terceira candidatura conservadora, o meu dedicado amigo Nicolau Malburg, allemão nato, brasileiro naturalisado, negociante em Itajahy, e chefe de merecida e larga influencia na zona colonial da provincia, para dar o terceiro lugar ao Conselheiro João Silveira de Souza, liberal; apezar de suas manobras, confessou esta junta parcial, apuradora, que eu obtivera, em toda a província, 1358 votos, cabendo o segundo lugar ao coronel João Ribeiro da Silva,

chefe conservador, prestigioso, do segundo districto, com 1235 votos.

A 6 de Setembro de 1886 escolhia-me o Snr. D. Pedro II Senador pela provincia de Santa Catharina. Tinha eu attingido o vertice de minha carreira politica parlamentar...

Isto gracas aos bons e dedicadissimos amigos da bella provincia que me honraram com o seu amparo e sympathia. Nos districtos coloniaes como Itajahy, Blumenau, Joinville, Gaspar, os allemães, quasi em peso e com o maior desinteresse, me distinguiram sempre com os seus suffragios.

Poude o meu bom Maneca Moreira ver cumprida a sua prophecia. Pouco depois, desapparecia do mundo, exactamente quando fazia dous annos de minha escolha pelo Imperador para o Senado! Eis porque, sempre que me recordo daquellas admiraveis paisagens maritimas de Santa Catharina, estas reminiscencias tão gratas se me empanam de tristeza. Não posso rememoral-as sem ver aquella physionomia leal, aberta, intelligente, animada, desse amigo extraordinario, aquelles olhos fuzilantes que, a 6 de Setembro de 1888, para todo o sempre se cerraram...

V

O Morro do Antão. Panorama admiravel que do seu cume se desfructa

Ha nas vizinhanças do Desterro o «morro do Antão», eminencia bastante elevada, de onde se domina lindo panorama, realmente notavel, no conjunto daquellas estupendas bellezas que da Ilha de

Santa Catharina, e suas vizinhanças, fazem uma das mais bellas regiões maritimas do mundo.

Apaixonado daquellas sumptuosidades naturaes que tanto me fizera conhecer a faina da cabala eleitoral era um dos meus mais vivos desejos subir ao alto daquelle eminencia, excursão que todos me diziam sobremodo incommoda e cansativa, mas que de sobra devia desfarrar-me de todos os sacrificios por ella exigidos.

Como estivessemos no verão e os dias corressem quentes sahimos muito cedo, pelas cinco da manhã, trilhando o pittoresco caminho que se dirige á freguezia da Santissima Trindade, montanhoso, ingreme, pedregoso, cheio de caldeirões e de matto, extraordinariamente maltratado então, desde que tomando a esquerda, deixaramos a um lado a direcção da freguezia. No fim de uma hora de marcha attingiamos pequena esplanada, onde existia uma casinha de signaes semaphoricos e de onde se ostenta a mais linda das perspectivas. Na fralda do morro, no primeiro plano, viamos o Desterro, esparsa e extensa cidadesinha, que então teria seus oito a dez mil habitantes, quando muito, obedecendo a um plano irregular imposto pela topographia local, mas muito pittoresco, variado e racional. Na praia extensa, que vai da Figueira a Santa Barbara e destas ás fraldas do morro, ha uma baixada que não podia deixar de ser aproveitada para a edificação da parte principal da cidade, no seio do reconcavo do *Porto* outr'ora fundadouro de primeira ordem, dado o pequeno callado dos navios, abrigado, seguro.

O casario do Desterro, espalhado, pouco cerrado, a não ser nos quarteirões contiguos ao Largo do Palacio, era então modesto, mas visto do alto, rodeado da bella vegetação dos quintaes, dava graça especial á paizagem.

Voltando-nos um pouco, tínhamos sob os olhos os lindos arrabaldes da capital catarinense, Matto Grosso, Olarias e sobretudo a lindíssima Praia de Fora, sobre a Bahia do Norte, trecho da costa absolutamente encantador que será um dia, quando o Desterro se converter numa grande cidade, uma das mais bellas praias brasileiras. É littoral da Bahia do Norte, como se sabe, e termina na base do promontório onde ha o *Estreito*, passagem com os seus quatrocentos metros de largo, no ponto mais apertado, que communica as duas bahias entre si, a do Norte e a do Sul, divisando-se logo a Ilha dos Ratos á entrada do porto de Desterro, desde que se cruza tal passagem. Na Praia de Fora e nas Olarias já na época havia algumas chacaras bem cuidadas, quasi sempre pittorescas, como as do Sr. Fernando Hackradt, esta com excellente casa, Gauthier, Ebel, Boaventura Vinhas, dando para a rua de S. Sebastião.

É linda a Praia de Fora! Como aliás quasi todas as praias da Ilha de Santa Catharina e as do continente que se lhe defronta. De certo ponto em diante cessava completamente o arruamento, desde as vizinhanças de uma estrada ou caminho que aliás chamavam rua de S. Marcos.

Caminhando em direcção ao Norte passava-se por umas olarias pouco distantes do mar até às vizinhanças de uns cortumes onde a estrada começava a subir para passar atraz do morro do Signal em direcção á ponta septentrional da Ilha.

De cima do Morro do Antão, todos estes lindos arrabaldes do Desterro, Matto Grosso, Olarias, Praia de Fora tinham encantador aspecto com as suas casas e casinhas brancas, cercadas de vegetação, rodeadas de verdejantes pomares, e sebes vivas, pequenos cafesaes, potreiros, tudo isto formando o mais agradavel contraste de côres.

No porto movimentado pelo numero consideravel de navios fundeados era do maior pittoresco o contraste entre os vapores já de certo viso e os veleiros, sem contar que numerosas embarcações de pesca se occupavam na faina que tinham, velejando em diversas direcções daquelles mares piscoissimos.

No segundo plano divisavamos o Estreito que separa as aguas das duas bahias de Santa Catharina, a grande planicie que se acha entre a praia dos Barreiros e a Praia Comprida, de areias alvissimas, o arraial do Estreito, a cidade de S. José, as pequenas villas de S. Miguel e Biguassú, as freguezias de Santo Antonio e Ribeirão. E o que aquella paizagem dilatada dava o maior encanto era surgirem ao norte, ao sul, a oeste, em todas as direcções, uma infinidade de casinhas brancas, beirando o mar, cercadas pelo verde escuro dos cafesaes e dos laranjaes.

E os recortes do littoral? Que rendilhado variado e magnifico!

Em todas as direcções os saccos e as enseadas, onde o mar esmeraldino se abonançava então; aqui e acolá pontas e pontaes interrompendo-as revelando na brancura da espumarada das aguas a presença das suas fragas. De vez em quando um riacho soluciona a linha continua da praia.

Levantava eu os olhos enlevados a contemplar a moldura de tão risonho quadro; para oeste um nunca acabar de imponentes serras e montanhas isoladas. A serra do Taboleiro, por traz da qual corre o Cubatão, a do Cambirella, mais ao longe a de Boa Vista, já no caminho de Lages. Para o sul os morros em destaque dos Cavallos e de Siriú, as baixadas de Araçatuba e Massiambú, para o norte as serras de S. Miguel, e da Caieira; mais ao longe a Armação da Piedade, Palmas, Macucos, as serras do Zimbro e Tijucas Grande. Deste ponto a Garopava, de

norte a sul, abrangia-se um conjunto duma extensão de suas sessenta milhas! Era como se estivessemos collocados numa encosta de fundo valle de rio, que este simulavam as aguas placidas do canal, separando a ilha de Santa Catharina da terra firme, pontuadas de ilhotas, a defrontar a outra encosta grandiosa nas suas serras e pincaros. Poucas paizagens se offerecerão no Universo realisando um conjunto como o que se desfructa do ponto de onde a observava eu, tendo ao lado o mais versado dos cicerones, a quem não escapava um unico accidente daquellas admiraveis paragens. A todos nomeava um por um, praias, ilhotas, morros, serras, riachos, capellinhas arraiaes.

Voltando-me para leste e a custo despregando os olhos de tão grandioso scenario, outro espetáculo me esperava, bem diverso agora, mas não menos pittoresco, embora menos grandioso, por lhe faltar o fundo do quadro incomparavel que se ergue do lado do oeste. Vêem-se agora as terra da nesga estreita da Ilha 'de Santa Catharina, a freguezia da Trindade, as Tres pontes, o Sacco dos Limões, o Sacco Grande, Pirajubaé, Itacuruby, o Morro da Cruz e ao longe o Atlântico, muito azul, intensamente azul, espumante, a arrebentar de encontro aos penhascos e á orla das praias do Rio Tavares e da Armação.

Quantas bellezas reunidas alli! Daquella plataforma tinhamos, sob os olhos, uma das maiores demonstrações da prodigalidade com que o Creador adornará aquella região edenica, que é o littoral catharinense e onde a mancheias...

VI

A proposito da campanha eleitoral de 1884

Outubro de 1890

Carta de pezames á viuva Trompowsky, do Deserto. Pobre Julio Melchior! Com que alegria viajamos em Novembro de 1884. Muito me ri com o episodio da chegada ao Itapocú, a casa do Lopesinho. O Lydio Livramento bufou! Como de costume o Moreira enfarruscouse. Só o José Feliciano tratou do seu aconchegosinho. Todos os quatro hoje debaixo da terra! Quantos acontecimentos se desdobraram nestes 6 annos supervenientes!

Creio que foi no Itapocú que escrevi o começo dos versos em que pretendia decantar a campanha eleitoral desse anno de 1884, que eu suppunha, como todos suppunham, ganha por mais de 100 votos, quando ella entretanto terminou pela victoria do Schutel, devido á defecção do Agostinho Flores no Colégio do Gaspar (Itajahy). Se não me falha a memória, perdi por 18 ou 20 votos. Acabo de achar a seguinte nota, que aqui deixo transcripta:

Eleições de 1881 e 1884

	Taunay	Pitanga	Taunay	Schutel
Capital	154	176	140	190
Trindade	16	15	16	17
Lagôa	16	14	12	18
A transportar	186	205	168	225

	Taunay	Pitanga	Taunay	Schutel
Transporte	186	205	168	225
Cannavieiras . . .	17	5	10	12
Ribeirão	9	15	14	13
Santo Antonio . . .	10	16	14	22
Rio Vermelho . . .	11	7	8	6
S. João Baptista . .	14	15	13	19
Porto Bello	15	20	21	24
Tijucas	52	48	54	48
Camboriú	17	30	31	16
Itajahy	53	34	54	35
Penha	21	9	21	13
Blumenau	10	6	16	7
Brusque	5	7	7	10
Barra Velha	6	30	19	26
Paraty	40	19	29	22
S. Francisco	39	44	34	53
Sahy	5	4	6	7
Gaspar	25	5	17	15
Joinville	71	37	90	48
S. Miguel	42	71	40	66
Totaes	648	627	666	687

Que dias terríveis 1 e 2 de Dezembro de 1884!
 Que dias penosos, longos, intermináveis até que pude
 embarcar para o Rio no vapor *Rio Grande* a 7 da-
 quelle mez!

Em Paranaguá embarcou triunfante o Manoel
 Euphrasio. Com elle vinha o Thadeu, que nos fez
 bem boa companhia.

Em Santos li com legitimo prazer o bello e ge-
 neroso trecho de chronica que Ferreira de Araujo
 consagrhou á minha derrota.

Lembro-me bem! Eis os versos a que alludi e
 que deixo aqui transcriptos como mera curiosidade
 e reminiscencia dos tempos alegres que não voltam
 mais nunca, jamais, nunca, jamais:

Da celebre campanha eleitoral
 Que no anno da graça oitenta e quatro
 Em reboliço poz o povo todo
 Do bello litoral catharinense
 Eu canto as peripecias e façanhas
 Se a tanto me ajudar engenho e arte.

Do José Brito eu canto a macieza,
O savoir faire, a elegancia innata.
 Do Lydio Livramento o comodismo,
 Do Trompowsky a continua distração
 Os olhos azulados do Hackradt
 Do Moreira a suprema direcção

Esforçados heróes por toda a parte
 Ou de dia, ou de noite, á toda hora
 Molhados pelas chuvas como pintos
 Ou soffrendo sem queixa ardentes soes
 Valentes cabalavam o eleitorado
 Com pennas de pavão⁽¹⁾ armados todos.

Oh ! quanta valentia demonstraram
 Debaixo dessa acção estimulante !
 Batalhavam, conquistavam, derrotavam
 E, cumprindo o dever que a pátria impõe,
 Com sens roncos medonhos abalavam
 As casas em que iam se hospedar.

Que valente appetite ! Quantos brindes !
 Quanta historia engracada, que pilherias !
 Ao Taunay respondia o José Brito
 E no Itapocú, qual tigre ingente
 Urrava sem cessar o João Samy.
 Aterrando o Mingote em sua toca !

Qual victima pacata e innocent,
 Com timidos gemidos abafados
 O Lydio Livramento se queixava
 Dos trancos e pinotes do cavallo
 E zeloso lavava com cachaça
 As carnes anafadas e moidas.

(1) Allusão a uma anedota que circulava na Camara dos Deputados e em que figurava o Ratisbona.

Alegrias porém, soube fruir
Ao receber do Julio as ovações
Foguetes, flores, vivas e discursos
Pão de Ló, bolachinhas e mães bentas
Com que o esperavam em Barra Velha
O Trompowsky e mais manifestantes.

O Taunay candidato d'alta pôpa
Ia á frente de todos, sempre ovante
E fazendo valer a immigração
Meetingando nos mattos e choupanas,
Tomava para si os bons cavallos
E comia por tres ou mais ainda (¹).

(1) Encontro num dos diários íntimos de meu pae, no caderno que lhe servia para apontamentos de 28 de Setembro de 1890 a 29 de Fevereiro de 1892 as linhas transcriptas neste capítulo que formam como o complemento do que pouco atraç viu o leitor ao se lhe deparar a referência a um poemeto heroi-comico não terminado. — (A. de E. T.)

AS CALDAS DA IMPERATRIZ

AGUAS THERMAES
DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

AS CALDAS DA IMPERATRIZ

I

Quando presidente da província de Santa Catharina, desejoso de conhecer as riquezas naturaes e particularidades mais curiosas d'aquelle interessante parte do Imperio, emprehendi, em principios de Agosto do anno de 1876, uma serie de excursões, das quaes se estendeu a primeira até aos pontos de Santa Isabel e Theresopolis e á colonia nacional Angelina, passando tambem pelo lugar chamado Caldas da Imperatriz, onde existe um estabelecimento balneario que, durante algum tempo, gosou de tal ou qual reputação therapeutica, quer na província, quer fóra d'ella.

Sahindo, pois, da cidade do Desterro na manhã de 3 de Agosto, transpuzemos, eu e varios amigos que obsequiosamente me acompanhavam, o estreito que separa a Ilha do continente e tomado do outro lado descansadas cavalgaduras, chegámos, com legua e quarto de bom caminho, quasi todo ao longo da costa, á cidade de S. José, cujo arrabalde mais importante é denominado Praia Comprida, e se dilata por quasi meia legua em terreno arenoso que denuncia a immediata proximidade do mar.

Cercada em distancia de elevadas montanhas, d'entre as quaes se avantaja a Cambirela, e domi-

AS CALDAS DA IMPERATRIZ

I

Quando presidente da província de Santa Catharina, desejoso de conhecer as riquezas naturaes e particularidades mais curiosas d'aquelle interessante parte do Imperio, emprehendi, em principios de Agosto do anno de 1876, uma serie de excursões, das quaes se estendeu a primeira até aos pontos de Santa Isabel e Theresopolis e á colonia nacional Angelina, passando tambem pelo lugar chamado Caldas da Imperatriz, onde existe um estabelecimento balneario que, durante algum tempo, gosou de tal ou qual reputação therapeutica, quer na província, quer fóra d'ella.

Sahindo, pois, da cidade do Desterro na manhã de 3 de Agosto, transpuzemos, eu e varios amigos que obsequiosamente me acompanhavam, o estreito que separa a Ilha do continente e tomado do outro lado descansadas cavalgaduras, chegámos, com legua e quarto de bom caminho, quasi todo ao longo da costa, á cidade de S. José, cujo arrabalde mais importante é denominado Praia Comprida, e se dilata por quasi meia legua em terreno arenoso que denuncia a immediata proximidade do mar.

Cercada em distancia de elevadas montanhas, d'entre as quaes se avantaja a Cambirela, e domi-

nando uma enseada larga, mas de pouca profundidade, é a situação da cidade bastante pittoresca pelo vasto e desassombrado horizonte que descortina, ficando fronteira á Barra do sul, isto é, ao angusto canal formado pela ponta dos Naufragos, mais meridional da ilha de Santa Catharina, e a terra firme.

D'esta disposição resulta ser em extremo açoutada dos ríos ventos d'aquelle quadrante, os quaes, encanando-se entre as serras que se erguem de ambos os lados, quer na ilha, quer defronte, alli sopram quasi constantemente, inconveniente partilhado aliás pela cidade do Desterro que, ainda mais soffre os embates do nordeste, menos violento sem duvida, mas tambem muito menos saudavel.

Como no geral de todos os pontos da provinçia, com excepção da ilha em que ha poucos mananciaes de boa qualidade, são as aguas de S. José puras e gratas ao paladar. D'ellas fiz com vagar alguns ensaios, encontrando diminutissima porção de calcareo.

A matriz, embora falta de architectura, é regular e tem boas proporções. Ha poucas casas de sobrado, mas o aspecto da cidade é asseiado e não denota a incuria e pobreza que em outras localidades nossas contrasta o coração do viajante. Pareceu-me a população em extremo amavel e hospitaleira.

De S. José á Palhoça, local que se vai rapidamente povoando, ha uma legua escassa de bom e enxuto caminho. Pouco antes do povoado, altéa-se um aterro de não pequena extensão, que atravessa um pantanal, mais ou menos alagado conforme o volume das marés; obra feita por occasião da viagem do Imperador ás Caldas e por iniciativa do coronel Gaspar Neves, que, reunindo povo e dando-lhe sustento, conseguiu tornar transitável o que antes era de pessima e quasi impossivel viação. Ficou, pois, esse vestigio proveitoso da viagem imperial.

Da Palhoça começa a estrada chamada do Cubatão e que é o trecho mais toleravel da de Lages.

Entretanto mal cahiam algumas chuvas, cessando por poucos dias a accão benefica do sol, que, na phrase espirituosa e verdadeira do povo, é o melhor engenheiro dos caminhos do Brasil, offerece essa mesma porção importantes tropeços ao transito. Pontes cahidas, extensos atoleiros, rios caudalosos e transbordados constituem graves embaraços, que com pouco se transformam em perigos reaes para a vida do viajante.

Entretanto com a reparação e mais ainda a conservação d'essa estrada, tão util ao littoral e á cidade do Desterro, desempenharia o governo geral, na carentia absoluta dos meios pecuniarios do thesouro provincial, dever de caridade, dando ao mesmo tempo algum remedio á injustiça clamorosa que em 1869 praticou sem o menor escrupulo, nem consideração a compromissos serios que ficaram postergados e para sempre esquecidos.

Por essa estrada, com effeito, é que transitam os moradores dos nucleos de Theresopolis e Santa Isabel, emancipados n'aquelle citado anno, do modo mais precipitado e inopinado, com evidente menos-preço da fé promettida aos colonos alli localisados e que subitamente se viram privados do imprescindivel amparo com que deviam contar.

Depois de curto, mas doloroso periodo de desanimo e vacillações, cobrou essa desprotegida gente coragem; abandonou quasi todas as pessimas terras em que havia sido collocada; internou-se pelos ferfeis valles do Capivary e do Cedro, trabalhou com afincô e resolução e, sujeitando-se aos extraordinarios incommodos da viação que existe para levar os fructos da sua actividade ao mercado da capital, conseguiu, depois de muitos esforços, organizar hoje um

systema de vida arduo sempre, mas independente de qualquer tutela.

Quanta perseverança, quanta força de vontade, quanta energia não lhe custou, porém, esse resultado?!

Causa dó e admiração ver por esses caminhos mal traçados, atirados por sobre o dorso de alta-neiros morros, resvalosos e pejados de pedras, ver aquelles allemães, homens e mulheres, uns carregando aos hombros e ás costas pesados fardos, outros tangendo cargueiros, a fazerem periodicas viagens para levarem aos consumidores leite, manteiga fresca, queijos, banha e hortaliça com que, ás terças e sextas-feiras de cada semana, abastecem a cidade do Deserto.

Quando se despende tanto dinheiro com colônias que já poderiam no seu todo ou em parte viver sobre si, quando se desperdiçam sommas enormes por erros palmares de administração, não era muito buscar ajudar com pequenas quantias aquella população, que vê frustradas todas as esperanças fagueiras com que se embalava, mas que hoje resignada só pede um caminho supportavel para poder dar saída aos productos de seu constante e penoso lidar.

A este respeito fiz oficialmente reiteradas reclamações, mas nada se conseguiu, pelo menos enquanto lá estive; nem sequer autorisação para mandar construir uma ponte, do valor de tres a quatro contos de reis, sobre o rio dos Porcos, e que é indispensavel, para comunicar com mais segurança o valle do Capivary ao de Theresopolis, pois a violencia das aguas, em leito inçado de grandes pedras, tem já arrebatado a vida a mulheres e crianças que o quizeram transpôr em occasião de cheias.

Debalde tambem muito instei por minguado auxilio a bem da erecção de um templo catholico em Santa Isabel, ficando, pois, sem effeito a quasi cer-

teza que eu déra áquelles habitantes do bom exito de tão justo pedido.

Por essa estrada do Cubatão, é que se vai da Palhoça a Santo Amaro, freguezia de pouca importancia, sita a umas duas e meia leguas. O terreno é bastante accidentado, constituido das lombas da primeira e mais baixa cadêa de montanhas que corta a estrada de Lages, formando como que o mais avançado contraforte do grande planalto da região central.

Uma observação que fiz desde o começo da di-
gressão, e d'ahi por diante vi confirmada em mu-
itos pontos da provincia, é que os morros mais ele-
vados têm a forma predominante e caracteristica de
um triangulo isosceles, cujos lados são perfeita e
regularmente marcados, disposição que se torna, ao
cahir da tarde, ainda mais saliente, pois, com a sua-
vidade da luz crepuscular, resaltam como traços fir-
mes ruas em rectas sobre o fundo esbatido e vapo-
roso dos céos.

Sahindo de Santo Amaro ás tres horas da tarde,
d'ahi a meia legua atravessamos o rio Cubatão, cujas
aguas são limpidas e puras, e começámos a galgar
terreno montuoso e coberto de vegetação, um tanto al-
to e de aspecto agradavel, mas todo elle evidentemente
pouco productivo. De lado e d'outro da estrada, vêm-
se aqui e alli, quasi commummente no alto de outei-
rosinhos, miseras choupanas, abertas ás intemperies
e rodeadas de rachiticas plantações de milho e fei-
jão, que só podem contentar as necessidades de quem
vive entregue á acção lethal da indole e da apathia.

O clima é, comtudo, em extremo saudavel, do que
dão prova evidente as cōres e robustez das crianças,
embora sujeitas á pessima e parca alimentação que
naturalmente lhes é proporcionada pela fleugmatica
indifferença dos pais.

Vê logo o observador que ainda não entrou na

zona povoada por gente européa ou proxima á ella, e portanto influenciada por benefico estimulo. Sem duvida alguma na colonisação é que está a nossa grande escola do trabalho, em que se perderão as pessimas tradições de ocio e inercia que tanto nos tem prejudicado. Misturem-se nacionaes com colonos estrangeiros; entreguem-se-lhes terras e lotes medidos e o exemplo, o amor proprio, o desejo de tambem progredir, produzirão inesperados resultados, como se verifica já em Blumenau, Angelina e Joinville.

Com o crepusculo a se fundir em noite, e depois de transformos o ribeirão das Aguas Claras, que corre junto do estabelecimento de banhos, lá chegámos, com legua e pouco a contar de Santo Amaro.

O valle das Caldas da Imperatriz é apertadissimo e todo cercado de umbrosas montanhas, menos do lado de S. S. O., onde se abre uma como que garganta, pela qual é a entrada.

Consiste o estabelecimento em uma casa de proporções algum tanto vastas e de bastante commodidade para os visitantes. Collocada na direcção de E. N. E. a O. S. O., tem de comprimento total na frente 31^m,39, dos quaes 3^m,80 pertencem a um saguão á esquerda, de largura de 12^m,69. Internamente é dividida por um corredor central, no qual abrem doze aposentos espaçosos, cada qual com uma janella, destinados a hospedes e doentes, e que vai findar n'uma sala de jantar de dimensões correspondentes ás do saguão da sala opposta.

Dos compartimentos balnearios e de uma cozinha que se liga por uma passagem coberta de telha e de chão cimentado, constam as dependencias. Seis são os quartos de banhos, sendo o do fundo reservado para os morpheticos, munidos todos de optimas banheiras de marmore branco de 1^m,79 de com-

prido sobre 0,70 de largo e 0,58 de profundidade, e que recebem a agua quente vinda do reservatorio commun em canos de chumbo. As grandes e solidas torneiras de cobre que as enchem mostram perfeita conservação.

Esta parte do edificio, a mais importante sem duvida, é que se acha bastante estragada, tendo sido em Janeiro de 1874, damnificada, de modo grave, por uma grande enchente do ribeirão das Aguas Claras, que corre a poucos passos de distancia.

A corrente, transbordando e carregando enorme madeiro que fez vezes de formidavel ariete, derrubou paredes, arrancou portas e divisões e destruiu quasi completamente o que havia sido arranjado para maior beneficio dos enfermos que procuraram o uso d'aquellas aguas.

Hoje o que existe é simples tapume de taboas de pinho que deixa por largos intersticios circular livremente o ar exterior, de modo que deve ser verdadeiramente perigoso tomar um banho d'esses na temperatura de 40°, sujeitando-se quem n'ella entra, ao risco, principalmente em más condições de saude, de receber repentinamente uma corrente de ar frio, depois de ter por tal forma aquecido o corpo. Foi na realidade o que se deu com diversas pessoas da minha comitiva, que indo, imprudentemente, banhar-se, acharam-se, logo ao sahirem d'agua, indispostas e indefluxadas, o menos que n'este caso lhes podia ter acontecido.

Proporcionou-nos isto um episodio comico que, por não ter tido consequencias de maior gravidade, foi motivo de boas gargalhadas durante a viagem toda. Um dos companheiros, deleitando-se com a calida temperatura da agua, deixou-se ficar n'uma banheira perto de uma hora. Quando se decidiu a sahir, circulava já o ar frio da noite, de modo que

recebendo em cheio no peito um golphão, sentiu-se subitamente resfriado, com a respiração oppressa, a pelle sécca, a cabeça em fogo; teve uma syncope e só se pôde vestir com o auxilio de quem o foi ajudar em tão apertada conjunctura. O susto que se apoderou do seu espirito, dava-lhe um typo tão extraordinario e estrambotico, que quasi impossivel era encaral-o sem ter vontade de rir, principalmente depois que o embrulharam em quantos *cache-nez*, manta e capote havia disponivel. Bebeu com sofreguidão chicaras de chá umas após outras, e quanto mais bebia, mais pedia, até que afinal, cabindo em abundante transpiração, sentiu-se alliviado e foi, ainda com dois sobretudos e *cache-nez* e no meio de gostosas risadas, ás quaes de boamente se associava enfão, tomar tambem parte na refeição que a todos nós reunira pressurosos em torno da mesa de jantar.

II

As aguas que alimentam os banheiros são infundidas do sul, por existir outra fonte tambem thermal d'ahi a legua e meia, ao norte, e perto de um affluente do rio Cubatão. Surdem no chão, por traz do edificio, e no meio de um reservatorio de pedra e cal que as distribue, por meio de canos de chumbo aos diferentes aposentos balnearios, formando o excedente um regato abundante que d'ahi a sessenta passos se perde no proximo ribeirão, em cujas margens notei lagrimaes em geral cheios de limo e com calor proximamente igual ao do reservatorio.

Observei que o agrião cresce com viço n'esse regato calido, no qual comtudo não cae um animal-

zinho sem que quasi immediatamente morra escalado, facto que em S. Paulo, no lugar chamado *Aguas Quentes*, eu já notára, e não sei se vem indicado em sciencia.

O grão de temperatura da agua no reservatorio é, como já disse, de 40° C. Na tarde do dia 3 de Agosto de 1876, sendo o ar ambiente 20°, apenas mergulhei o thermometro, subiu o mercurio a 40° e parou. Na manhã seguinte, ás seis horas, novamente marcou 40°, sendo então a temperatura atmospherica de quasi 14°.

A uma consideração bastante interessante pres-
ta-se esta observação.

Em Junho de 1833 o Exm. Sr. Dr. José Martins da Cruz Jobim, achando-se nas Caldas da Imperatriz, procedeu a esse mesmo exame e achou o grão 40° C para temperatura das aguas, o que quer dizer, que no intervallo de quarenta e tres annos ellas não sofreram diminuição alguma de seu poder thermico.

Que virtudes, porém, poderão ter? Podendo só uma analyse qualitativa e quantitativa cuidadosa dar resposta cabal á pergunta, cuidei logo de mandar encher alguns garrafões, que foram remetidos ao Sr. ministro do Imperio para o detido estudo dos profis-
sionaes.

Alli mesmo procedi aos ligeiros exames que es-
tava em condições de fazer, verificando que dissolvem com facilidade o sabão, cozinharam bem legumes e tornam-se perfeitamente potaveis depois de frias, sem sabor nenhum particular, parecendo sómente um tanto pesadas.

O Dr. Martins Jobim, depois de declarar que n'essas aguas não encontrará substancia alguma mineral de grande actividade therapeutica, acrescenta:

« Nunca diremos, porém, que sejam destituidas de utilidade, não só pelo que ouvimos contar de suas

virtudes, como porque é possivel que contenham principios preciosos, embora inapreciaveis por meio dos reagentes chimicos. Nós sabemos que muitas aguas thermaes, parecendo identicas ao chimico, são com tudo, muito diferentes pelas suas virtudes, e que aquellas em que tem sido possivel determinar os principios existentes e suas proporções nunca podem ser exactamente imitadas pela arte, o que prova que n'ellas existem muitas vezes substancias que se tornam summamente vantajosas na sua applicação na medicina, e que não podem ser conhecidas.»

Não me deu resultado algum notavel a perfumaria analyse que fiz das aguas das Caldas. Não se turvam com o chlorureto de ouro, o que indica que não contêm quantidade sensivel de materias organicas; não alteram a cõr das tintas de turnesol, curcuma e campeche; com o nitrato de prata ficam ennevoadas e um pouquinho azuladas, depositando com umas gottas de ammoniaco um precipitado esbranquiçado e flooso que se desfaz inteiramente; com o acetato de chumbo dão um deposito branco que desapparece com umas gottas de acido nitrico.

A agua de cal, acido oxalico, ammoniaco e sulhydrato de ammonia não as perturbam. Com o acido sulphurico desenvolvem, segundo o Dr. Jobim, ligeira effervescencia, vapores brancos e cheios de chloro, mas, apezar de algum cuidado não vi essa reacção.

Reunidas todas estas circumstancias, pareceria que taes aguas fossem simplesmente thermaes e sem importancia medica, se não tivessem cunho de exactidão as palavras acima referidas do Dr. Jobim.

Apezar de toda a cautela empregada é a analyse das aguas mineraes delicadissima e, como mostram Mérat e Delers, ha sempre diferença entre os resultados da investigação do gabinete scientifico e a verdade da natureza.

Debaixo do ponto de vista therapeutico, só depois de longa serie de meticulosas observações é que os chimicos em muitas d'ellas poderão reconhecer a presença não só de substancias organicas como a baregina, materias extracto-resinosas e até plantas microscopicas, mas tambem de elementos mineraes de natureza muito especiaes como iodo, bromo, iridio, césio e outros elementos raros.

Cumpre-me dizer que o engenheiro Dr. Pereira do Lago, que commigo foi ás Caldas, fallava com insistencia na impressão peculiar e como que de resina que recebia ao mergulhar a mão no reservatorio.

Resta-me ponderar ainda n'esta parte de carácter mais ou menos scientifico, que as banheiras de marmore collocadas no estabelecimento em 1847, isto é, ha vinte e nove annos, não apresentam o menor signal de terem sido corroidas por substancia alguma de accão constante.

III

As Caldas da Imperatriz tiveram já em outros tempos bastante reputação. Muitas pessoas atacadas de rheumatismos, molestias de pelle e até morphéa acudiam a experimentar os seus beneficos effeitos, mas pouco a pouco foi lavrando a descrença, e hoje o hospital jaz quasi abandonado de enfermos.

Annualmente apparece nos *Relatorios* dos presidentes da província um mappa do movimento, no qual figuram sempre de trinta a quarenta doentes, dos quaes uns quinze enchem a casa dos curados e doze são declarados quasi restabelecidos; mas, pedindo eu os livros de frequencia do estabelecimento, reconheci o nenhum cuidado que havia nos lançamen-

tos, as immensas lacunas e o completo descuido que de longa data presidiram esses rudimentares trabalhos de estatística.

Por um livrinho de notas que parecia de uso particular do administrador, verifiquei que os doentes do anno anterior, quasi todos atacados de rheumatismo, haviam tomado um unico banho, e se retirado, declarando-se bons e melhorados, ou então poucos dias se haviam demorado sem modificação sensivel em seu estado morbido.

No anno de 1875 viéra do Rio de Janeiro uma familia afim de experimentar o effeito d'essas aguas; estivéra mezes seguidos, mas sahira da localidade, sem que os enfermos que haviam trazido experimentassem beneficios de vulto em seus soffrimentos.

Citarei textualmente algumas indicações curiosas que achei no caderno de apontamentos do administrador:

«Antonio Bento de Camargo entrou a 27 de Janeiro de 1876 soffrendo de rheumatismo agudo; retirou-se no dia seguinte com muito proveito.

«Domingos de Sousa Pereira e Thomé Machado Coelho entraram a 7 de Março soffrendo de rheumatismo; sahiram a 18 do mesmo mez completamente bons.

«Manoel Adolfo Pereira entrou no dia 13; sahiu a 17 com muitas melhoras.

«Manoel Jacinthio Pereira entrou a 1 de Maio; sahiu a 2 com muitas melhoras.

«Marianno Alexandre Pinto entrou a 5 e sahiu a 10, restabelecido.

«Anselmo Antonio Tavares entrou a 14 e sahiu a 15 com sensiveis melhoras.

«D. Leonor Maria do Carmo entrou a 19 e sahiu a 20 quasi boa.»

E assim por diante.

Será possível que o rheumatismo, molestia de sua natureza tenaz, possa experimentar quasi repentina modificação em consequencia de um unico banho nas Caldas da Imperatriz?

É lícito duvidar.

Curto e sem significação é o historico do hospital das Caldas da Imperatriz.

Por lei provincial n. 16 de 12 de Maio de 1835 foi a Camara Municipal de S. José, em cuja orbita administrativa se achava a localidade, autorisada a mandar construir, quer nas caldas do sul, quer nas do norte, um estabelecimento com doze quartos para agazalho de enfermos, mas, ficando sem execução esse acto, em dias de Março de 1842, a presidencia da província fez levantar o edificio que actualmente existe e que, successivamente aumentado e reparado, veiu a importar em perto de 50:000\$, somma que sobe a muito mais com as necessidades da manutenção, calculadas annualmente em 1:140\$000.

Tendo em consideração que para os minguados cofres provinciales já avultavam as despezas, sendo ainda mais urgentes reparações orçadas em 4:000\$, sem que d'ahi proviesse compensação devidamente provada, ponderei ao governo imperial que, de conformidade com aviso circular de 5 de Novembro de 1874, devia o hospital ser transferido para a administração geral, o que na realidade foi aprovado por Aviso de 21 de Dezembro do anno de 1876, ficando, pois, desde essa data, eliminada do modesto orçamento da província de Santa Catharina aquella fonte de dispendio verdadeiramente improficio pelo modo por que continuava a ser feito.

IV

Chegamos agora ao ponto mais importante d'esta perfunctoria noticia. É a publicação da analyse das aguas das Caldas a que procedeu no laboratorio chimico do bem conhecido professor Guignet, o respectivo preparador, Dr. Augusto Carlos da Silva Telles, um dos mais distintos e esperançosos representantes da geração que começa a aparecer. Eis-a:

Tratada pelos reactivos ordinarios, apresenta a agua das Caldas os seguintes caracteres:

- Pelo *chlorureto de baryo*, nenhuma reacção.
- Pelo *azotato de prata*, leve reacção sem formação do precipitado sensivel.
- Pela mistura de *ammoniaco* e *chlorureto de calcio*, nenhum precipitado.

O que denota que a agua contém pequena quantidade de *chloro* no estado de *chloruretos* e é isenta de *sulphatos* e *carbonatos*.

Seguindo o methodo do frasco para a determinação da densidade, encontra-se:

	grammas
Peso do frasco vasio	12,289
» » » com agua th.	72,780
» » » » distill.	72,585
Ou antes em volumes iguaes e a 27°, c. e na pressão de 762 mm^{m} .	
	grammas
Agua thermal	60,491
» distillada	60,296
Densidade = $\frac{60,491}{60,296}$	= 1,0032

Evaporando-se a secco um litro de agua e recolhendo o residuo n'uma capsula de platina, acha-se:

Peso da capsula vasia	13,686
» » » e residuo	13,774
» do residuo	0,088

Tratado por *acido chlorydrico*, não se manifestou effervescencia alguma, o que mostra ainda não haver carbonatos.

O acido um pouco diluido dissolveu uma parte do residuo formada por alguns saes soluveis, deixando um deposito branco insolvel, apresentando todos os caracteres da *silica*.

Separada por filtração a silica pelo ammoniaco, obtem-se um precipitado pouco abundante de *alumina* e *oxydo de ferro*.

Pela evaporação a secco e calcinação do residuo, acha-se por diferença, em um litro de agua, 0,008 grammas de *materias organicas*.

A proporção dos gases dissolvidos n'agua por litro é a 27°, c e na pressão de 762 m/m a seguinte:

Gaz carbonico	2 c, c 89
» oxygeneo	6 , 01
» azoto e talvez outros	13 , 08
Total	22 , 88

Taes são os resultados scientificos a que chegou o intelligent e estudos chimico.

NOTAS

A

O dr. Manoel Eufrasio Correia

Nascido a 16 de Agosto de 1839 na cidade de Paranaguá, província do Paraná, naquela época ainda simples comarca de Paranaguá e Curitiba sujeita à jurisdição administrativa de S. Paulo, recebeu Manoel Eufrasio dos seus extremos paes o tenente coronel Manoel Francisco Correia e D. Maria de Assumpção Correia educação primária bastante cuidada. Depois de terminar, em 1857, o curso de humanidades, foi para S. Paulo, onde se formou na Faculdade de direito com 23 annos de idade, deixando na Academia a reputação de distinto estudante, valente e leal companheiro, prompto para todas as emprezas e apaixonado adepto das lides políticas. Ao voltar ao Paraná, casou-se com D. Maria Ermelina Correia Pereira, sua parenta proxima, e logo se atirou com ardor aos azares e embates das luctas partidárias, em que conquistou, sem contestação de ninguem, já pela decisão de planos e energia de execução, já pelas perseguições de que se tornou alvo, logar saliente entre os correligionarios, tomando em breve a direcção incontestada de toda a família conservadora na província. Nomeado, em 1871, chefe de polícia de Santa Catharina, por pouco tempo exerceu esse elevado cargo, que lhe valeo fundas sympathias, ainda hoje vivazes, e regressou ao Paraná para pleitear a cadeira de deputado geral, a qual logrou alcançar depois de grandes esforços em fins de 1872, conseguindo igualmente a reeleição nos comícios de dezembro de 1876. Dissolvida, em começos de 1878, a camara temporaria por occasião da queda da situação conservadora, fez-se, sem demora, de partida, para a província, a que prestára como seu representante relevantes serviços e, tomando attitude de combate, dedicou-se desde então de corpo e alma à defesa dos interesses do partido decahido, sustentando com a maior coragem e sem um momento de desfalecimento, dia por dia, hora por hora, a terrível e esterilisadora batalha da política provinciana. Dahi lhe provieram immensas dedicações, mas tam-

bem pungentes dissabores e acerbos desgostos, além de gastos superiores ás forças da sua fortuna particular. A decretação da lei de eleição directa, a 9 de Janeiro de 1881, infundio-lhe grandes esperanças e estimulou de modo extraordinario a sua actividade; mas, contra todas as previsões e calculos, vio-se derrotado perante as urnas, e essa foi — por vezes assim me asseverou — uma das mais angustiosas peripecias da sua agitada existencia. Longe, porém, de desanimar, redobrou de empenho e, na segunda prova daquelle processo eleitoral, em 1884, obteve a mais brillante victoria, voltando a ocupar, em oposição ao governo liberal, o seu logar no parlamento. Reeleito em 1886, apoiou com a maior dedicação o gabinete Cotelipe, do qual mereceu, em fins de 1887, altissima prova de confiança na nomeação de presidente da província de Pernambuco. Seguirá rumo da morte, que com efeito alli o colheu, aos 49 annos incompletos, após curta mas brilhantissima administração, em que patenteou os mais peregrinos dotes de lealdade e firmeza de vistos e grangeou aplausos, não só dos homens sinceros e imparciaes, mas de todos os partidos politicos.

De constituição athletica e compleição sanguinea, foi a 4 de Fevereiro de 1888 que se deu essa lamentavel occorrençia, devida a um accesso erysipelatoso, achaque de que soffria e que por vezes puzera a sua vida em perigo, depois de uma queda de carro em tempos de cabala eleitoral e na maior effervescencia do pleito de 1884. O mal complicou-se em Pernambuco de febre palustre e por fim de gangrena contra a qual foram impotentes os recursos da sciencia medica, que tudo empenhou para salva-lo. Fatal coincidencia! Simultaneamente, e da mesma enfermidade fôra atacada a adorada esposa, D. Alice Guimaraes Correia, sua segunda mulher, com quem casára em 1877, de modo que ao agonizante luctador faltaram os derradeiros carinhos e o conforto, que só podem ser ministrados pela presença e pelo amor dos entes, que mais estremecemos.

Dotado de proeminentes qualidades tribunicias, que os seus mais decididos antagonistas não lhe podiam contestar e usando sempre da palavra com fogo e notável ductilidade, no espontaneo impeto de quem nascera orador, deixou Manoel Eufrasio Correia inscriptos nos jornaes do seu partido, durante annos e annos, os signaes da sua immensa actividade litteraria, no campo da politica. Em separado e formando folhetos, ha delle douz opusculos bastante apreciaveis; um, publicado em 1882 e que se intitula *Justificação da administração conservadora*, convincente e animada defesa dos actos dos presidentes daquelle feição e, ao mesmo tempo, interessantissimo repositorio de valiosas informações sobre factos e cousas do Paraná; outro, de 71 paginas, de-

dicado à sustentação do *Casamento civil*, medida social, cuja conveniência sempre apregoára calorosamente, discutindo o assunto com argumentos de incontestável peso e grande proficiencia jurídica. Ha alli paginas da maior concisão e que sempre serão lidas com proveito e aplauso.

Resumindo tudo quanto se possa dizer do seu carácter, indole, nobreza de intuições e sinceridade de sentimentos, com eloquencia escreveu um dos seus bons amigos, o Dr. G. Rebello, as seguintes e commoventes palavras: «Dominava-o sobretudo o amor da pátria. *O meu Paraná*, exclamava com desvanecimento. *O seu Paraná* era uma região paradisiaca; os seus amigos impeccáveis, os seus mesmos adversários leais na luta e generosos, quando vencedores. Ao ouvi-lo, tinha-se desejo de buscar refúgio nesse Eden, inacessível às más paixões! Sublime amor da Pátria, quantos te hão sentido tão intenso, tão acendrado!»

B

O Engenheiro Monteiro Tourinho

Como a província do Paraná deve reaes e importantes serviços a esse servidor do Estado, não podemos deixar de mencionar aqui os escassos traços biographicos, que a seu respeito colligimos. O capitão do estado maior de 1.^a classe, Francisco Antônio Monteiro Tourinho nasceu a 9 de Dezembro de 1833 e assentou praça no exercito a 30 de Março de 1857 e recebendo confirmação do posto de alferes a 31 de Março de 1860. Tendo a 2 de Dezembro de 1861, teve acesso ao posto de capitão a 22 de Janeiro de 1866, em cuja graduação veio a falecer no dia 22 de Maio de 1885, com pouco menos de 30 annos no serviço das armas. Nomeado, depois de comissões de menor vulto, encarregado das obras militares da província do Paraná a 16 de Outubro de 1880, alli esteve até 9 de Maio de 1882, sendo posteriormente nomeado a 17 de Dezembro de 1883 para inspecionar as colônias militares daquella província e recolhendo-se á Corte, por ordem datada de 3 de Novembro de 1884. Reenviado a 30 de Abril de 1885 ao Paraná, para ficar á disposição da presidência, alli faleceu a 22 de Maio, conforme já deixámos dito.

E o seu nome ainda hoje popular em toda a província, tendo ficado assinalado em varias obras de importância, das quais a de maior vulto é a bella ponte sobre o rio dos Papagaios, nos Campos-Geraes, na estrada chamada de Matto-Grosso e sobre-tudo na da Graciosa, dispensando-lhe Manoel Eufrasio Correia, no

seu interessantíssimo opusculo *Bosquejo histórico*, elevados e merecidos elogios. Essa estrada da Graciosa custou aos cofres públicos 823:320\$864 e aos províncias 842:466\$053 ou ao todo 1.665:786\$917, ao passo que fôra avaliada a sua construcção, na média dos orçamentos apresentados por muitos engenheiros, em 250 contos de réis! Fazendo justiça ao muito que deixou no Paraná o engenheiro Monteiro Tourinho, indicaremos, por espirito de imparcialidade, como vinda delle, a pessima prática de se atirar, a título da *macadam*, pedras simplesmente britadas no leito das estradas, para que sejam trituradas e acamadas pelo transito das carroças, sem preparo do leito, nem outros cuidados prévios.

C

O rio Ivahy

E' o Ivahy o rio mais fallado da província. O engenheiro Antonio Rebouças delle deu poetica descripção. Com evidente exagero diz o Sr. Sebastião Paraná: «Suas aguas precipitam-se ora rápidas, ora menos aceleradas, por um estirado leito de matores que contém preciosidades, etc.» Dizem, que incluindo o rio dos Patos, cujas nascentes jazem na serra da Esperança, tem percurso de 130 leguas, com fundo variável de 30 palmos a 600 metros. Na barra, a largura é de 300 metros. A freguezia de Therezina, sita a 90 leguas e meia acima da foz, e fundada pelo infeliz Dr. Faivre, um dos visionários do Ivahy, tem ultimamente progredido algum tanto. O mais importante conflueniente do Ivahy é o Corumbatahy, que despeja à margem esquerda.

No relatório do Dr. André Augusto de Padua Fleury, de 1865, encontramos algumas indicações curiosas. Incumbidos os engenheiros José e Francisco Keller da sua exploração, despacharam, antes de estudá-lo por sua vez, Gustavo Rumbelsberg, que o viajou de 28 de Setembro a 21 de Dezembro de 1864. Segundo informou tem o rio 76 leguas e 200 braças até confluir no Paraná, destas, 38 leguas e 2.450 braças de Therezina ás ruínas da Villa Rica do Espírito-Santo e d'ahi 37 leguas e 750 braças. Verificada a profundidade em muitos pontos, e destruído o salto das Bananeiras, pôde contar a província do Paraná com ~~37~~^{1/2} leguas navegáveis a vapores de 6 palmos de calado.

D

O rio Iguassú

Nasce o rio Iguassú, segundo Ayres do Casal, perto de Curitiba, sendo a sua principal cabeceira o riacho de S. José. Conhecido a princípio pelo nome já esquecido de rio de Curitiba, é um dos seus primeiros e mais importantes afluentes o rio Negro, o qual vem da serra do Mar, no município de S. Francisco, província de Santa Catharina e tem cerca de 230 quilômetros próprios à navegação. A direcção normal do Iguassú é de L. para O., seguindo o paralelo — o que constitue um dos argumentos de força na tão fallada e ainda não decidida questão de limites entre as duas zonas do Paraná e de Santa Catharina. A primeira cachoeira grande é denominada *Cayacanga*. Tem, porém, grandes trechos de esplendida navegabilidade. Depois de um curso de mais de 1.200 quilômetros e de receber muitos e grossos tributários, desagua no Paraná pela margem esquerda, apresentando, no momento da confluência, mais de 400 metros de largura e 8 de fundo, em tempo de águas baixas. Dista a embocadura do rio Jaguaré, para o Norte, 18 leguas e do Salto de Sete-Quedas 30. Recebe pela margem direita os rios *Bareguy*, *Poçâuna*, *Varzea*, *Turvo*, *Pottinga*, *Claro*, *Palmital*, *Jordão*, que tem bellissima catarata, a cinco leguas de Guarapuava, *Verde*, *Cavernoso*, *Camara*, *Sinimbú*, *Tiburcio* e *Deodoro* e, pela esquerda, *Negro*, *Anta-Gorda*, *Paciencia*, *Barra-Grande*, *Ogeriza*, *Escada*, *Batatal*, *Timbó*, *Lança*, *Cachoeira*, *Pintado*, *Areia*, *Jangadas*, *Chopim* e *Santo Antonio*. Acima da foz do Chopim, fica o salto Osorio. A embocadura no Paraná demora aos 25°21' de Lat. S. e 11°26' long. O. Rio de Janeiro.

E

A colonização russa no Paraná

As malversações que se deram por occasião da chamada colonização russa foram extraordinárias. Parece que a despesa total para os cofres públicos subiu a 6.400.000\$000! O opusculo do sempre lembrado Lamenha Lins é precioso resumo dos desmandos que se praticaram e das queixas que elles provocaram. A primeira entrada dos russos foi de 1.366 pessoas a 31 de Dezembro de 1878, começando desde ahi os abusos. Uma fazenda ajus-

tada por 3 réis a braça quadrada, foi posteriormente paga a 6 réis. Amontoados na villa da Palmeira, sem possibilidade de se mexerem d'ali, pois lhes eram negados os meios de locomoção, levantaram-se afinal e exigiram repatriação, porquanto as terras que se lhes impunham eram imprestáveis e más, conforme haviam verificado com instrumentos de sondagem e reagentes químicos. E por isso se viam acoimados de *refractarios à civilisação, selvagens e brutos*, em documento oficial e tratados a couce d'arma, para voltarem à Palmeira! Custa a crér! Segundo o relatório do ex-presidente Dr. Brazílio Machado, as compras daquellas malsinadas terras subiram ao elevado algarismo de 1.089:868\$620 (vide *Gazeta Paranaense* n. 40 de 20 de Fevereiro de 1886), figurando entre outras a celebre fazenda *Capão da Anta* por 97:000\$. Foi ahí, que o Imperador, depois de mandar o capitão comandante do piquete enterrar no solo a espada e e verificando que só se encontrava pedregulho, exclamou: «Os russos tiveram razão». A muito custo foram localisadas, depois de enormes despezas de alimentação, 928 famílias, das quais só ficaram 235, ou pouco mais de 800 pessoas. Houve necessidade de sustentar à custa do tesouro público milhares de bocas inutilmente por dous meses inteiros e fretarem-se afinal vapores para levar toda essa gente a Hamburgo. Depois de outras peripecias, foi ella ter aos Estados Unidos, onde fundou, no Estado de Nevada, florescente colónia a qual conta hoje mais de 50.000 habitantes! Eis o que o Paraná perdeu, e disto tem pleno conhecimento, porquanto os russos que lá ficaram em numero inferior a 1.000 tornaram-se causa de prosperidade para os Campos Geraes e estão todos mais ou menos abastados com o seu trabalho e seus hábitos de actividade.

F

Arvores florestaes do Paraná

Cambuim, cambuhiy ou *cambuhizeiro* — Myrtaceae, que dá um fructosinho saboroso, ora rôxo-negro (*myrtus sylvestris*) ora amarelo-vermelhado (*myrtus rubra*), ora amarelo (*myrtus alba*).

O angico, bella leguminosa muito frequente em todo o Brasil (*piptadenia colubrina* de Benth; *acacia angino* de Martius), madeira muito empregada nas construções civis e navaes. A casca contém muito tanino e é muito usada nos cortumes. Dá uma gomma que Ayres do Casal denomina alambreada. No Paraguai abunda também, e é conhecido por *curupay*. Ha angico preto e amarelo, este amarelo listrado de vermelho.

Taruman (*vitex taruman*, v. *montevidensis*). Verbenacea arborea, de que ha esplendidos exemplares em Matto-Grosso. Dizem que a infusão das folhas muito aproveita nos engorgitamentos do Negado.

Cedrela brasiliensis — muito espalhada em toda a America meridional. Foi o cheiro do cerne que lhe deu por extensão o nome sanscrito de *Kádrú*, a celebre conifera, empregada na construção do templo de Jerusalém.

Gerivá. No Paraná não são variadas as especies de palmeiras. Em compensação é abundantissimo o gerivá (*cocos maritima* — Dende e *Glaziou*). Na província do Rio de Janeiro, chamam-no *baba de boi*, *jarivá*, *jerivá* e *jeruvá*.

Os pinheiraes. O Paraná é a zona por excellencia dos pinheiros. Aliás Curitiba lhe deve o nome (*curú*, pinhão — *tiba* ou *tuba*, lugar de abundancia). Apenas se entra, pela estrada de ferro, nos campos de Curitiba, de todos os lados se ostentam bellissimos grupos. Piracuára os tem lindos. No sertão de Guarapuava os ha de dimensões colossaes de 1^m.76 de diâmetro e mais de 33 de altura. Por enquanto a industria, apesar das tentativas, não tem sabido aproveitar essa riqueza. O pinho do Paraná, excelente, como é, tirado para climas frios, no Rio de Janeiro e em região quente cria depressa bicho ou fermenta, por não ser exportado bastante secco.

G

O Presidente Lamenha Lins

E' sem duvida alguma, um dos mais notaveis administradores que tem tido a província do Paraná a que prestou assignalados serviços, o mais relevante dos quaes foi a organização de quasi todos os bellos centros immigrantistas, que circumdam a cidade de Curitiba. Quando elle assumio a presidencia, a 8 de Maio de 1875, havia tão sómente a colonia do *Assunguy* e os nucleos *Venancio*, *Pilarzinho* e *Abranches*, além de dous ou tres no litoral e em pouco tempo creou mais oito ou dez que logo mostraram o maior desenvolvimento. Exonerado em meados de 1877, foi a 29 de Agosto nomeado inspector especial de terras e colonização do Paraná, lugar que exerceu quatro mezes incompletos, pois foi exonerado a 27 de Dezembro daquelle anno de 1877. Lamenha Lins deixou nome ainda hoje popularissimo em toda aquella zona. Assim pudessem taes exemplos fructificar!

H

Biguás

Palmide do genero *carbo* (*c. brasiliensis*), ave de vôo muito rapido e trefego em todos os seus movimentos. E' considerada verdadeira peste do porto da Laguna, e tal o estrago que faz ao pescado, que a camara municipal paga para a sua destruição. E' sabido o commercio que aquella cidade fazia de *bagres salgados*, industria que foi quasi anniquilada pela concurrencia dos *biguás*, incansaveis na pesca daquelles peixes. A principio não sabiam quebrar os ferros que estes têm nas barbatanas e os prudenciavam nos seus ataques; pela evolução, porém, e confirmando as brillantes theorias de Darwin, hoje são todos sobremaneira dextros nisso e procuram, portanto, com avidez aquelle repasto.

I

Visconde de Guarapuava

Esse venerando ancião, morador na cidade de Guarapuava ha longuissimos annos merece de toda a província do Paraná o maior e mais justo respeito. Sempre que appellei para a sua generosidade como presidente daquelle grande zona, encontrei-o prompto para concorrer com valiosos donativos á bem de benefícios moraes e materiaes. Dei por isto á sala de honra da Bibliotheca Publica o seu nome. Conhecido por innumeros actos de virtude, modesto, retrahido e superior a todas as vaidades do mundo, tem sido esse illustre cidadão incansavel em promover o adiantamento da cidade que habita e que deve ufanar-se de ter em seu seio tão distinta e nobre personalidade. O Visconde de Guarapuava é um brasileiro que honra o Brasil inteiro. Com a mais viva satisfação aqui lhe é prestada esta homenagem de elevissimo apreço e admiração. O seu nome é Antonio de Sá Camargo.

J

Barão de Taunay

Felix Emilio Taunay, barão de Taunay, nasceu em Montmorency (França) a 1 de Março de 1795. Filho do afamado pintor da escola francesa e membro do Instituto de França, Nicolão Antonio Taunay, veio com sua família para o Brasil em 1816, chegando ao Rio de Janeiro a 26 de Março. Dedicando-se à literatura em que se tornou insigne, possuindo a fundo o grego e o latim, e à pintura, foi eleito a 12 de Dezembro de 1834, director da Academia das Bellas Artes do Rio de Janeiro e nesse cargo prestou áquelle estabelecimento até 1851 serviços, que ainda não foram excedidos. Deixou diversos quadros notáveis, sendo a sua obra prima a *Morte de Turenne*, tela que parece Wouvermans, ou dos mais celebres pintores de batalha. Foi professor de D. Pedro II e desde 1835 entreteve com o Monarca as mais cordiais relações de amizade. Desposou, em 1840, D. Gabriella de Escragnolle, filha do conde e da condessa de Escragnolle, nascida no Rio de Janeiro e teve tres filhos, o auctor, o Dr. Luiz Goffredo d'Escragnolle Taunay e D. Adelaide, casada com o General Chagas Doria. Depois de longos padecimentos, por haver cegado e quebrado o collo do femur, faleceu a 10 de Abril de 1881, tendo completado 86 annos de idade e 65 de residencia no Brasil. Nunca se quiz naturalizar cidadão brasileiro por exigir a grande naturalização. Devido a isto, preferiu jubilar-se e perder o lugar de director da Academia das Bellas-Artes a praticar um acto, que não julgava á altura da sua dignidade. Compoz o seu epitaphio, que resume a sua bela e agitada existencia, sempre dedicada á honra e as mais elevadas das virtudes:

Philologue, à demi-poète,
Spéctateur éternel du beau,
Je perdis mon temps à sa quête...
Un doux regard sur mon tombeau!

Deixou muitas obras ineditas e entre elles uma bellissima traducção em versos franceses das odes do grande Pindaro, das bucolicas de Theocrito e das elegantes satyras de Persio. Impressos, ha delle os *Idyllios brasileiros*, traducção dos versos latinos do seu irmão Theodoro Taunay e *L'Astronomie du Jeune Age*, annotada pelo eminente Linis. Tinha em mão um longo poema em

24 cantos *La Bataille de Poitiers*. As ultimas palavras que pronunciou foram — *Eis a morte: devo descobrir-me* e procurou tirar um gorrosinho de seda que trazia á cabeça.

K

O rio Timbó

Nasce na serra do Espigão, atravessa-a em seu prolongamento de O. e, depois de parecer dirigir-se para S., desce a cahir no rio Iguassú, pouco acima do Porto da União. Durante muito tempo houve duvidas se era affluente do Pelotas, ou do Iguassú. Explorado pela commissão Ourique Jacques em 1883, é por elle proposto para linha média divisoria entre o Paraná e Santa Catharina. Esse rio quasi todo encachocirado não se presta á navegação. O nome que tem provem da planta timbó (*paullinia pinnata* de Linneo), bastante venenosa e empregada na pescaria pelos indios. As cataplasmas de timbó são muito usadas na therapeutica contra engorgitamentos do fígado e baço. Em algumas provincias, há proibição de se usar do timbó nos rios.

L

Visconde de Beaurepaire Rohan

Meu illustre primo e amigo Visconde de Beaurepaire Rohan, nasceu a 12 de Maio de 1812 em Sete Pontes, perto de S. Domingos e Nictheroy, província do Rio de Janeiro. Formado em mathematicas e engenheiro militar preencheu muitas commissões da sua especialidade e percorreu quasi todas as províncias do Brasil. Como major do corpo de engenheiros, foi nomeado, em 1848, chefe da commissão encarregada da abertura de uma estrada entre Guarapuava e o rio Paraná (*Revista do I. H. e G. B.* Tomo 28, pags. 5 até 31). Vice presidente em exercício da província do Paraná ocupou a cadeira presidencial em 1855, concorrendo para activar as obras da estrada da Graciosa, de que foi engenheiro e cujo orçamento total calculou em 250:000\$000 (*Manuel Euphrasio — Estrada da Graciosa* — pags. 78 e 94). Beaurepaire Rohan deixou no Paraná, como alias em toda a parte onde esteve, nome muito estimado. O parentesco que nos liga, provem do casamento do meu avô paterno Conde de Escragnolle com a Condessa

de Beaurepaire, irmã do Conde de Beaurepaire, pai do actual visconde. Escreveu muitos opusculos, todos dignos de apreço, sobre assuntos scientificos e philologicos. A sua obra mais valiosa é, sem duvida, o *Dicionario de Vocabulos brasileiros*, que será sempre consultada com vantagem e se tornará classica.

M

Sertanejo Lopes

Joaquim Francisco Lopes, irmão do lendário guia da expedição de Matto Grosso José Francisco Lopes, igualmente imperterritório explorador de sertões bravios. O seu nome figura por vezes na *Revista do Instituto Histórico*. No tomo 13, pag. 153 há uma interessante memória sua, relativa a trabalhos de exploração feitos em 1844 e 1848 por ordem do barão de Antonina para estabelecer comunicação entre as províncias de S. Paulo e Matto Grosso. Em 1868, Joaquim Lopes foi por duas vezes à zona contestada para catechisar índios e em 1877 organizou o núcleo indígena de S. Thomaz de Papanduva 5 leguas distante da villa do rio Negro, que, pouco depois de criado se dissolveu. Acerca do irmão José Francisco Lopes vide *Retirada da Laguna*.

N

Barão de Antonina

João da Silva Machado, barão de Antonina, era natural da província do Rio Grande do Sul. Estabelecido na cidade de que teve o título foi o grande instigador das explorações que, desde os começos do decénio de 1840 a 1850, se fizeram para abrir relações entre o Paraná e Matto Grosso. Escolhido senador do Império pela nascente Província que tão bem servira a 3 de Agosto de 1854, tomou assento a 13 de Agosto daquele anno, falecendo a 19 de Março de 1875. O seu lugar foi preenchido pelo conselheiro Manoel Francisco Correia, o 2.º senador da província do Paraná.

O

Embuyas

Ha tres qualidades, rosa, preta e amarella. Querem alguns que a embuya seja a canella das mais provincias, havendo em outros duvidas sérias. Parece que é uma *nectandra*, approximava á especie conhecida no norte do Brasil por *itaúba*. São arvores corpulentas que dão esplendida madeira, ganhando muito quando envernizada. Presta-se para todas ás obras finas. Na Misericordia de Curitiba ha na capella um revestimento de *embua* de curiosissimo achamalotado, semelhando casca de tartaruga. A abundancia dessa arvore é extrema no Paraná. Com ella e o *cipó-florão* (*bauhinia*) fazem-se lindos trabalhos de marcenaria. São arvores de setra acima. O tronco engrossa muito e esgalha á pouca altura. Será um *acrodiclidium*?

P

Campo Largo

Fundada em terras do capitão José Antonio da Costa, começou a prosperar em princípios de 1814. Construiu-se a igreja matriz em 1821. Elevada a villa em 1870 e a cidade em 1882. Dista 38 klometros de Curitiba. Tem um Club litterario fundado em 1875 e uma Sociedade de immigração, que lá creei a 24 de Dezembro de 1885.

E' cabeça de comarca desde 1874.

Q

Curitiba

O singelo e admiravel Saint-Hilaire, na sua *Viagem ás provincias de S. Paulo e Santa Catharina*, dá-nos elementos seguros e dignos de toda a fé, como são quantos nos ministra em suas conscienciosas obras, para julgarmos o que era Curitiba no anno de 1820. Compunha-se, nesse anno, de 220 casas quasi todas

terreas, mas de pedra e cobertas de telhas. Mostrava ruas largas e regulares, algumas calçadas. Tinha tres igrejas. A comarca, quinta das de S. Paulo, comprehendia 36,186 habitantes, dos quaes 10,652 pertenciam ao distrito; quasi todos gente livre, em geral branca. O milho vendia-se a 180 réis o alqueire (40 litros), o arroz duas patacas, o feijão um cruzado. O distrito que se estendia até ao municipio do Castro de um lado e a serra e do oniro até S. Francisco do Sul e Lapa, patenteou em 20 annos a seguinte diferença de população:

1818

Brancos dos dous sexos	6,140
Mulatos livres	3,036
Negros livres.	251
Homens livres	9,427
Mulatos escravos	544
Negros escravos	1,043
Total	11,014

1838

Brancos dos dous sexos	9,806
Mulatos livres	4,119
Negros livres.	289
População livre.	14,214
Mulatos escravos	704
Negros escravos	1,237
Total	16,155

O mesmo Saint-Hilaire, referindo opinião de Francisco de Paula e Silva Gomes, reproduzida por Sigaud (*Annuario do Brazil*) diz que desde 1822 os curitibanos pediam a sua separação de S. Paulo.

A altitude de Curitiba é de 895 metros acima do mar. Entretanto o capitão King, citado pelo marechal Daniel Pedro Müller, diz que essa altura é simplesmente de 183 braças (402,6)! E' raro descer a temperatura abaixo de zero, mas frequentissimo o thermometro centigrado marcar 4 graus e menos ainda. O frio é seco e agradável. Pela má disposição das fossas de despejo e poços de agua potável, têm por vezes aparecido epidemias de typho. Urge tratar da canalização das águas do rio Bareguy, embora não sejam bastante copiosas para as necessidades da população de Curitiba, cada vez mais crescente. Os rios, como o Ivo

e outros, estão hoje quasi seccos. O Belem, que corria para um espraiado e era causa de pestilencial pantano foi canalizado e hoje percorre em elegantissimas voltas mais de 800 metros dentro do formoso Passeio Publico, que consegui delinear como presidente da provincia e inaugurei, no dia 2 de Maio de 1886, graças ao valiosissimo auxilio do illustre e activo cidadão Francisco Fasce Fontana, um dos homens mais intelligentes e bem intencionados de Curitiba.

INDICE

Dedicatoria	3
Prefacio	5

CURIOSIDADES NATURAES DO PARANÁ

I — Os Buracos, a Lagôa, a Villa-Velha, a Gruta Santa, nos Campos Geraes	10
II — A Pedra partida e a Gruta do monge, A Gruta do Tapiressú, nos Campos de Curitiba	20
III — Gruta de Tapiressú	23
IV — Salto Visconde do Rio Branco	28
V — Excursão no Rio Iguassú	33

IMPRESSÕES E REMINISCENCIAS DA COSTA SUL E DE SANTA CATHARINA

I — As bellezas da costa meridional brasileira. Cabo Frio. Campos. Opiniões de D. Pedro II. Superaguy. Guilherme Michaud e seus desenhos. Sigwalt. O nucleo de Superaguy. Michaud, homem de real relevo	61
II — Digressões. Angra dos Reis e Paraty. Galdino Pinheiro. A bahia de S. Francisco do Sul. Os panoramas da costa catharinense. Itapocoroy. As minhas viagens pelo litoral de Santa Catharina com Manoel Moreira da Silva e outros amigos politicos. Episódios eleitoraes. Abnegação inexcedivel de Moreira	67
III — Campanha eleitoral de 1881. Cabala fatigantissima. Recursos dos adversarios. Viagem interrompida. Tomamos uma baleeira. Imminencia de naufragio. Na barra de Itajahy. Escapamos à morte. Ida aos Ganchos. Gran-	

diosidade do littoral catharinense. Doçura das reminiscencias destas viagens. Poema decantador da aspera cabala	73
IV — O pleito eleitoral de Janeiro de 1886. Competidor terivel. Sobresaltos e ancedade. Difficuldades com os cor religionarios durante a minha presidencia do Paraná. Singular projecto de reforma da instrucção publica. Palavras do Barão do Serro Azul. Sordidez da politica gem de aldeia. Manoel Euphrasio Correia. Suas grandes qualidades. As iras partidarias no Paraná. Dedicação de Manoel Moreira. O triumpho de 15 de Janeiro de 1886. Morte do Barão da Laguna. Os grandes meritos deste illustre servidor do Brasil. Amizade que me consagrava. Tocante prova de affeição. A campanha senatorial. A morte de Maneca Moreira	80
V — O Morro do Antão. Panorama admiravel que do seu cume se desfructa	90
VI — A proposito da campanha eleitoral de 1884	95
AS CALDAS DA IMPERATRIZ	101
NOTAS	119